



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

O Poder das notícias de crime:

Imprensa versus Televisão

Marisa Toste Oliveira

Dissertação de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Anabela Maria Gradim Alves

Covilhã, Junho de 2012

Nota: Esta Dissertação de Mestrado está escrita sob o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dedicatória

Dedico esta Dissertação de Mestrado a uma pessoa que amei, que amo e que vou sempre amar, a minha avó materna Maria de Lurdes,

Descansa em paz.

Agradecimentos

Este trabalho só foi concluído, porque muitas pessoas contribuíram, de várias maneiras, para a sua realização.

À professora Anabela Gradim, por me ter ajudado na realização do meu trabalho e sobretudo pela confiança e apoio que me deu.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram ao longo da minha vida. Com amor agradeço.

Aos meus padrinhos que me têm dado apoio incondicional durante a minha vida. Com saudade agradeço.

Às minhas amigas e amigos que sempre acreditaram em mim e me ajudaram muito. Agradeço com gratidão.

Por fim, faço referência a duas pessoas sem as quais elas não seria a pessoa que sou hoje e mostraram o verdadeiro sentido do que é a amizade, Diana e Mirian, obrigado por tudo.

Obrigado.

Resumo

A presente investigação centra-se em saber qual dos dois meios de comunicação escolhidos, nomeadamente, o jornal e a televisão tem mais impacto nas pessoas quando transmite uma notícia de crime, e perceber quais são os fatores que contribuem para isso. Como fio condutor desta investigação foram tratados vários temas importantes até chegar ao estudo prático. A evolução dos *media*, a criminalidade em Portugal nos últimos onze anos, a relação entre violência e a criminalidade com a sociedade contemporânea, a imagem nos meios de comunicação, bem como a relação entre os *media* e a sociedade e, os seus efeitos na mesma, foram os assuntos tratados na parte teórica deste trabalho académico.

Entre as várias conclusões obtidas nesta dissertação de mestrado, verificou-se que a evolução dos meios de comunicação foi um marco no desenvolvimento da vida do ser humano; que a criminalidade em Portugal diminuiu em 2011 face a 2010, que a sociedade atual “sofre” com os vários efeitos dos *media*, como é o caso da manipulação e violência das imagens; que a televisão é o meio de comunicação que causa mais impacto nas pessoas quando transmite notícias de crime, e que o jornal é o mais realista e o mais verdadeiro quando transmite as essas notícias.

Palavras-chave

Criminalidade; Homicídio; Imagem; Impacto; Jornal; *Media*; Sociedade; Televisão; Violação; Violência

Abstract

The present investigation is focused in discovering which media, namely, the news paper or television, causes more impact on the public when transmitting the news of a crime and what are the contributor factor for that. As a thrust for this investigation it was studied several important points until the practical study. The media evolution, the criminality rate in Portugal for the past 11 years, the relation between violence and contemporary's society's criminality, media's image, as well as the relation between the media and society, and its effects on the second, were all subjects of study on the theoretical part of this academic project.

Among the various conclusions obtained in this masters dissertation, it is showed that the evolution of the media was key for the human being's development; that criminality rate in Portugal lowered from 2010 to 2011, that today's society "suffers" with the various effects from the media, like the manipulation and violence of images; that television is the type of media that impacts the most on the public when transmitting crime related news, but that news papers are more realistic and true when transmitting the same news.

Keywords

Criminality; Murder; Image; Impact; News Paper; Media; Society; Television; Rape; Violence

Índice

Dedicatória.....	vi
Agradecimentos	viii
Resumo e palavras-chave	x
Abstract e keywords	xii
INTRODUÇÃO	1
I CAPÍTULO - ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	3
1. Evolução dos meios de comunicação	3
II CAPÍTULO - CRIMINALIDADE EM PORTUGAL NO SÉCULO XXI	16
III CAPÍTULO - VIOLÊNCIA, CRIME, SOCIEDADE	23
1. Conceito de violência e crime.....	23
2. Violência, crime e sociedade	29
IV CAPÍTULO - A IMAGEM E OS <i>MEDIA</i>	33
1. Imagem: evolução e interpretação	33
2. A imagem nos <i>media</i> contemporâneos	38
V CAPÍTULO - O IMPACTO DOS <i>MEDIA</i> NA SOCIEDADE	43
1. A violência e o crime nos <i>media</i>	43
2. <i>Media</i> e sociedade	47
2.1. Crianças	52
2.2. Escola	55
2.3. Adolescentes	56
2.4. Família.....	59

VI CAPÍTULO - ESTUDO DE CASO	62
1. Metodologia	62
2. Análise quantitativa dos resultados obtidos através dos inquéritos	64
3. Conclusões dos dados obtidos na investigação	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
ANEXOS	90
Notícia de homicídio.....	91
Notícia de violência.....	93
Inquérito da investigação	95

Lista de Gráficos e Tabelas

Gráfico 1	17
Gráfico 2	18
Gráfico 3	19
Tabela 4	20
Gráfico “Género”	63
Gráfico “Idade dos inquiridos”	64
Gráfico “Idade/Mulheres”	64
Gráfico “Idade/Homens”	64
Gráfico “Curso”	65
Gráfico “Grau Académico”	66
Gráfico “Género/Grau”	66
Gráfico “Mulheres/Curso”	67
Gráfico “Homens/Curso”	67
Gráfico “Pessoa informada do mundo”	67
Gráfico “Acedem às notícias através do jornal”	68
Gráfico “Acedem às notícias através da televisão”	68
Gráfico “Acedem às notícias recorrendo à Internet”	68
Gráfico “Acedem às notícias através da rádio”	68
Gráfico “Quantas vezes acedem às notícias do jornal”	69
Gráfico “Quantas vezes acedem às notícias através da televisão”	69
Gráfico “Quantas vezes acedem às notícias recorrendo à Internet”	69
Gráfico “Quantas vezes acedem às notícias através da rádio”	69
Gráfico “ <i>Media</i> preferido para aceder às notícias”	70
Gráfico “Mulheres/ <i>Media</i> preferido”	70
Gráfico “Homens/ <i>Media</i> preferido”	71
Gráfico “Notícia que captou mais atenção”	72
Gráfico “Motivo que chocou a notícia”	72
Gráfico “Os fatores que mais impressionaram na notícia de homicídio”	73
Gráfico “Os fatores que mais impressionaram na notícia d violação”	73
Gráfico “ <i>Media</i> que contribuiu para a notícia mais chocante”	74
Gráfico “ <i>Media</i> mais realista e verdadeiro quando transmite notícias de crime”	74
Gráfico “ <i>Media</i> que provoca mais impacto quando transmite notícias de crime”	75
Gráfico “Razão de escolha do <i>Media</i> ”	76
Gráfico “Níveis de sensacionalismo”	77

Gráfico “Mulheres/Sensacionalismo <i>Media-Crime</i> ”	77
Gráfico “Homens/Sensacionalismo <i>Media-Crime</i> ”	78

Introdução

Os *media* têm atualmente uma grande influência na sociedade. O jornalismo desenvolveu-se extraordinariamente no último século e conseguiu abrangendo temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano, tornar-se universal. Assim, este trabalho defende que seria preferível em vez de falar de um jornalismo especializado, falar sim em “jornalisms” que abrangem várias áreas especializadas. Política, economia, ciência, crime, desporto são algumas das áreas que o jornalismo atual trata e controla de forma especializada.

Nesta dissertação de mestrado escolhemos como objeto um destes tipos de jornalismo: o jornalismo criminal, uma área onde, para muitos, o sensacionalismo prevalece. Será este facto verdadeiro? Sem dúvida os meios de comunicação têm um grande poder sobre as pessoas. Conseguem influenciar os seus pensamentos, atitudes, sentimentos, atos, etc. Para além disto, os meios de comunicação conseguem captar a grande atenção do público, e isto sucede principalmente com as notícias que relatam tragédias, crimes, casos de doenças, entre outras. Como diz Cristina Carmona Penedo: “*O crime revela-se como matéria muito apelativa no resgate da atenção do público, tendo em conta o potencial dramático e emotivo das suas histórias, através das quais se perscruta o lado mais sombrio e enigmático da natureza humana, acicatando os olhares mais voyeuristas, exacerbando sentimentos*”.¹

O tema abordado nesta dissertação será *O poder das notícias de crime: Imprensa versus Televisão*, tendo como questão central “Qual destes dois meios de comunicação tem mais impacto nas pessoas, quando transmite notícias sobre crime?” Esta é uma questão que merece ser estudada, pretendendo-se que a partir dos resultados obtidos poderar-se-á verificar qual destes meios de comunicação é o meio mais “forte” a transmitir este género de notícias e mais apelativo para as pessoas.

Antes de apresentar cada capítulo deste trabalho, iremos definir a palavra impacto, uma das palavras centrais desta tese. Dizer que uma notícia tem impacto numa pessoa é quando esta consegue captar um sentimento ou uma emoção da pessoa. Se esta notícia transmitir um acontecimento chocante, onde as imagens são explícitas e a linguagem é “forte” e pormenorizada, o telespectador terá uma reação a essa notícia - dará a sua opinião, discute-a, fala sobre ela, etc. Ou seja, o impacto é quando algo nos afeta pela negativa ou pela positiva.

O I Capítulo desta dissertação é composto pelo enquadramento histórico. Nesta parte foi feito um breve resumo sobre a evolução dos meios de comunicação até à atualidade (pinturas, manuscritos, livro, jornal, rádio, televisão e internet).

¹ PENEDO, Cristina Carmona, *O Crime nos Media: O que nos dizem as notícias quando nos falam de crime*, Lisboa: Livros Horizonte, cop. 2003, p.13

A criminalidade em Portugal no século XXI é o assunto abordado no II Capítulo. Este ponto é composto por vários gráficos e uma tabela, onde todos os dados apresentados têm por fonte os Relatórios Anuais de Segurança Interna, do Ministério da Administração Interna.

No III Capítulo intitula-se por “Violência, criminalidade, Sociedade”. Este capítulo tem como objetivo definir o conceito de violência, bem como o de criminalidade. Num segundo ponto, é tratada a relação da violência e da criminalidade com a sociedade.

A *imagem nos media* é o título do IV Capítulo desta dissertação. Esta parte é fulcral neste trabalho, pois a evolução das novas tecnologias permitiu a evolução nos modos de reproduzir e transmitir a imagem. No jornalismo a imagem é extraordinariamente importante, pois o leitor ou telespectador visualiza o crime principalmente a partir da imagem. Pode dizer-se que a imagem permite “pôr a pessoa no local do crime”.

No V capítulo será feita uma abordagem sobre a violência e o crime nos *Media* e sobre os *Media* e a sociedade, destacando as crianças, adolescentes e a família.

No VI Capítulo irão ser apresentados os resultados do estudo sobre os dois casos de crime trabalhados na dissertação, nomeadamente, assassinato e pedofilia. Este capítulo é concluído com a análise a apresentação dos resultados obtidos através dos inquéritos, através dos quais pretende-se obter uma ideia mais clara acerca das diferenças de impacto de uma mesma notícia de crime veiculada em meios de comunicação distintos, que neste caso foram o jornal e a televisão.

Neste trabalho obteve-se uma resposta concreta sobre o problema que foi colocado inicialmente neste estudo. A televisão destacou-se do jornal, como sendo o meio de comunicação que tem mais impacto na transmissão de notícias de crime. Por outro lado, o jornal foi considerado o meio mais verdadeiro e mais realista na transmissão de notícias de crimes violentos, devido aos pormenores que apresenta no relato dos factos.

I Capítulo - Enquadramento Histórico

Este I capítulo é dedicado à evolução da comunicação, onde será feita uma seleção dos acontecimentos mais importantes que contribuíram para a forma que os meios de comunicação assumem hoje.

Neste ponto foram utilizadas várias obras de autores reconhecidos a nível mundial para explicar, num breve resumo, esta evolução tão importante para o desenvolvimento do homem. Das pinturas rupestres aos gritos, do aparecimento da escrita ao jornal, da televisão à Internet, muitas foram as formas de comunicação que o homem utilizou durante a sua evolução, ao longo dos anos.

1. Evolução dos meios de comunicação

Desde a nossa Pré-História que, a comunicação se constitui como um marco na evolução do ser humano. É através dela que o homem se conhece e se dá a conhecer, como defende Vítor Silva Lopes “...é pela expressão verbal que as pessoas exteriorizam ideias e exprimem sentimentos” (LOPES, Victor. 1982:6).

Desde o homem primitivo até ao homem da atualidade, a evolução dos meios de comunicação, ao longo dos tempos, contribuiu para o alargamento das relações entre as comunidades e sociedades humanas de todo o mundo.

A Pré-História é marcada pela ausência da escrita, sendo a arte rupestre e a comunicação verbal, os meios de comunicação dominantes desta época, “...os desenhos gravados em pedra espalhados por quase todas as partes do mundo, sob a forma de cruces, rodas, sinais antropomórficos...,geométricos, no entanto, o seu carácter ritual impede-os de aceder à independência da escrita” (FRABRE, Maurice. 1966:23).

O homem primitivo utilizava as paredes das cavernas e as superfícies rochosas ao ar livre para as suas representações artísticas - personagens, animais, armas, entre outros objetos característicos do quotidiano antigo - como forma de comunicação. Esta forma de comunicação foi substituída pelos gestos, saltos e gritos. Os primeiros sons vocais dos primatas eram aleatórios, instintivos e sem significado, mas com o decorrer do tempo, foram tomando consciência desses sons, memorizando-os e transmitindo-os para toda comunidade. Após memorizarem um determinado som, davam-lhe um significado para que todos da comunidade pudessem compreender-se entre si. Nesta fase, os povos comunicavam entre si através de uma linguagem pouco desenvolvida, baseada nos sons, sem a elaboração de palavras. Devido a este facto, as pinturas rupestres foram o meio de comunicação muito

importante e permitiram ao homem trocar mensagens, passar ideias e transmitir desejos e necessidades.

Esta habilidade de desenhar desenvolveu-se 30.000 a 25.000 a.C. com o aparecimento da *pictografia* (do latim *picto* - pintado + grego *graphie* - letra), quando a cultura da Antiga Idade da Pedra passou para o estágio Paleolítico Superior (*Homo Sapiens*). Esta arte consistia numa forma de escrita, pela qual, o homem primitivo transmitia ideias, sinais e palavras, através de desenhos figurativos. Os simples desenhos que o homem utilizava passaram a ser mais elaborados, com cores e com a ilusão de movimento. Representavam na sua maioria animais correndo, saltando e enfrentando os caçadores. “*O Homo Sapiens transcreveu nos seus alvares o que tinha visto, em formas figurativas, as quais testemunham a existência de uma destreza manual crescente, pela depuração formal e imitação gráfica do movimento. A pictografia ou representação naturalista/figurativa do mundo visível impregnaria profundamente a evolução até às formas de escrita ideográfica ou logográfica, as quais só surgiram quando a notação gráfica se libertou da figuração herdada dos pictogramas*”².

Existiam dois tipos de pictogramas: os pictogramas-sinais e os pictogramas-signos. O primeiro era empregado, somente, como auxiliar de memória. Já o segundo trazia consigo as suas significações (desenhos falantes). No entanto, a pictografia ainda não era um tipo de escrita, pois não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas. “*Situamo-nos aqui no domínio da pré-escrita, porque ainda não há representação pormenorizada da língua e as representações podem ser compreendidas por pessoas que não se compreendem quando falam entre si, que não têm a mesma língua, apenas com a condição de estarem integradas na mesma civilização e interpretarem igualmente diversas representações esquemáticas e simbólicas*” (COHEN, Marcel. 1961:17).

Foi somente na antiga Mesopotâmia que um tipo de escrita foi elaborado e criado, cerca de 4000 a.C. “*Os antigos documentos sumérios mostram a origem pictográfica da escrita*” (COHEN, Marcel. 1961:44). Os sumérios criaram a *escrita cuneiforme*, enquanto os egípcios desenvolviam outro tipo de escrita, uma forma assente em pictogramas (várias imagens figurativas que representam coisas), fonogramas (símbolos que representam sons) e outros signos determinantes em escrita ideográfica, sem vogais. Este sistema de escrita criado por volta de 3500 a.C., recebeu a designação de *escrita hieroglífica*³ e era usado para servir os rituais religiosos, os monumentos estatais e as comemorações de acontecimentos militares.

O surgimento da escrita representa a transição da Pré-História para a História e uma evolução importante para a humanidade “*...Considere-se este facto, que marca bem a prodigiosa importância que tem para a humanidade...e abre uma nova Era, a Era da civilização da escrita*” (FRABRE, Maurice. 1966:23). Após o seu aparecimento, a escrita passou por um longo processo de evolução até chegar aos sistemas alfabéticos atualmente utilizados, com inúmeras mudanças e transformações. Esta evolução foi iniciada com a escrita

² Ver: http://simaocc.home.sapo.pt/e-biblioteca/pdf/agraficas_texto1.pdf, p.3

³ *Hieroglífica* provém da palavra grego *hieros* que significa sagrado e da palavra *eghyhhein* que significa gravar

ideográfica, isto é, a escrita das ideias (cuneiforme, hieroglífico e chinês), que foi gradualmente conduzida para a escrita analítica, a escrita das palavras, e por fim, para o fonetismo (quer seja síbica ou alfabética), sistema onde as palavras passaram a ser decompostas em unidades sonoras. Por seu turno, o fonetismo aproximou a escrita da sua função natural que é a de interpretar a língua falada, a língua oral e a considerada como som. O homem ao decompor o som das palavras percebeu cada palavra era independente e nitidamente diferenciável das restantes. Daí surgiram dois tipos de escrita: a silábica, fundamentada em grupos de sons e a, alfabética, onde cada sinal corresponde a uma letra.

Desta progressão resultou *“a escrita em fonogramas simples, que representam um único som, chamadas letras, cujo conjunto constitui o alfabeto”* (COHEN, Marcel. *Ibid:57*). Tal como outros alfabetos, como por exemplo, o hebraico, o nosso alfabeto teve como origem o alfabeto fenício, constituído por vinte e dois signos, que permitiam escrever qualquer palavra. Adotado pelos gregos, no século IV, este alfabeto foi aperfeiçoado e ampliado passando a ser composto por vinte e quatro letras, divididas em vogais e consoantes. A partir do alfabeto grego surgiram outros, como o gótico, o etrusco e, finalmente o latino, que com a expansão do Império Romano e o domínio do mundo ocidental, se impôs em todas as suas colónias, *“...O alfabeto grego vai, por sua vez, dar origem a outros...nos primeiros tempos da Idade Média”* (FABRE, Maurice. *Ibid:32*).

Ultrapassados os tempos antigos, o homem tem nas suas mãos a posse da escrita, que consiste num código capaz de transmitir e conservar ideias abstratas ou valores concretos, em palavras. Os primeiros manuscritos à mão da Antiguidade eram feitos de materiais da natureza: pedra, argila, madeira, cobre, bronze, ferro, entre outros. Para tornar a escrita mais fácil, foi criado no Egipto, no 3º milénio, o papiro e depois o pergaminho. Nesta altura, o livro apresentava-se como um rolo de altura inferior a 20 centímetros e fácil de transportar. Aos poucos o papiro foi substituído pelo pergaminho, pois este se conservava mais ao longo do tempo.

Já na Idade Média livro continua a sua evolução, com o aparecimento das margens, das páginas em branco, da pontuação, bem como o uso das letras maiúsculas. Um marco desta evolução foi a substituição do pergaminho pelo papel.

O formato do livro também sofreu alterações, agora apresentava-se como uma compilação de páginas, um exemplo disso foi o códex grego. Este era um texto manuscrito em folhas encartadas, dobradas e costuradas, formando uma espécie de caderno. Eram confeccionados como verdadeiras obras de arte, as encadernações, assim como as ilustrações, eram executadas por artistas com a utilização de placas de marfim, cobre, prata e ouro maciço com incrustações de pedras preciosas. Durante esta época o livro era praticamente uma exclusividade da Igreja, onde os monges eram herdeiros de egípcios, que se dedicavam a reproduzir obras importantes.

Mas a invenção mais importante aconteceu no final da Idade Média, foi a impressão, no século XIV. Inicialmente consistia na gravação do conteúdo de cada página em blocos de

madeira. Estes eram mergulhados em tinta e o conteúdo era transferido para o papel, produzindo várias cópias.

Foi então, que em 1440, *Johannes Gutemberg* desenvolve a imprensa. É graças a esta invenção e ao desenvolvimento constante dos transportes que o jornal vai, pouco a pouco, desenvolver-se a partir do século XVII. Por seu turno, a imprensa periódica impressa só surgiu mais de um século e meio após a invenção da tipografia, tendo sido precedida por um desenvolvimento de escritos de informação dos mais diversos tipos.

“O jornal, esse, é a vida do universo no segundo que passa, um gigantesco eco de dimensão planetária, que repete tudo, imediatamente ao leitor” (FABRE, Maurice. *Ibid*:52). Maurice Fabre explica no seu livro *História da Comunicação*, que desde o seu surgimento, o jornal estabeleceu uma ligação muito próxima com o tempo, em que este último *“faz pressão sobre aquele, com o seu fluxo irresistível de fatos, notícias, acidentes, revelações. Fá-lo apressar-se, precipitar-se, empurra-o sem piedade”* (FABRE, Maurice. *Ibid*:55). O autor pretende explicar que os profissionais de jornalismo têm que correr contra o tempo, estando sempre em cima do acontecimento e até, por vezes, antecipá-lo. Arremata o seu pensamento dizendo: *“Que existe de mais morto que um jornal da véspera?”* (Mauro, Fabre. *Ibid*:55), isto é, a notícia tem que relatar um acontecimento vivo, “fresco” e atual.

A partir do século XVII, os jornais semanários expandiram-se por toda a Europa, especialmente na França e na Alemanha. Tinham diferentes títulos: *relatione* em latim, *occasionnel* em França, *Zeitung* na Alemanha e *gazzeta* em Itália. José Tengarrinha, na sua obra *“História da Imprensa Periódica Portuguesa”*, explica que esta expansão da comunicação entre os povos deve-se *“ao alargamento dos contactos entre grupos e sociedades humanas, despertando a curiosidade pelo que se passava além do pequeno horizonte quotidiano ou mesmo provocando a necessidade de informações úteis, impôs a notícia”* (TENGARRINHA, José. 1989:25).

O jornalismo em Portugal, como em qualquer outro país, nasceu da confluência de três fatores distintos: o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e o interesse do público pela notícia. A primeira folha noticiosa manuscrita portuguesa é datada de 19 de Outubro de 1588 e intitulava-se *Notícia da Infelicidade da Armada de Sua Majestade Que Escreveu o Mestre de Santa Catarina*. Mas a imprensa oficial em Portugal surgiu em 1641, “A Gazeta da Restauração”, em Lisboa e tinha como objetivo relatar as notícias deste período, marcando, desta forma, o início da propaganda política. O primeiro jornal diário a ser publicado foi o *Diário de Notícias*, em 1864. Era um jornal diferente dos restantes jornais portugueses de então, nos conteúdos (noticiosos), no estilo (claro, conciso, preciso e simples), na forma, nomeadamente no aspeto (paginação a quatro colunas e não a duas ou mesmo a uma, conforme era habitual) e na dimensão (que já era de jornal, portanto sensivelmente semelhante aos atuais tabloides, e não mais de panfleto ou livro).

No final do século XIX e no início do século XX, o jornal tornou-se um produto corrente, *“essa época foi, em vários sentidos, a verdadeira idade do ouro da imprensa: seu*

mercado estava em expansão constante e...não precisava temer nenhuma concorrência porque era o único meio de informação coletivo” (TENGARRINHA, José. Ibid:25).

Porém, no princípio do século XX, os meios de comunicação continuaram a evoluir com o aparecimento dos meios audiovisuais, como a rádio, em 1920 e como a televisão em 1929 que vieram para disputar a primazia da informação que cabia à imprensa. A concorrência levou os jornais a criarem novos gostos ao seu público, tornando-se mais apelativos para captarem a sua atenção. A composição do jornal sofreu uma grande revolução devido à descoberta dos tipógrafos e fundidores de caracteres. O número de páginas aumentou significativamente, a paginação apresentava diferentes formatos com imagens, colunas, etc. Ao longo do tempo, o jornal sofreu vários progressos e os fatores que contribuíram para isso foram *“generalização da instrução, urbanização crescente, desenvolvimento dos transportes e meios de comunicação, ampliação do campo de informação dos jornais e da curiosidade dos seus leitores, mas também da redução do preço de venda”* (TENGARRINHA, José. Ibid:52).

Com o aparecimento dos novos meios de comunicação, os jornais tiveram de adaptar-se a esses concorrentes, que restringiam fortemente o tempo de leitura, revelavam as notícias antecipadamente e criavam no público curiosidades e necessidades novas *“Os jornais só vão conhecer uma paragem no seu crescimento...quando os novos mass media, a rádio e a televisão, modificam radicalmente o panorama da comunicação social”* (CRATO, Nuno. 1987:51). O jornalismo escrito tornou-se um complemento do jornalismo falado e televisão, que apresentava notícias locais e os factos do dia-a-dia que os meios audiovisuais não podiam cobrir de forma regular.

“A rádio, sendo o mais novo meio de comunicação até então conhecido, parente mais próximo dos jornais, procurará no início da sua vida preencher o silêncio, e fá-lo-á através de todas as formas de expressão já existentes...” (Cristo, Dina. 2005:39).

Os primeiros passos para a descoberta da rádio começaram a ser dados em 1863 quando em Cambridge, Inglaterra, *James Maxwell* demonstrou teoricamente a possível existência de ondas eletromagnéticas unificando toda a teoria de *Faraday*, *Lorentz*, *Gauss* e *Ampere*. Apesar de várias descobertas de vários cientistas mundiais, como foi o caso do professor alemão *Henrich Hertz* que comprovou na prática, em 1890, a existência das ondas eletromagnéticas, chamadas hoje de “ondas de rádio”, foi *Guglielmo Marconi* o pai da rádio. Pelos resultados dos estudos de *Hertz*, *Marconi* concluiu que tais ondas poderiam transmitir mensagens e, assim, em 1895, fez suas primeiras experiências, com aparelhos rudimentares.

Em Portugal, as primeiras emissões de rádio começaram em 1924. Um dos pioneiros foi *Abílio Nunes dos Santos Júnior*, que instalou o emissor CT1AA, com programação constituída por peças tocadas ao vivo, dentro de um reportório de música clássica. As estações pertenciam a comerciantes, gestores de hotelaria e militares, chamados amadores da rádio. Em 1931, apareceu a primeira estação moderna, a Rádio Clube Português (RCP), que apresentou ao seu público uma programação voltada para a música popular (portuguesa, espanhola e americana), programas infantis, informação, religiosos e de crítica musical. Pouco tempo depois, em 1935, começou a Emissora Nacional, com outra estrutura. Um dos

maiores êxitos na sua programação foi o “Retiro da Severa”, local de transmissão de música popular (fado). A terceira grande estação a inaugurar as suas emissões foi a Rádio Renascença, ligada à Igreja Católica, em 1937.

No final da década, estava formado o panorama da rádio em Portugal, e que perduraria até à mudança de regime político, em 1974. Os chamados anos de ouro da rádio, que oscilaram entre 1930 e 1950, traduziram-se num fenómeno de radiodifusão que procurou reedificar a realidade dentro do estúdio, com dramatizações e espetáculos produzidos na própria estação emissora. Os programas humorísticos estavam sob vigilância da censura, obrigando a manobras linguísticas para que os textos passassem. Muitos “sketches” faziam piadas disfarçadas ao regime, à semelhança do que se fazia no teatro de revista. *“Os anos 30 marcam o grande arranque da Rádio. Além da Emissora Nacional (hoje, Radiofusão Portuguesa) e da Rádio Clube Português (hoje, Rádio Comercial, agregada à RDP), surgiu a Rádio Renascença”* (LOPES, Victor. 1982:86).

Ao longo dos anos que o salazarismo dominou a comunicação social, a rádio revelou-se um aparelho técnico e discursivo ao serviço dos interesses de poder, e um instrumento para a legitimação da ditadura. Era o Estado que atribuía as frequências, e por isso, o sistema estava altamente controlado. O grande objetivo da programação da rádio centrava-se na função de entretenimento, estabelecendo uma comunicação radiofónica pouco original, através de programas que procuravam acima de tudo, distrair os ouvintes dos verdadeiros problemas que afetavam a nação. *“O regime serviu-se da rádio assim como a rádio se serviu do regime...a rádio estava bem inserida nos condicionalismos sócio-políticos-económicos coevos”* (CRISTO, Dina. 2005:13).

Em termos tecnológicos, a grande novidade, nos anos 60, foi a transmissão em simultâneo de ondas médias e por modulação de frequência, significando maior qualidade na receção dos ouvintes. Ao longo desta década, a rádio começou lentamente a assumir um papel de divulgação da cultura. A informação passou a ser um elemento central para os programas que se especializaram em torno de temáticas tão diferentes como a informação de atualidade ou a divulgação musical, *“...nos anos 60 que a rádio se tentou libertar das antecessoras formas de comunicação, procurando superá-las, numa busca da sua própria identidade, ao encontro s adua especificidade”* (CRISTO, Dina. *Ibid*:39).

Já nos anos 80, brotou o fenómeno das rádios piratas, reconvertidas em rádios locais, de proximidade ou temáticas, de que se destacou a TSF, que apostaria na informação, nomeadamente a política. Já na viragem para o século XXI, o desafio tecnológico da rádio chama-se digitalização, com vantagens como melhor qualidade de registo de programa, perfeita fiabilidade na transmissão e receção, articulação com vários suportes (imagem, por exemplo), disponibilização de cópias em vários suportes (caso da internet). Isso permite que, com uma estrutura mínima, se faça uma estação de rádio local, mas com alcance mundial.

Nesta altura, a rádio foi um meio que assumiu uma relação privilegiada com o público, não só pela estrutura da comunicação como por se assumir como um meio de comunicação bidirecional, que potenciava e continua a potenciar a participação dos recetores

na comunicação. Esta relação contribuiu para o aumento das potencialidades comunicativas da rádio e, através das suas características, transformar a rádio num meio essencialmente interativo. Comparada com a imprensa, a rádio reúne, desde sempre, vantagens sobre o jornalismo impresso *“vence a distância, sem que o repórter necessite de sair do próprio local do acontecimento, para transmitir notícias; está ao alcance dos analfabetos...além de informar, diverte”* (LOPES, Victor. 1982:67).

A rádio continuou a inovar o seu discurso, dependente não só da novidade introduzida por um novo meio de comunicação, mas sobretudo para contrariar a uniformidade da comunicação instrumentalizada pelo Estado Novo. Foi o nascimento de uma nova fase mais moderna da rádio portuguesa, *“...a rádio nova vai ser a voz diferente, distante da militância política estrita...que assegurará um efetivo esclarecimento da opinião pública. Nascida com o Estado Novo, nela o regime morrerá”* (CRISTO, Dina. 2005:14). Testaram-se novas configurações, que se opunham no campo do discurso e da expressão, e desenvolveram-se novas ideias especialmente no campo musical e da ficção.

O 25 de Abril de 1974 foi e continua a ser uma data histórica e muito importante para Portugal. A rádio desempenhou um papel decisivo na revolução que instaurou a democracia no nosso país. Foi através desta que se mobilizaram as forças militares.

A grande mudança na rádio portuguesa efetivou-se com a revolução que restabeleceu a democracia. O panorama alterou-se de forma gradual, passando de uma situação que se caracterizava, em termos muito gerais, pela existência de meios de comunicação social em poder do Estado, para o domínio de *media* privados (SIC e TVI).

Face à evolução quer do meio, quer da sociedade e do sistema económico-comercial em que a rádio se integra, o formato de programação da rádio dos anos 80 cedeu lugar a outros, mais específicos, que procuravam ir ao encontro de públicos cada vez mais definidos. A profissionalização da rádio decorreu consoante a necessidade de adaptação do conteúdo ao público, e a consequente, na definição de públicos específicos para cada estação.

Historicamente, o interesse de se criar o aparelho “televisão” aparece desde o século XIX. Nesta época, grandes conceitos desenvolvidos na matemática, na física e na química foram os precursores fundamentais da tecnologia utilizada na criação dos aparelhos de TV. Por volta da década de 1840, vários cientistas estudavam a possibilidade de se realizar a transmissão de imagens em grande distância. No ano de 1842, *Alexander Bain* conseguiu executar um projeto de envio telegráfico de uma imagem. Em 1920, realizaram-se as verdadeiras transmissões, graças ao inglês *John Logie Baird*, através do sistema mecânico baseado no invento de *Nipkow*. Ao contrário das outras tentativas, esse estudioso conseguiu aprimorar bastante a nitidez da imagem e do som com o aparelho por ele produzido.

Quatro anos depois, em 1924, *Baird* transmitiu contornos de objetos à distância e no ano seguinte, fisionomias de pessoas. A partir de então, o aparelho “televisão” foi sendo aprimorado até que o mesmo pudesse ter maior viabilidade comercial. No ano de 1923, o russo *Wladmir Zworykin* desenvolveu um tubo de imagem chamado de iconoscópio. Surgiu então, o primeiro modelo de televisor a ser produzido em escala industrial.

Chegando ao ano de 1930, o televisor ganhou novos reparos até se transformar num produto de maior exequibilidade comercial. Em 1935, os alemães foram os grandes responsáveis por realizar a primeira transmissão televisiva. Em pleno nazismo, esse tipo de recurso tecnológico foi incrivelmente empregado para a divulgação do regime liderado por *Adolf Hitler*. Pouco tempo depois, franceses e britânicos também investiram na construção de estúdios e na transmissão de imagens.

Desde este período, os estudiosos interessados por esse tipo de tecnologia já testavam algumas possibilidades de transmissão de imagens coloridas. Tal feito só foi alcançado em 1954, quando a emissora norte-americana NBC empregou um sistema compatível com os televisores preto e branco para realizar a transmissão de imagens coloridas. Em 1962, o satélite *Telstar* realizou a primeira transmissão intercontinental enviando sinais de TV dos Estados Unidos para o Velho Mundo.

Perante o fascínio que o novo meio despoletou, a rádio foi obrigada a mudar. “O ingresso do rádio ao ciberespaço ampliou seu alcance e os canais para a circulação da mensagem além do aparelho recetor tradicional de sinais de antena; qualquer computador que tenha conexão à REDE pode aceder ao meio. Com a rede o rádio diversificou seus serviços, seus conteúdos e suas emissões, dando-lhe outro ritmo de produção e distribuição diferente ao modo linear conhecido, que transmite em tempo real e ao vivo.”⁴

O final da década de noventa e o início do século XXI apresentaram novos desafios para a comunicação social em geral, em particular à rádio. “A rapidez da implantação da televisão em todo o mundo, a rádio viu a sua audiência decrescer, obrigando-a a modificar os seus hábitos e o seu estilo, aproveitando também ela do progresso técnico”. (Pierre 103)

Em Portugal, a televisão deu os primeiros passos, a preto e branco, em 1956⁵. As emissões regulares tiveram início em 1957, pela Radiotelevisão Portuguesa (RTP). Nos anos seguintes, a RTP chegou ao Porto, à Madeira e aos Açores, e depois cobriu todo o território nacional, com delegações nas diversas regiões. Em 1959, foi criado o primeiro Telejornal (RTP). Em 1968, tiveram início as emissões do segundo canal da RTP (RTP2), em 1971 a RTP Madeira e a RTP Açores, em 1975. As primeiras emissões a cores, em Portugal, foram transmitidas em 1976, durante as eleições presidenciais, porém só em 1980 é que começaram as emissões regulares a cores, sendo o Festival RTP da canção, o primeiro programa emitido a cores no nosso país.

O aparecimento da televisão privada em Portugal ocorreu em Outubro de 1992, com a SIC (Sistema Independente de Comunicação). Esta estação televisiva trouxe ao espaço audiovisual nacional um valioso contributo para a pluralidade e independência da informação. A informação foi e continua a ser uma das grandes apostas da SIC e foi a primeira a fixar um

⁴ Ver: <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/periodicos/f0d9405ab2a47cc0c4e42cecf4bc13be.pdf>, p.2

⁵ “A primeira emissão de TV aconteceu no nosso país na noite de 4 de Setembro de 1956”. Citação retirada do livro de DA SILVA, Lopes e TEVES, Vasco Hogan, *Vamos falar de Televisão*, Editorial Verbo, Lisboa, 1971, p.93

espaço claro no panorama televisivo, tornando-se rapidamente no sinónimo de independência, rigor, qualidade e irreverência.

A Televisão Independente (TVI) foi a segunda estação de televisão privada nacional. As suas transmissões iniciaram-se em Fevereiro de 1993, como o quarto canal generalista. Em 2005, conseguiu roubar a liderança de audiência, que até então, era da SIC e em 2011 este feito repetiu-se pelo sétimo ano consecutivo.

A transmissão da televisão por cabo surgiu em Portugal em 1994 e permitiu o aparecimento de mais canais televisivos nacionais e estrangeiros, proporcionando ao telespetador um leque mais abrangente de opções.

Não foi por mero acaso que televisão foi considerada a caixinha que revolucionou o mundo. Nenhum meio de comunicação teve a capacidade de movimentar massas, incutir ideias, construir sociedade, formar e mudar a visão que o cidadão tem do mundo, através de um simples *click* que a televisão tem. *“Hoje em dia, graças à radiotelefonia e à televisão, uma pessoa pode ser vista e ouvida por milhões de outras espelhadas por milhares de quilómetros quadrados” (MORGAN, T. 1962:5).*

A grande expansão mundial da televisão permitiu que, em apenas 50 anos, se tornasse no meio mais presente na vida da população mundial. Criou uma linguagem singular e venceu a versatilidade em modos de expressão e géneros.

Com a evolução nos meios de comunicação, surgiu uma revolução cultural, isto é, a escrita foi ultrapassada pelo discurso dos novos *media*, nomeadamente, a rádio e a televisão, *“a rádio e a televisão são agentes duma revolução cultural que substitui a revolução da escrita pela revolução do discurso e do espetáculo...” (ALBERT, P. e TUDESQ, A. 1982: 73).*

Paralelamente à concorrência já empregada pelos outros meios de comunicação, a Internet foi-se firmando, redefinindo estratégias de comunicação, criando novos modelos e forçando todos os meios de comunicação a servirem dela enquanto suporte para se fortalecerem, naquele que se apresenta como o século da comunicação interativa, o século XXI.

“Atualmente, através da Internet, e com domínio elementar da tecnologia, podemos aceder facilmente a uma quantidade quase ilimitada de informação em formato textual, áudio, e audiovisual...” (CARDOSO, P. e CAIRRÃO, A. 2007:10).

A Internet é um sistema de redes de computadores interconectadas de proporções mundiais, atingindo mais de 150 países e reunindo mais de 400 milhões de usuários. A “Rede”, como também é conhecida a Internet, surgiu de uma rede idealizada em meados dos anos 60, como uma ferramenta de comunicação militar alternativa, que resistisse a um conflito nuclear mundial, *“a Internet não constitui de facto, uma rede única, mas um conjunto de milhares de redes de computadores globalmente distribuídas e cooperativamente organizadas” (BASTOS, Hélder. 2000:22).*

Esta nova tecnologia surgiu em 1960 a partir de pesquisas militares nos períodos áureos da Guerra Fria, quando dois blocos ideológicos e politicamente antagónicos exerciam enorme controlo e influência no mundo, União Soviética e Estados Unidos. O conceito que

veio posteriormente a dar origem à Internet foi concebido e projetado em 1963 por *Larry Roberts* e tinha como objetivo principal permitir que os cientistas e investigadores de todo o mundo, ligados à área compartilhassem informações. Nas décadas de setenta e oitenta, além de ser utilizada para fins militares, a Internet também foi um importante meio de comunicação acadêmico. Estudantes e professores universitários, principalmente dos EUA, trocavam ideias, mensagens e descobertas pelas linhas da rede mundial. A rede primária que deu forma à Internet tal como a conhecemos hoje foi a *NSFNet*, criada pela *National Science Foundation*, dos EUA, em 1987.

Foi somente no ano de 1990 que esta nova tecnologia começou a alcançar a população mundial. Neste ano, o engenheiro inglês *Tim Bernes-Lee* desenvolveu a *World Wide Web (WWW)*, possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes. Desde então, a Internet cresceu em ritmo acelerado.

Atualmente é impossível pensar no mundo sem a Internet. Ela faz parte dos lares de pessoas de todo o mundo. Estar conectado à rede mundial passou a ser uma necessidade de extrema importância. A Internet também está presente nas escolas, faculdades, empresas entre outros locais, possibilitando acesso às informações e às notícias mundiais em apenas um *click*.

Após um período inicial de alguma rejeição em relação à nova tecnologia, repórteres e editores integraram-na nas suas rotinas profissionais diárias. O impacto da Internet na prática jornalística assume uma dupla vertente. Por um lado, a rede afirma-se como instrumento privilegiado de contato com fontes e de pesquisa de conteúdos para o jornalista das redações dos jornais, revistas, rádio e televisões. Por outro lado, tem vindo a consolidar-se enquanto suporte para a publicação de produtos jornalísticos tradicionais adaptados e, conseqüentemente, enquanto novo espaço de trabalho para o jornalista.

Falar de jornalismo *online* implica, obviamente, falar da Internet e das metamorfoses que a tecnologia provocou e provoca no jornalismo, *“esta evolução deu origem à emergência, e relativa consolidação, de novas denominações, consubstanciadas em expressões diversas, como “jornalismo digital”, “jornalismo multimédia”, “ciberjornalismo” ou “jornalismo interativo...”* (BASTOS, Hélder. 2000:73). Desde o seu aparecimento, os meios de comunicação buscaram aproveitar a evolução tecnológica. A imprensa modificou-se com a rotativa e os meios de paginação eletrónica. Por seu turno, a rádio transformou-se com a chegada do transístor e com o RDS. A televisão modificou-se com a melhoria dos sistemas televisivos e está a sofrer grandes alterações com a interatividade, a alta definição, os sistemas digitais e a convergência com a informática e as telecomunicações. *“O aparecimento de novos meios de comunicação social introduziu novas rotinas e novas linguagens jornalísticas. O jornalismo escrito, o jornalismo radiofónico e o jornalismo televisivo utilizam linguagens adaptadas às características do respetivo meio.”*⁶

⁶ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/16943541/5/Marcos-Pal%C2%B4acios>, p.63

A diferenciação entre jornalismo digital e jornalismo tradicional pode ser extraída a partir do próprio conceito de *online*. *Online* é sinónimo de tempo real. O jornalismo pode ser feito em tempo real, o que possibilita que pode existir atualizações de notícias de última hora e acontecimentos à medida que estes se desenrolam.

A Internet, uma rede de computadores multimédia, gerou transformações no jornalismo e essas mudanças fizeram-se sentir, especialmente, a dois níveis: em primeiro lugar, nas rotinas jornalísticas de produção de informação; e em segundo lugar, nas formas e formatos de difusão de informação, ou seja, no produto jornalístico. O jornalismo *online* não extinguiu o jornalismo noutros meios de comunicação, mas modificou-o, obrigando-o a uma adaptação constante “...os próprios jornalistas estão gradualmente a perceber e a adaptar-se ao ambiente comunicacional e informacional proporcionado pelo novo medium” (BASTOS, Hélder. 2000:73).

A Internet é, atualmente, o *medium* que mais torna visível a convergência dos meios de comunicação, ou seja, a reunião dos *media* num único suporte. Ora, a Internet, enquanto meio de comunicação convergente, possibilita aos jornais a agregação de recursos antes restritos das rádios e televisões, sem modificarem a sua essência, já que o texto mantém-se como o principal suporte da informação.

Os meios jornalísticos impressos, radiofónicos e televisivos começaram a criar versões *online* a partir do final dos anos oitenta, nos Estados Unidos da América, mas o grande impulso ocorreu na década de 90. Os jornais foram os primeiros a migrar para o novo meio. O primeiro jornal diário a criar uma versão *online* foi o *San José Mercury News*, em 1994. A grande inovação trazida por este jornal *online*, além do acesso aos seus conteúdos do dia, foi a possibilidade do leitor interagir com os conteúdos, através de motores de busca e da navegação; de interagir com os jornalistas, através do e-mail; e de participar em fóruns de discussão propostos pelo jornal - situação que ainda se mantém nos dias de hoje, “A Internet é simultaneamente um medium vorazmente democrático, uma voz popular e um sistema anárquico no qual nenhuma voz ou tendência pode dominar” (KOCH, Tom. 1996).

Outra inovação que existiu na relação entre o jornalismo e a Internet foi o Webjornalismo que consiste na convergência de texto, som e imagem em movimento, que possibilita a este tipo de jornalismo explorar todas as potencialidades da Internet, oferecendo um produto completamente novo: a webnotícia. Por seu turno, o jornalista tem de encontrar a melhor forma de levar o leitor a quebrar as regras de receção (hábito de uma prática de leitura linear) pelos meios de comunicação anteriores. “O grande desafio feito ao webjornalismo é a procura de uma “linguagem amiga” que imponha a webnotícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objetividade.”⁷

Os seis elementos centrais que a web oferece ao jornalismo são: *interatividade* (o leitor faz parte, de uma certa forma, do processo jornalístico), *hipertextualidade* (possibilita a interconexão de textos através de links), *personalização* (o utente pode configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses), *multimedialidade* (refere-se à

⁷ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/16943541/5/Marcos-Pal%C2%B4acios>, p.64

convergência dos formatos dos media tradicionais (imagem texto, som) na narração do facto jornalístico), *memória* (armazenamento online da informação) e a *instantaneidade do acesso* (rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização da informação).⁸

Contudo, em todas as descobertas existem pontos fortes e pontos fracos. A Internet não é exceção. Embora seja um *Mass Medium* multifacetado, isto é, contém muitas configurações diferentes de comunicação, “*a falta de controlo de dados é considerada uma das fraquezas da rede, pois torna muito difícil assegurar a segurança de dados entre os sistemas ligados através dela*” (BASTOS, Hélder. 2000:23).

Este perigo também acontece no jornalismo, pois com o rápido crescimento da nova tecnologia, os jornalistas perdem o controlo sobre a sua obra e correm o risco de perder a sua identidade, ou seja, os seus trabalhos publicados num meio como as características da Internet estão substancialmente mais sujeitos à cópia ilegal de que através da fotocópia tradicional.

À medida que as sociedades mundiais se movem em direção à era eletrónica, mais pessoas comunicam no ciberespaço, utilizando-o para, entre outros fins, terem acesso a mais informação, algo que poderá assumir repercussões visíveis na função do jornalista. Os jornalistas não têm alternativa senão encaixarem-se neste modelo. Por isso, a adesão dos jornalistas à multiplicidade de recursos da Internet aumenta a olhos vistos. O novo meio tornou-se “*no ponta de lança de um novo tipo de media, de um modo novo e revolucionário, no sentido literal da palavra, de comunicação*” (GUÉRIN, Serge.1996:14).

Trata-se de uma nova era do jornalismo eletrónico, um jornalismo que permite a fornecedores e utilizadores pesquisarem mais longe e mais fundo para encontrarem a melhor resposta para os problemas com que se deparam.

Para o jornalismo e para os seus profissionais atuais e do futuro, esta nova tecnologia é um mistério que se vai desvendando ao longo do tempo, “*a Internet representa um desafio. As novas redes de comunicação modificaram em profundidade a pesquisa, a produção e a difusão da informação*” (AGOSTINI, Angelo. 1997:26).

Com esta breve história da evolução da comunicação, conclui-se que ao contrário da progressão da Imprensa que foi bastante lenta para acompanhar a evolução de nível de vida e das necessidades culturais dos seus leitores, o emergir e depois a desenvolvimento dos meios audiovisuais provocaram, pela rapidez e carácter forte da sua inserção na vida dos cidadãos, uma verdadeira revolução, que no futuro será, cada vez maior, devido à evolução das tecnologias. “*A revolução da tecnologia está modificando a estrutura, o funcionamento, a cobertura, a difusão e a receção dos meios de comunicação de massa. O processo de transição da tecnologia analógica à digital marca o surgimento de meios digitais, que expandem as possibilidades dos meios analógicos tradicionais. Isso traz o surgimento de novas experiências textuais e narrativas, de novos géneros, de novos caminhos de representação do mundo, que vão da interatividade à realidade virtual; novas relações de*

⁸ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/16943541/5/Marcos-Pal%C2%B4acios>, p.80

uso e recepção dos meios, de novas relações entre o sujeito e sua comunidade, de novas formas de organização e produção.”⁹

⁹ Ver: <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/periodicos/f0d9405ab2a47cc0c4e42cecf4bc13be.pdf>, p.2

II Capítulo - Criminalidade em Portugal no século XXI

Neste II capítulo, desta Dissertação de Mestrado será abordado o tema: Criminalidade em Portugal nos últimos onze anos. Como forma de demonstrar se a criminalidade diminuiu ou aumentou neste espaço de tempo, irão ser apresentados três gráficos: o primeiro refere-se ao número de participações de criminalidade no século XXI; o segundo à evolução da criminalidade violenta e grave e, no terceiro gráfico será feita uma comparação entre os números de homicídios e de violações, e também uma tabela que inclui os dados do Relatório Anual de Segurança Interna 2011. Todos os dados presentes neste ponto têm então por fonte os Relatórios Anuais de Segurança Interna (RASI), disponibilizados online pelo Ministério da Administração Interna (MAI). É de salientar que os dois primeiros gráficos incluem dados entre 2000 e 2010 e o terceiro apresenta, somente, valores a partir de 2005 até 2010. Por sua vez, a tabela 4 contém os dados de cinco anos (2000, 2005, 2009, 2010 e 2011).

O Governo Português apresentou, pela primeira vez, em 2008, uma estratégia anual de segurança que inclui *“medidas destinadas a prevenir e reprimir a criminalidade, a garantir a segurança dos cidadãos e a reforçar o sentimento de segurança da comunidade”*.¹⁰ Estas estratégias têm o intuito de combater a criminalidade violenta e organizada em Portugal e centram-se nas seguintes orientações: *“reforço do dispositivo territorial, controlo das fontes de perigo, articulação entre a segurança pública e investigação criminal, aprofundamento do policiamento de proximidade e intensificação da segurança comunitária...e diversificação do sistema de proteção e socorro”*.¹¹

O esforço de cooperação e de coordenação que é feito para reduzir a criminalidade nacional é extensivo a todo o desempenho operacional das Forças e Serviços de Segurança (Guarda Nacional Republicana (GNR), Polícia de Segurança Pública (PSP) e Polícia Judiciária (PJ)). Através dos dados recolhidos dos onze relatórios anuais do Ministério da Administração Interna (2000-2011), será feita uma análise pormenorizada de cada um dos gráficos e da tabela, com o intuito de mostrar a situação da criminalidade nos últimos onze anos, em Portugal.

“O XIX Governo Constitucional, que iniciou funções em 21 de Junho de 2011, assumiu que a segurança de pessoas e bens constitui uma das funções essenciais do Estado, constituindo-se como uma função indelegável do Estado. Neste contexto, a segurança não só constitui pressuposto indispensável do exercício dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos, como a preservação da estabilidade da própria sociedade e o normal desenvolvimento da atividade económica depende da sua efetiva garantia. No domínio da

¹⁰ Ver: http://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/RASI_%202010.pdf, p.4

¹¹ *Ibidem*, p.4

segurança, a estabilidade institucional é um valor importante para um setor que deve estar arredado de experimentalismos, motivados apenas por ocorrências de circunstância.”¹²

Gráfico 1

Os dados presentes nos três gráficos e na tabela têm por fonte a Direcção-Geral da Política e da Justiça, do Ministério da Justiça, e são relativos à criminalidade participada aos/pelos órgãos de polícia criminal de competência genérica (GNR, PSP, PJ), mantendo-se a metodologia adotada há mais de uma década para a elaboração dos RASI.

No gráfico 1, os valores apresentados são relativos às cinco categorias que são consideradas pelo Código Penal, as grandes categorias criminais: crimes contra as pessoas (violação de domicílio e introdução em lugar vedado ao público; difamação, calúnia e injúria...); contra o Património (furto em residência, furto na via pública...); contra a vida sociedade (detenção ou tráfico de armas proibida, condução de veículo com taxa de álcool igual/superior ao que a lei estipula...); contra o Estado (desobediência e resistência e coação sobre funcionário); e previstos em legislação penal avulsa (tráfico de estupefaciente, crimes contra direitos de autor...).



Gráfico elaborado pela investigadora desta dissertação a partir dos dados dos RASI de 2000 até 2010

¹² Ver: <http://www.dn.pt/DNMultimedia/DOCS+PDFS/relatorio.pdf>, p.248

De acordo com o comunicado disponibilizado pelo MAI, os dados apurados no RASI 2010 indicam que a GNR, PSP e PJ registaram um total de 413.600 participações de natureza criminal, menos 2.458 crimes do que no ano anterior (-0,6%). Os dados registados em 2010, refletem um decréscimo da criminalidade em Portugal, quando comparada com os dois anos anteriores, permitindo comprovar uma consolidação da inversão da tendência crescente iniciada em 2006, que alcançou o seu máximo em 2008, com mais 420 mil participações criminais. Os dados presentes no gráfico anterior também mostram que em 2010, o número de participações aumentou 15%, em relação a 2000 (mais 54 casos).

Gráfico 2

Neste gráfico estão presentes os dados da criminalidade violenta e grave entre 2000 e 2010. O volume de participações neste tipo de criminalidade registou um acréscimo de 1,2% (293 crimes), passando de 24.163 casos no ano anterior para 24.456 em 2010, o que corresponde a 5,91% da criminalidade total (gráfico 1).

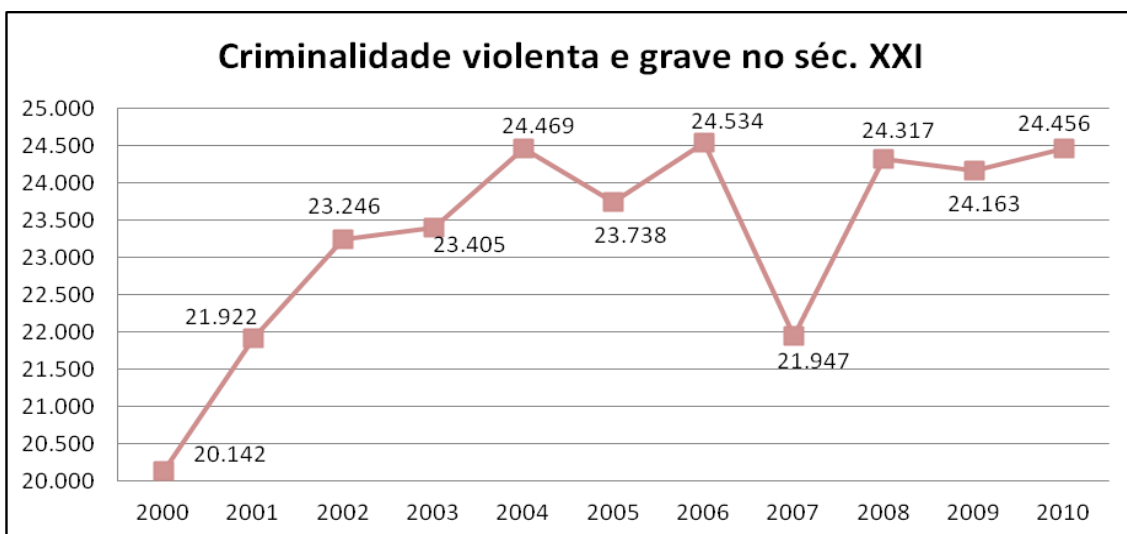


Gráfico elaborado pela investigadora desta dissertação a partir dos dados dos RASI de 2000 até 2010

Comparando os valores entre 2000 e 2010, verifica-se um aumento de 21,4%, mais 4.314 casos. O gráfico também mostra que existe uma descida e uma subida significativa no intervalo entre 2006 e 2008. Neste período, o ano de 2007 regista decréscimo de -0,11% em relação ao ano anterior, o que corresponde a menos 2.587 ocorrências. Na análise da segunda parte deste intervalo, verifica-se um aumento de 0,12% dos casos em 2008, em relação a 2007 (mais 2.370 casos).

Gráfico 3

Entre os vários crimes presentes na categoria de criminalidade violenta e grave (gráfico 2) irão ser destacados dois crimes, nomeadamente, o homicídio e a violação. Esta escolha deve-se ao facto de serem os crimes escolhidos na parte prática desta Dissertação de Mestrado de Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão.

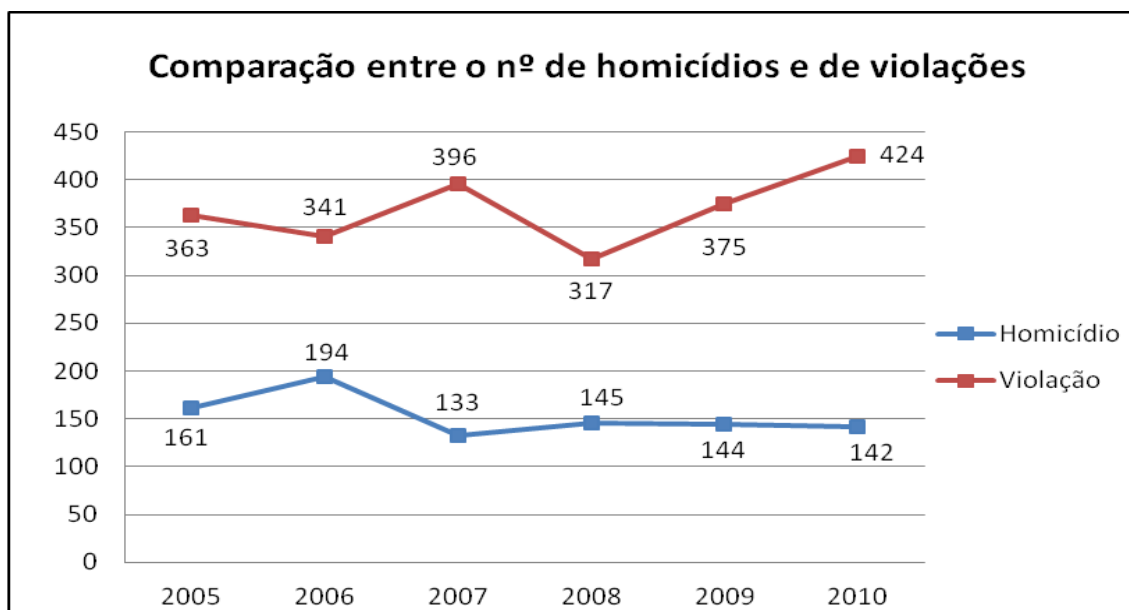


Gráfico elaborado pela investigadora desta dissertação a partir dos dados dos RASI de 2000 até 2010

Através dos dados do gráfico verifica-se que o número de violações comparado com o número de homicídios tem aumentado ao longo dos últimos cinco anos. Enquanto o número de violações em 2010, é de 424 casos, o número de homicídios é apenas 142, o que corresponde, a mais do triplo dos casos.

Para além disso, e numa análise mais pormenorizada da linha vermelha, ao longo dos anos, pode-se descortinar dois ciclos: o primeiro, que se situa entre 2005 e 2007, que regista uma tendência de descida, passando de 363 casos para 306; depois, um segundo ciclo de subida acentuada, entre 2007 e 2010, registando em 2010 mais 118 casos do que em 2007. Por seu turno, a linha azul destaca-se a estabilização que apresenta a partir de 2007, registando valores entre os 130 e os 145 casos.

Tabela 4

Na tabela seguinte estão indicados os valores das participações, da criminalidade violenta e grave, do número de homicídios e de violações registados em nos anos 2000, 2005, 2009, 2010 e 2011.

Embora o MAI tenha registado uma diminuição na criminalidade violenta e grave, defende que como estes crimes têm merecido muito destaque por parte dos meios de comunicação, podem ter contribuído para o agravamento do sentimento de insegurança dos portugueses, *“No âmbito da criminalidade, foi observado que, apesar do decréscimo na criminalidade violenta e grave registado durante o ano de 2011, o facto de estes crimes estarem enformados de contornos progressivamente mais violentos e mais graves, acompanhados de uma intensa mediatização, poderá vir a agravar o sentimento de insegurança das populações”*.¹³

	2000	2005	2009	2010	2011
Nº participações de criminalidade	359.442	398.253	416.058	413.600	405.288
Evolução da criminalidade violenta e grave	20.142	23.728	24.163	24.456	24.154
Nº Homicídios		161	144	142	117
Nº Violações		363	375	424	374

Tabela elaborada pela investigadora desta dissertação a partir dos dados dos RASI de 2000, 2005, 2009, 2010 e 2011

Em 2011 a GNR, PSP e PJ registaram um total de 405.288 participações, o que representa um decréscimo de 2% (menos 8.312 ocorrência criminais registadas), quando comparado com 2010, consolidando, assim, a tendência de descida observada nos últimos três anos. Comparando 2011 com 2000, verifica-se a ocorrência de mais 45.846 casos do que em 2000, correspondendo, assim, a um aumento de 0,13%.

¹³ Ver: <http://www.dn.pt/DNMultimedia/DOCS+PDFS/relatorio.pdf>, p.30

Em relação ao número de homicídios de 2011 regista-se uma diminuição de 0,27% em relação a 2005. Em contrapartida, verifica-se um aumento do número de casos de violação em 2011 (0,03%), comparado com o valor registado em 2005 (363 casos).

No ano 2011 foram registados, pelos três Órgãos da Policia Criminal de competência genérica, 24.154 crimes violentos e graves, os quais, face ao ano de 2010, assinalaram uma diminuição de 302 ocorrências, equivalentes a um decréscimo de 1,2%. Em 2010 este tipo de criminalidade registou um aumento de 293 crimes, face a 2009, observando-se que, em 2011, os dados são semelhantes dos registados há dois anos atrás. Relativamente a esta categoria, conclui-se que em 2011, registaram-se mais 4.012 crimes do que em 2000, que significa um aumento de 0,2%.

O número de homicídios voluntários consumados, em 2011, é semelhante com os valores verificados em anos anteriores. De acordo com a DGPJ, foram participados 117 homicídios, o que corresponde a 0,03% do total de crimes participados em Portugal no ano passado. Comparado com 2010, confirma-se a tendência decrescente a que se vem assistindo nos últimos anos: 142 em 2010, 144 em 2009 e 145 em 2008.

De acordo com as investigações de homicídios voluntários consumados investigados pela Polícia Judiciária, os homicídios são, tendencialmente, efetuados por apenas um indivíduo (68,9%), do sexo masculino (79,9%), de idade compreendida entre os 15 e 54 anos (63,0%). As vítimas, por seu lado, são igual e esmagadoramente homens (68,3%), de idade compreendida entre os 20 e os 54 anos (62,4%). Em 27,1% dos casos foi identificada uma relação parental ou familiar entre o autor e a vítima e em 22,6% dos casos poderá ter tido motivação passional.

O número total de participações, em 2011, no que respeita à criminalidade sexual (2.177), menos (25 crimes) ao registado no período anterior, o que se traduz numa diminuição de -1,1%. Já no caso da violação, a maioria das vítimas inclui-se no intervalo entre 21 e 30 anos (40,1%) ou entre os 31 e os 40 (23,8%). Estes valores foram semelhantes aos apurados em 2010.

Em termos globais, no conjunto da designada criminalidade sexual, as vítimas foram, esmagadoramente, do sexo feminino (82,8%) e menores de 16 anos (59,4%). Os autores, por seu lado, foram, quase exclusivamente do sexo masculino (97,7%) e, maioritariamente, entre os 21 anos e os 40 anos (15,2% entre 21 e 30 anos e 15,5% entre 31 e 40 anos).

Da análise dos resultados produzidos em investigações realizadas em 2011 constatou-se que cerca de um terço dos casos se desenvolveu no âmbito das relações de conhecimento (34,5%) ou das relações familiares (29,3%). As relações familiares tiveram particular incidência no caso do abuso sexual de menores dependentes (75%), onde se observa uma variação de 6% face a 2010.

Durante o ano de 2011, as Forças e Serviços e Segurança (FSS) deram continuidade ao trabalho que têm vindo a desenvolver no âmbito do policiamento de proximidade e segurança comunitária, continuando o seu trabalho nos programas e modelos de policiamento destinados

à proteção dos grupos sociais mais vulneráveis, com o objetivo de prevenir certos fenómenos criminais, tendo em vista minimizar os seus efeitos.

A PSP, no âmbito do Modelo Integrado de Policiamento de Proximidade (MIPP), que congrega todos os programas especiais, contou, durante o ano de 2011, com um total de 990 elementos policiais, afetos em exclusividade às Equipas de Proximidade e Escola Segura e às Equipas de Proximidade e Apoio à Vitima, distribuídas por todo o Território Nacional.

Para 2012, o XIX Governo Constitucional da República Portuguesa agrupou algumas estratégias com o intuito de contribuir no combate contra a criminalidade. *“A melhoria da atividade operacional das forças de segurança, através do reforço do efetivo policial, requalificação das instalações, apetrechamento e modernização dos equipamentos, com destaque para a melhoria das infraestruturas tecnológicas; O reforço do policiamento de proximidade e aprofundamento da segurança comunitária; O aprofundamento da articulação entre Forças e Serviços de Segurança e outras entidades públicas e privadas, designadamente a cooperação com os municípios e a sociedade civil”*¹⁴ são algumas das estratégias propostas pelo mesmo.

¹⁴ Ver: <http://www.dn.pt/DNMultimedia/DOCS+PDFS/relatorio.pdf>, pp. 8-9

III Capítulo - Violência, Crime e Sociedade

Neste III capítulo serão abordados três temas que fazem parte do cotidiano das pessoas: a violência, o crime e a sociedade. Começaremos por clarificar o conceito da violência, bem como o conceito de criminalidade. Depois, trataremos, a relação da violência e do crime com a sociedade. É oportuno falar sobre a violência e criminalidade, pois estes fenômenos estão, infelizmente, mas indubitavelmente, na ordem do dia para os indivíduos.

1. Os conceitos de violência e de crime

“Na estrutura da Natureza predomina a violência. Sendo a vida um conflito para a sobrevivência, o seu próprio conceito implica a imagem de luta, e esta é inconcebível sem violência” (MATIAS, Albertino. 1978:11).

A violência, presumivelmente, sempre esteve presente na evolução e experiência do homem. Este não é um tema sociológico recente, pois são conhecidos vários atos violentos praticados na Antiguidade. Assim, a violência começou a ser vista como um fenômeno social que despertou a preocupação das pessoas e também de estudiosos das áreas da História, Geografia, Medicina, Ciências Sociais, Economia, Psicologia, Direito entre outras.

No panorama internacional e nacional, a violência entrou no século XXI reconhecida por ser um problema social e de saúde pública que ameaça o desenvolvimento das sociedades, afetando a qualidade de vida nas mesmas. Sendo um fenômeno mundial que perfura todas as fronteiras, independentemente da raça, idade, condição socioeconômica, educação, religião, orientação sexual e local de trabalho, um dos problemas principais que coloca é a sua etiologia e a sua pluralidade causal. Seu impacto pode ser mundialmente averiguado de diferentes maneiras. “A cada ano mais de um milhão de pessoas perdem a vida e muitas mais sofrem ferimentos não fatais consequentes de autoagressões, de agressões interpessoais ou de violência coletiva” (Organização Mundial De Saúde, 2002, p.3).

No nosso dia-a-dia somos testemunhas, direta e indiretamente, de situações de violência que ocorrem pelo mundo e em nosso redor. São atentados, guerras, assassinatos, suicídios, violações, tomada de reféns ou, mais simplesmente, brigas e injúrias, que constituem as duas formas quotidianas mais vulgarizadas.

Em todas estas situações, entre outras, a violência implica o recurso à força para atingir o outro na sua integridade física ou psicológica. Por seu turno, a psicologia social já não fala de violência, mas de agressão, que designa, em situações de interação, um tipo de comportamento através do qual a pessoa ofende a outra. A agressividade é um componente

importante de vivência de todo ser humano e se une na afetividade de todas as pessoas. Por isto mesmo, é algo natural e necessário para a sobrevivência e crescimento de todo o indivíduo. Porém, Gustave-Nicolas Fischer defende que *“se entendermos agressão como uma forma de violência social, ou seja, se a pretendemos apreender simultaneamente como conduta individual e expressão de um modo de funcionamento social, é preciso então integrá-la numa perspectiva que leve em consideração o peso do contexto social, as condições económicas nas quais vivem os indivíduos e os seus valores culturais”* (Fischer, G.N. 1992:15).

Como foi referido no início deste capítulo, a violência é um fenómeno socio-histórico que está aliado à experiência da humanidade. Portanto, ela não é, em si, uma questão de saúde pública. Porém, transforma-se num problema para esta área, pois afeta a saúde individual e coletiva dos cidadãos, exigindo soluções específicas para a sua diminuição ou combate *“A violência, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um carácter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em muitos países.”*¹⁵

A questão sobre a violência começou a ser realmente discutida a partir da década de 1980¹⁶, quando os investigadores tomaram consciência da dimensão do problema que passa a fazer parte do modo de viver do homem em sociedade, ou seja, a violência torna-se banalizada, passa a ser algo comum entre os homens. Assim, *“...uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo natural hostil, foi exatamente sua capacidade de produzir violência numa escala desconhecida pelos outros animais.”*¹⁷

Porém a violência é mais do que um jogo de constrangimentos, pode ser definida de diferentes maneiras, pois o seu conceito varia de sociedade para sociedade e ela pode ter vários sentidos, tais como: ataque físico, ameaça ou até mesmo um comportamento ingovernável. Existem sociedades em que, por exemplo, a mulher é obrigada a casar-se com um homem ao qual foi prometida ou vendida, que é algo que, para o mundo ocidental, constitui uma forma de violência contra o sexo feminino. Por outro lado, a pena de morte é comum em numerosos países democráticos, como é o caso dos Estados Unidos da América, mas em Portugal e não só, é considerada uma violação dos direitos humanos.

“A noção mesmo de violência, e de violência humana é complexa, pois sob a aparente simplicidade “esconde” um monte de problemas e questões” (Colóquio: *Violência na sociedade. 1991:71*)¹⁸. Etimologicamente, a palavra violência provém do latim *vis*, que significa força que se representa, muitas vezes, pelo recurso a meios físicos para afetar

¹⁵ Ver:http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/impacto_violencia.pdf, (Impacto da violência na saúde dos brasileiros), citando a Organização Pan-Americana da Saúde, 1994, p.10

¹⁶ Ver:http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf, citando ODALIA, N. O que é violência. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985, p.1

¹⁷ Ver:http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf, citando ODALIA, N. O que é violência. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985, p.2

¹⁸ Este Colóquio “Violência na Sociedade” realizou-se no dia 19 de Outubro de 1990, na Sociedade de Geografia de Lisboa e contou com a participação de vários especialistas deste tema.

outrem. Pode exercer-se de várias formas e comportar vários graus como matar, ferir, ou simplesmente ameaçar, e assentar em níveis diversos como a fé, a liberdade ou a integridade física. Já Nietzsche defende que *“o exercício da violência é uma consequência da lei natural da eliminação do fraco pelo forte, no sentido, no que respeita aos humanos, da criação do herói, do super-homem”* (Matias, Albertino. 1978:26).

Freud, igualmente, apresenta várias interpretações da violência, em diferentes etapas de seu pensamento. *Numa primeira etapa associa “a violência à agressividade instintiva do ser humano, o que o inclinaria a fazer sofrer e a matar seu semelhante”*. Num segundo momento, define-a como *“instrumento para arbitrar conflitos de interesse, sendo, portanto, um princípio geral da ação humana frente a situações competitivas”*. Por último, *“avança para a ideia de construção de identidade de interesses.”*¹⁹

Na Revista Brasileira de História & Ciências Sociais encontram-se mais duas definições da violência no artigo “Refletindo sobre a violência” de Cynara Marques Hayeck: *“Santos (2002) define a violência como um dispositivo de poder, composto por diversas linhas de realização, que realiza uma relação específica com outro, utilizando para isso, a força e a coerção, produzindo-se assim, um prejuízo social. Por outro lado, Hanna Arendt (2003) mostra a violência como algo oposto ao poder, pois seria a desintegração do poder que possibilitaria o surgimento da violência.”*²⁰

Organização Mundial da Saúde (OMS) define-a como *“o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.”*²¹ Esta última definição agrega a palavra intencionalidade quando um ato de violência é realizado, independentemente do resultado produzido. Logo, são excluídos desta definição os incidentes não intencionais, como é o caso de ferimentos no trânsito e queimaduras em incêndio. Referente à frase “uso de força física ou poder...” da mesma definição, a inclusão da palavra “poder” amplia a gravidade do ato violento, bem como o conceito usual atribuído à violência, incluindo atos que resultam de uma relação de poder, exemplificado por ameaças de agressões ou intimidações e por negligência e de omissões. Assim, o conceito da frase acima referida deve incluir negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico.

Nesta definição ampla da violência existem outros aspetos da mesma que a definem, embora não se encontrem explicitados, tais como os atos de violência, quer sejam públicos ou privados, quer sejam relativos (provocação) ou mesmo criminosos ou não.

¹⁹ Estas citações foram retiradas do livro *“Impacto da violência na saúde dos brasileiros”*, elaborado pelo Ministério da Saúde, em 2005 e pode ser consultado no seguinte link: http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/impacto_violencia.pdf

²⁰ Ver: http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf, p.3

²¹ Ver: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a01.pdf>, p.147, citando a definição dada pela OMS no *Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde*, “Violência, um problema mundial de saúde pública”, Genebra: Organização Mundial de Saúde; 2002.

Embora a violência tenha sempre feito parte da humanidade, não deve ser aceite como algo inevitável na condição humana. Desde sempre existiram grupos religiosos, legais, comunitários, filosóficos com o objetivo de preveni-la ou eliminá-la. Desde os anos noventa, mais precisamente na década de 1980, muitos foram os médicos, pesquisadores e sistemas de saúde pública que se dedicaram a compreender as raízes da violência, bem como a sua prevenção e a reabilitação das vítimas. A verdade é que a violência pode ser evitada e suas consequências reduzidas em todo o mundo. Este é um facto que tem vindo a ser comprovado com as diversas evidências constatadas através de exemplos de sucesso em todo o mundo, desde ações individuais como comunitárias. *“Os atos violentos são definidos como atos intencionais “aprendidos”, de causas múltiplas mas por isso mesmo preventivos, evitáveis ou que podem ser desaprendidos.”*²²

Segundo o Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde (OMS, 2002), a violência pode ser dividida em três categorias amplas, conforme o contexto onde é cometida: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva. A primeira categoria refere-se à violência onde o perpetrador e a vítima são a mesma pessoa. É subdividida em comportamento auto-agressão (automutilação) e suicídio (tentativas de suicídio). A segunda divide-se em duas subcategorias: a) violência familiar/ violência na relação íntima, isto é, violência sobretudo entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente em casa; b) violência na comunidade - violência entre indivíduos sem relação pessoal. O primeiro grupo (a) inclui formas de violência tais como abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus-tratos de idosos. O segundo grupo (b) inclui violência juvenil, atos variados de violência, ataque sexual por desconhecidos e violência em instituições (escolas, locais de trabalho e prisões). Por fim, a terceira categoria é a violência coletiva que subdivide em social (atos terroristas), política (violência contra o Estado) e económica (ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade económica, criando divisão e fragmentação económica).

O mesmo relatório defende que existem quatro modalidades de atos violentos: física (quando uma pessoa provoca traumas, feridas, incapacidades em outrem); psicológica (agressões verbais ou gestuais com o intuito de aterrorizar, humilhar uma pessoa, restringindo-a à liberdade social); sexual (ato sexual que ocorre nas relações heterossexuais e homossexuais e visa estimular ou utiliza a vítima para obter experiência eróticas); por último, a negligência (omissão em prover as necessidades básicas para o desenvolvimento de uma pessoa, incluindo casa, segurança, comida e educação).

*“Sendo a violência um problema multifacetado com raízes biológicas, psicológicas, sociais e ambientais, ela deve ser enfrentada em níveis diferentes ao mesmo tempo.”*²³ Existem três níveis diferentes de prevenção da violência: prevenção primária (pretende prevenir a violência antes que ela ocorra); prevenção secundária (reações imediatas à

²² Ver: <http://www.paho.org/portuguese/gov/cd/cd44-15-p.pdf>, p.1

²³ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/50386959/Conceito-de-violencia-pela-OMS>, p.12

violência, como cuidados médicos, serviços de emergência ou tratamento de doenças sexualmente transmissíveis após uma violação); e, por fim, prevenção terciária (cuidados prolongados após a violência, como reabilitação, reintegração e esforços para diminuir o trauma).

A violência de ontem é a violência de hoje, o que preocupa cada vez mais a opinião pública. A violência é um problema social e de saúde que ameaça o desenvolvimento dos povos, afeta a qualidade de vida e desgasta o tecido social. E por isso, a saúde pública continuará a esforçar-se pela saúde e bem-estar das populações em todo mundo, unindo esforços para diminuir ou combater a violência, porque o seu principal objetivo é criar, em todo mundo, comunidades seguras e sãs.

Como foi anteriormente referido neste ponto, a violência pode assumir diversas formas e caracteriza-se por ser um fenômeno social dinâmico e mutável. A criminalidade também é um fenômeno social e pode envolver violência, mas nem toda violência é crime.

Além de ser um fenômeno social, o crime é na realidade, um episódio na vida cotidiana do indivíduo. Logo, não pode ser estudado nem reproduzido em laboratório, nem ter um conceito único, imutável, estático no tempo e no espaço. Cada crime tem a sua própria narração, a sua própria singularidade, ou seja, não existem dois que crimes possam ser avaliados da mesma forma.

Evidentemente que cada conduta criminosa que acontece a um indivíduo (vítima) provoca-lhe consequências que jamais irá esquecer, seja ela de que tipo for (física, sexual, moral, patrimonial...).

O próprio conceito de crime tem evoluído com o passar dos séculos. Em termos jurídicos, o crime é toda a conduta ilícita e culpável praticada por um indivíduo. Para o mestre Nelson Hungria *"o crime é, antes de tudo, um fato, entendendo-se por tal não só a expressão da vontade mediante ação (voluntário movimento corpóreo) ou omissão (voluntária abstenção de movimento corpóreo), como também o resultado (effectus sceleris), isto é, a consequente lesão de um bem ou interesse jurídico penalmente tutelado."*²⁴

Para a Teologia, o crime é visto como um Pecado (violação da Lei Divina) e um desrespeito à vontade e à palavra de Deus. É um ato humano voluntário que tem como consequência final a morte e perda da salvação da alma.

Muitos foram os especialistas penais que fizeram evoluir a ideia e a concepção de crime e o resultado foi a divisão em três conceitos: material, formal e analítico. O primeiro refere-se ao conceito social, pois a sociedade tende a descrever o crime como um facto grave; o segundo refere-se a um comportamento que viola uma lei penal: é a ação ou omissão proibida pela lei, sob ameaça de pena; o terceiro exprime o que pode validamente ser previsto como crime, fundamento de uma sanção criminal (definida pela mais grave restrição dos direitos fundamentais).

Em termos da punição pelos atos criminosos, qualquer seja a sua natureza, encontramos o Direito Penal, um ramo da área do Direito dedicado às leis estipuladas pelo

²⁴ Ver: <http://www.uepg.br/rj/a1v1at09.htm>

Poder legislativo para reprimir os criminosos aplicando-lhes penas com o objetivo de proteger e assegurar a segurança da sociedade. O Professor Magalhães Noronha defende que *"a história do direito penal é a história da humanidade. Ele surge com o homem e acompanha-o através dos tempos, isso porque o crime, qual sombra sinistra, nunca dele se afastou."*²⁵

Cezar Roberto Bitencourt explica que *"o direito penal apresenta-se como um conjunto de normas jurídicas que têm por objeto a determinação de infrações de natureza penal e suas sanções correspondentes - penas e medidas de segurança"*²⁶. Dâmasio Evangelista de Jesus, define o Direito Penal como *"o conjunto de normas que ligam o crime, como facto, a pena como consequência, e disciplinam também as relações jurídicas daí derivadas, para estabelecer a aplicabilidade das medidas de segurança e a tutela do direito de liberdade em face do poder de punir do Estado"*.²⁷

Por sua vez, a doutrina contemporânea define-o como um instrumento de controlo social de comportamentos desviados, visando assegurar a necessária disciplina social, bem como a harmonia entre os membros de uma sociedade.

Relativamente aos agentes dos crimes, existem vários tipos de atos criminosos: podem ser gerais ou comuns, e específicos ou próprios. Nos gerais ou comuns, qualquer pessoa pode ser autor do crime tipificado. Nos específicos ou próprios os agentes são qualificados por um determinado dever jurídico. Existem também os de participação necessária - aqueles em que o tipo incriminador exige o envolvimento de várias pessoas, exige mais do que um agente para integrar o tipo - e, os unisingulares - praticados por um único agente (furto, roubo, homicídio etc.).

Em Portugal, de acordo com o Código Penal, existem cinco grandes categorias: crimes contra as pessoas (violação de domicílio e introdução em lugar vedado ao público; difamação, calúnia e injúria...); contra o património (furto em residência, furto na via pública...); contra a vida sociedade (detenção ou tráfico de armas, condução de veículo com taxa de álcool igual/superior ao que a lei estipula...); contra o Estado (desobediência e resistência e coação sobre funcionário); e os previstos em legislação penal avulsa (tráfico de estupefacientes, crimes contra direitos de autor...). Resumindo, o conceito de crime é como um camaleão, continuará a evoluir consoante a doutrina e o tempo, passando por algumas reformas, aliás, como tudo na vida do indivíduo.

²⁵ Ver: <http://www.uepg.br/rj/a1v1at09.htm>

²⁶ Ver: <http://www.uepg.br/rj/a1v1at09.htm>

²⁷ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/23325318/Todas-as-Aulas-de-Penal-1>, p.1

2. Violência, crime e sociedade

A violência não é uma cicatriz da sociedade contemporânea. Ela acompanha o homem desde tempos antiquíssimos mas, em cada período, ela expressa-se de maneiras e em situações diferentes. A violência ignora os nossos esforços para mantê-la afastada e invade as nossas vidas das mais diversas maneiras. Como vimos anteriormente neste capítulo, devido à complexidade da sua definição, nenhum indivíduo consegue identificar totalmente uma ação ou circunstância perigosa.

Se recuarmos à época da Idade Média, algumas situações violentas eram consideradas formas de manifestação de amor e devoção a Deus, como era o caso de um indivíduo ter que agarrar uma barra de ferro aquecida. Se não se queimasse, provava o seu verdadeiro amor por Deus²⁸. Estes procedimentos violentos, hoje em dia, são inadmissíveis, pois a sociedade não tolera este tipo de violência. Esta não-aceitação deve-se à educação e valores que as pessoas recebem no seu crescimento.

A família sendo o grupo primordial no âmbito do desenvolvimento do indivíduo, é muito importante no combate da violência e da criminalidade. Cabe-lhe a ela ser responsável pela educação dos filhos, imposição de limites aos mesmos e instituí-los com valores morais e éticos. Se acaso isso não acontece o processo educacional pode ser prejudicial, isto é, se uma criança crescer num ambiente familiar violento, ela pode seguir esse exemplo, e na sua vida futura vai resolver todos os seus problemas com recurso à violência embora, existam muitas crianças que, apesar de viverem em ambientes hostis, não seguem esse rumo. Esta é uma consequência a longo prazo, ou seja, a violência no seio familiar constitui um indicador da agressividade ulterior das crianças. *“Todos somos potencialmente violentos. A maneira de administrar essa agressividade é que nos diferencia uns dos outros. Alguns encontram formas construtivas para canalizar a própria destrutividade. Mas há os que - influenciados por fatores endógenos e exógenos - costumam descarregar nos outros a sua violência.”*²⁹

A educação deve visar a organização de atitudes e pensamentos através da ética, da moral, regras e normas, de modo a civilizar o sujeito para sua própria preservação e convívio coletivo.

A violência faz parte do processo de adaptação necessário à vida, ao bem-estar comum e depende de critérios e recursos de cada cultura e meio ambiente. Existem cinco fatores que influenciam os comportamentos violentos: as influências culturais (valores, normas, tradição, integração racional e desordem moral); os fatores ligados à personalidade que englobam as características da formação desta personalidade e pelas condições que a podem orientar num sentido de maior ou menor violência; os cognitivos que estão ligados à maior ou menor coerência e à perda de controlo do indivíduo, os fatores ambientais (a

²⁸ Ver: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>, p.6

²⁹ Ver: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>, p.13

importância do ordenamento físico: o espaço urbano como suporte de expressão de atitudes violentas); institucionais (insuficiência do Estado, crise do modelo familiar, recuo do poder da Igreja); meios de comunicação (o poder da informação e da imagem) e por último, as influências sociais - a importância do meio envolvente e dos modos de vida suscetíveis onde o indivíduo está inserido (desemprego, desigualdade social, estereótipos, competição entre grupos, rutura familiar). *“A que pese a influência dos fatores inatos, todo o comportamento humano é resultado da interação dele com o ambiente e está constantemente sofrendo novas influências.”*³⁰

Como um dos objetivos do segundo ponto deste capítulo é a relação entre violência e sociedade, iremos destacar os fatores sociais.

Os problemas da violência estão ligados a representações sociais que os codificam positiva ou negativamente, de acordo com o tipo admitido ou recusado pelas categorias em presença. Por exemplo, os grupos sociais oprimidos revoltam-se com as diversas injustiças de que são alvo, a sua violência será considerada como uma desordem. Por outro lado, a violência exercida para repreender atos de vandalismo será vista como legítima e necessária, porque repõe a ordem das coisas. No primeiro caso, a violência é uma expressão de desordem, no segundo, é uma ordem social. Portanto, a definição de violência deve ser abordada nas suas variadas componentes, consoante o seu enquadramento, as regras que a aprovam ou refutam, em relação a esferas sociais mais ou menos valorizadas, quanto a atos mais ou menos consentidos ou reprimidos.

“A sociedade do nosso tempo é, com efeito, testemunha permanente - e permanentemente vítima - de fenómenos violentos, desde o crime comum à repressão política, do sequestro ao “hooliganismo” desportivo, da agressão militar à violação das consciências, do vandalismo gratuito ao tráfico de estupefacientes” (Colóquio: Violência na sociedade, Ibid:15).

Quando pensamos em violência, o que provavelmente nos vem ao pensamento é o ambiente das grandes cidades - como por exemplo: Lisboa e Porto - que são caracterizadas pela sua heterogeneidade, densidade e grandeza, que contribuem para a mutação, instabilidade e insegurança.

Para além da família, existem outros fatores sociais que provocam comportamento violentos, tais como: o desemprego: com a crise instalada em todo o mundo, arranjar emprego torna-se cada vez mais difícil. Perante esta situação, muitas pessoas chegam ao desespero, ingressando no mundo da violência para sobreviver, por exemplo: roubo, assaltos, entre outros; o tráfico de drogas é outra das principais causas da violência, cria uma relação de vício entre consumidores e a droga. Isso força o consumidor a descobrir modos alternativos (como roubo e assassinato) de conseguir manter seu vício; e, os grupos violentos dominantes, também conhecidos por gangues, que competem entre si para obterem o poder e o respeito dos restantes. O racismo, a pobreza, desigualdades sociais e a omissão do Estado na prevenção da violência são outros fatores que influenciam o aparecimento da violência.

³⁰ Ver: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/75/74>, p.46

Como foi referido no primeiro ponto deste III capítulo, nem toda a violência é considerada um crime. Logo, não se podem confundir estes dois fenómenos sociais. Por este motivo, é relevante mostrar o papel que o crime apresenta na sociedade.

Além de ferir a lei, o crime também fere a moral, os valores, a ética e os princípios da sociedade, produzindo sequelas indesejadas e prejuízos difíceis de serem reparados. A sociedade não se deve adaptar aos atos criminosos, porque assim, de alguma forma está a participar neles de uma forma involuntária. Ela deve juntar os recursos necessários para a sua redução, para que a harmonia social se mantenha. Quem apresenta uma afirmação controversa sobre este facto é o sociólogo *Émile Durkheim*³¹ dizendo que *“o crime é um fato social normal, no entanto, compreensível, visto que a cada fato típico, antijurídico e culpável, espera-se que a sociedade se torne e se mantenha coesa para a repressão, o que no mínimo levanta a moral da sociedade, faz lastrear a ética e devolve o sentimento que subtraído tanto agoniza: A paz. O espírito de união para a repugnância ao mal social é voluntário, espontâneo, por isso, normal”*.³²

A sociedade nunca ajudou aqueles que tinham intenção e que feriram a própria sociedade. A união da sociedade contra o crime dá-se primordialmente pelo direito cooperativo, segunda vertente sociológica defendida por *Durkheim*, uma vez que se deve atuar quando existe a junção de indivíduos com o intuito de cooperarem uns com os outros para devolver a ordem e reorganizar o equilíbrio social. Todo o tipo de crime que é praticado na sociedade, causa um desajuste na mesma, especialmente aqueles atos criminosos que ofendem a moral social, pois querem violar os conceitos da moralidade, dos princípios e valores dos cidadãos.

Uma sociedade não pode admitir permanecer de mãos atadas diante dos fatores que causam insegurança entre os cidadãos. Esta sociedade tem que revoltar-se usando todos os meios que tem para a sua diminuição ou até mesmo extinção. Estas ferramentas podem ser projetos sociais, organizações não-governamentais, programas de assistência a necessitados, entre outros meios que estimulem a educação, a cidadania, entre outros. Portanto, a essência da coesão social contra o crime não é somente, punir as condutas violadoras das normas jurídicas, mas também tem que ter a preocupação de repor a ordem quando existe uma conduta criminosa, e, perante esta situação, deve desenvolver voluntariamente todos os esforços para afastá-la, sem que esta perturbe a paz e a harmonia da sociedade. Esses esforços passam, por exemplo: pela integração do indivíduo na sociedade, fazendo deste um membro produtivo, pertencente a um grupo social; fazê-lo pensar e perceber sobre o delito que cometeu e nas suas consequências na sociedade; e, por último, educá-lo para que se mantenha longe da reincidência na criminalidade, dotando-os de novos valores e conceitos.

³¹ Émile Durkheim nasceu em 15 de Abril de 1858, em França, e faleceu no dia 15 de Novembro de 1917. Durkheim foi considerado um dos pais da Sociologia moderna e, reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito de “consciência coletiva”, que depois mais tarde dá origem ao termo “socialização” e consequentemente ao termo “fatos sociais”, <http://www.ahistoria.com.br/biografia-de-emile-durkheim/>

³² Ver: <http://www.ambito-juridico.com.br/pdfsGerados/artigos/5973.pdf>

Para que exista segurança na sociedade, em todas as suas formas, é necessário que cada cidadão tenha o discernimento necessário para perceber que o próximo precisa dele e que apenas através da solidariedade a harmonia social será alcançada.

Em todo o mundo, a questão da criminalidade constituiu um problema social, que cada vez mais preocupa o Estado e os próprios cidadãos. Recuando à segunda metade do século XIX, o tema crime concitou especial atenção em Portugal, sendo um dos problemas mais permanentes e graves com que a sociedade se defrontava, exigindo urgentes e forte medidas. Até então, o crime era visto *“como um ato revelador de uma depravação pessoal, um problema que envolve e afeta essencialmente quem o pratica e quem dele é vítima”* (Vaz, Maria. 1998:2), passando a ser encarado *“como um fenómeno social, algo que envolve todos os cidadãos, pois faz perigar o equilíbrio e o bem-estar da sociedade”* (Vaz, Maria. Ibid:2)..

O primeiro Código Penal português foi aprovado em Dezembro de 1852, porém só foi posto em vigor em 1886, ocorrendo entretanto duas importantes reformas penais, a Reforma Penal e das Prisões de 1867 e a Reforma Penal de 1884.

Foram vários os juristas que, nesta época, expuseram a sua definição de crime. Para Levy Maria Jordão o crime era *“uma perturbação do Estado de direito”* (Vaz, Maria. Ibid:35). Por seu turno, Silva Ferrão alarga este conceito dizendo que o crime é *“todo o fato ou omissão praticada por um membro, permanente ou temporário, da comunidade social, de que resulta mal à mesma comunidade, em relação à sua existência, à sua segurança, ou ao seu melhoramento”* (Vaz, Maria. Ibid:35).

Nesta altura, o clima de conflitualidade política e social atenuou-se e por isso mesmo, foram levadas a cabo várias reformas penais e multiplicaram-se medidas que visaram o desenvolvimento de corpos policiais. Também os avanços na medicina, na biologia, na química e na pedagogia, e a afirmação de novos campos do conhecimento, como a antropologia, a psicologia e a sociologia, forneceram à sociedade uma nova utensilagem teórica e técnica para interpretar, prevenir e reprimir o crime. Os avanços dos meios de comunicação e de transporte (comboio, telégrafo, telefone, fotografia, entre outros) também contribuíram para a repressão do crime.

Relativamente à criminalidade contemporânea, como se pode comprovar através dos dados do Ministério da Administração Interna presentes no gráfico 1 (página 17), a criminalidade apresenta uma tendência de descida nos últimos três anos (2009, 2010 e 2011). Este é um facto que merece atenção, pois os esforços que estão a ser implementados em Portugal pelo MAI e executados pelos três Órgãos da Polícia Criminal de competência genérica (PSP, PJ e GNR) estão a ter resultados positivos e a assegurar a segurança dos cidadãos.

Finalizando este III capítulo conclui-se que tanto a violência como o crime são dois problemas centrais da sociedade. A violência existe em todo o mundo e estende-se no âmbito das relações entre crianças, adolescentes, amigos, desconhecidos, etc. Em qualquer lugar do planeta a violência do ser humano deixa suas marcas. Por sua vez, o crime é cada vez mais encarado como um efeito incontornável da mudança social.

IV Capítulo - A imagem e os *Media*

A imagem será o elemento central do IV Capítulo, desta dissertação. Primeiramente será feita uma exposição da evolução da imagem fabricada pelo homem, que se iniciou com as pinturas rupestres da Pré-História ainda antes do aparecimento da escrita. Num segundo ponto será abordada a relação entre a imagem e os meios de comunicação social contemporâneos.

1. Imagem: evolução e interpretação

“Num mundo onde tendemos a conceber a comunicação segundo o modelo da linguagem verbal, que lugar reservamos às imagens, que lugar elas nos reservam e se reservam? As imagens não são importantes só na sociedade contemporânea, já o eram nas épocas anteriores” (MIRANDA, José e SILVEIRA, Joel. 2002:432).

A representação do homem e objetos não diz apenas respeito aos nossos tempos. É um fenómeno social que remonta à Pré-História do homem sobre a Terra.

Tudo começou nos tempos primitivos, um dos períodos mais fascinantes da história humana. Sobre esta época não há nenhum documento escrito, por ser o período que antecede o aparecimento da escrita. As imagens desenhadas nas paredes das cavernas e nas superfícies rochosas foram as primeiras manifestações artísticas do homem paleolítico - *petrogramas*, imagens desenhadas ou pintadas, *petróglifos* - imagens gravadas. Eram através das pinturas rupestres que as comunidades comunicavam entre si, ondem expressavam sentimentos, representavam situações do quotidiano e trocavam ideias. Estes desenhos podem ser chamados “os pré-anunciadores da escrita”, que utilizavam processos de representação que apenas retinham um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais.

Mais tarde, no período Neolítico, as imagens aparecem com um estilo simplificador, através do qual, o homem utilizava formas geométricas. Os temas destes desenhos começaram a representar a vida coletiva. Enquanto representação, a imagem foi um dos principais caminhos que permitiu o surgimento da linguagem escrita, como por exemplo: o alfabeto. Verifica-se que antes dos meios tecnológicos, a mão do homem foi o instrumento de emissão de imagens no processo de comunicação social. *“Por todo o lado através do mundo, o homem deixou vestígios das suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos feitos na rocha e que vão desde os tempos mais remotos do paleolítico até a época moderna” (JOLY, Martine. 1994:18).*

Um dos sentidos de *imago*, em latim, designa “*a máscara mortuária transportada nos funerais na Antiguidade Romana. Esta aceção liga não somente a imagem, que pode ser também o espectro ou a alma do falecido, mas também a toda a história da arte e dos ritos funerários*” (FERRONHA, António. 2001:33). Patente na origem da escrita, das religiões, da arte e do culto dos mortos, a imagem é também um tema crucial da reflexão filosófica desde a Antiguidade. Platão e Aristóteles defenderam-na pelas mesmas razões. Imitadora, para um ela engana, para o outro ela educa. Desvia da verdade ou, pelo contrário, encaminha ao conhecimento. Para Platão, ela seduz as partes mais fracas da nossa alma, para Aristóteles, é eficaz pelo próprio prazer que nos proporciona. A única imagem graciosa aos olhos de Platão é a natural (reflexo ou sombra), a única que se pode tornar num instrumento filosófico. Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa. Desde os primeiros manuscritos, a imagem como ilustração foi um complemento obrigatório dos textos. Com a imprensa, ela conheceu uma nova expansão, que até então, nem a madeira, nem o cobre tinham permitido - a imagem gravada.

Inicialmente a imagem não foi uma representação fiel da fotografia, mas uma representação figurada e simbólica. Com o passar do tempo, a imagem aparece mais rica e mais trabalhada. Pouco antes da descoberta da fotografia - século XIX - registaram-se várias transformações nas imagens: perda da função religiosa ou simbólica e fuga ao controlo do poder. A partir da segunda metade do século XIX, desenvolveu-se a tecnologia da imagem, graças à fotografia e, mais tarde, ao cinema e à televisão. Com este desenvolvimento, o universo da imagem foi significativamente ampliado, aumentando assim, a sua importância na fixação de ideias e objetos.

“Nenhuma grande invenção surge por geração espontânea e que elas são, com frequência, o fruto, consciente ou inconsciente, de um determinado número de fatores dispersos, mas reunidos, num dado momento, quer por acaso quer por necessidade” (AMAR, Pierre-Jean. 2007:9). A evolução da imagem acompanhou as necessidades do ser humano, ao longo do tempo, ou seja, o homem desde a Idade da Pedra teve sempre necessidade de reproduzir o que acontecia em seu redor e consigo mesmo através de imagens e depois através da escrita, *“o ser humano teve sempre necessidade de reproduzir o real e deixar uma marca do seu pensamento para se libertar do esquecimento...”* (AMAR, Pierre-Jean. *Ibid*:9).

A partir de 1837 - data do primeiro daguerreótipo³³ - a fotografia nunca deixou de aumentar os seus efeitos sobre a sociedade. Como rival das artes gráficas e da pintura, a fotografia abriu caminho para o cinema e para os meios audiovisuais. Posteriormente, o computador abriu vastos horizontes ao desenvolvimento tecnológico da imagem. Atualmente, a eletrónica possibilita a organização e a criação de imagens de objetos que não existem, calculando-se formas, superfícies, sombras, contornos e luminosidade. A partir do século XX a imagem alastrou-se a diversos domínios da vida das sociedades, tornando-se um importante

³³ Equipamento responsável pela produção de uma imagem fotográfica sem negativo. Foi criado em 1837 por Louis Daguerre, daí o nome daguerreótipo.

fenómeno sociocultural. Influencia indivíduos e nações. Altera usos e hábitos. É manipulada por diferentes formas de poder. É “vítima” de uma exploração jamais conhecida, antes de se materializar na fotografia - século XIX. Depois de ser industrializada, a imagem passou a ser não só um produto tecnológico, mas também um “discurso” - a imagem fala por si - e até um mito. Não há dúvida que a evolução da eletrônica modificou os hábitos de vida e de pensamento do indivíduo. A técnica construiu uma nova imagem do real e mudou profundamente certas relações de força, no mundo. “*A variedade de sistemas, serviços e aplicação na área das comunicações audiovisuais ganhou particular expressão na última década do século XX, quando a exploração da “era digital” veio facilitar e flexibilizar enormemente a aquisição, processamento, armazenamento e transmissão de informação audiovisual*” (FERREIRA, Fernando. 2009:4).

Relativamente às várias interpretações do termo *imagem*, que diversas disciplinas utilizam, a imagem pode também variar consoante a sua particularidade icônica. A palavra *imagem* é tão utilizada, como todos os tipos de definições sem ligação aparente, que se torna difícil de apresentar uma definição simples e que contenha todas as formas de empregar. Mas o que existe em comum entre um desenho de uma criança, um filme, uma pintura rupestre, cartazes, *graffitis*, uma imagem mental ou de marca, etc.? Apesar de apresentar uma diversidade de significados, o mais notável, é que o sujeito compreende-a, nas suas mais variadas manifestações, isto é, a imagem depende do sujeito que a produz, do significado que lhe atribui. “...*ela designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece*” (JOLY, Martine. 1994:13).

Assim, conclui-se que se existem diversos tipos de imagens, existem também diversos tipos de interpretações. Nenhuma mensagem, seja ela qual for, se pode arrogar uma interpretação unívoca, mesmo que cada indivíduo seja único e possua a sua própria grelha interpretativa. Este indivíduo - telespetador ou leitor - não é de definição simples e muitas determinações diferentes, até contraditórias, intervêm em sua relação com a imagem: além da capacidade preceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças que, por sua vez, são modelados consoante a sociedade onde o sujeito está inserido (classe social, a um determinada época, cultura). O telespetador deve ser tratado como um parceiro ativo da imagem, emocional e cognitivamente - ele constrói a imagem e esta constrói o telespetador, ou seja, “*o telespetador faz existir a imagem*” (AUMONT, Jacques. 2008:86).

Então as imagens são forçosamente culturais, não é a natureza que as sugere? Platão, com uma das mais antigas definições de imagem, explica: “*Chamo imagens, em primeiro lugar às sombras; em seguida, aos reflexos na águas ou à superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações deste género*” (JOLY, Martine. *Ibid*:13).

Existem outras formas de definir a imagem. Para Contrera e Hattori a imagem é “um termo que comumente utilizamos para designar representações gráficas ou verbais de algo que existe ou poderia existir”³⁴.

Por sua vez, W. J. T. Mitchell um estudioso da Iconologia³⁵, classifica-a, “numa abordagem mais didática, como gráficas (pinturas, estátuas e desenhos), óticas (geradas pelo espelhamento e projeção), percetuais (as que nos chegam pelos sentidos e reconhecimento de aparência), mentais (realizadas pelos sonhos, pela memória e pelas ideias) e verbais (descritas pelas palavras e sugeridas por metáforas)”³⁶.

Já Martine Joly (1994) afirma que “uma imagem é, antes de tudo, algo que se assemelha a alguma coisa”. Isto aplica-se também quando a imagem não é concreta (sonhos e fantasias). Nestes dois casos, a imagem parecesse com a visão natural das coisas. Esta semelhança coloca a imagem no grupo das representações: ela assemelha-se com a coisa, contudo não a é, sendo definida, portanto, como signo analógico, que tem na semelhança o seu princípio de funcionamento. Para o autor, entre as teorias que podem abordar a imagem (teorias em matemática, em informática, em estética, em psicologia, em retórica, em sociologia, entre outras), a que melhor consegue dar conta do seu conceito, é a teoria semiótica. Martin Joly (1996) realça que para compreender o que é a imagem é essencial, saber que ela é heterogénea, que abrange diferentes categorias de signo: por um lado, as imagens no sentido teórico do termo (signos icónicos, analógicos), por outro, os signos plásticos e os linguísticos relacionados à linguagem verbal.

Apesar das categorias em que a imagem se apresenta, ela tem um valor visual e uma importância social na comunicação. O fato é que existe uma relação próxima entre a imagem e a sociedade. Uma modifica a outra, mas como e porquê? É graças à eletrónica que é possível transmitir, fixar, conservar, gravar, recuperar, reproduzir e até “inventar” imagens. O desenvolvimento da tecnologia utilizada na comunicação das imagens e os estudos das mensagens iconológicas conduziram, ao longo dos anos, ao controlo das vias de comunicação visual e, posteriormente, audiovisual. Atualmente, a televisão e a publicidade tornaram-se as principais fontes de imagens, que através das quais, cativam a atenção das pessoas. O impulso comercial da imagem é notório, nos dias de hoje. A abundância da imagem nas revistas começa na própria capa que apela à atenção dos leitores. Vender ideias através da imagem impressa ou televisiva, é hoje, uma regra imprescindível do comércio. Vivemos, pois, numa “civilização da imagem”.

Estando inserida no quotidiano do cidadão, quais são as suas funções? *Arnheim*³⁷ apresenta três funções da imagem: simbólico: inicialmente as imagens serviram de símbolos religiosos, de vinculação dos novos valores (Democracia, Progresso e Liberdade) associados às

³⁴ Ciência que trata do discurso em imagens e sobre imagens

³⁵ Ver: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/7%20art%205.pdf>, p.114

³⁶ Ver: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/7%20art%205.pdf>, p.114

³⁷ Pensamento apresentado no livro “A imagem” de Jacques Aumont, pp.79

novas formas políticas; epistémico: a imagem traz informações visuais sobre o mundo, que pode ser assim conhecido e percebido. A natureza dessa informação pode ser, por exemplo: um mapa rodoviário, um cartão postal ilustrado ou um cartão de banco. Esta função foi consideravelmente desenvolvido e expandida desde o início da Era Moderna, com o surgimento de géneros “documentários” como a paisagem e o retrato; por último, estético: a imagem é destinada a agradar o seu telespetador, oferecendo-lhe sensações específicas. Atualmente, esta função é indissociável da noção de Arte, a ponto de se confundirem as duas (na publicidade esta confusão atinge o auge).

A imagem na maioria dos casos, serve como “um meio para” ou “um veículo de”. Ela deve servir para muito mais do que isso, como um instrumento de pensamento, de reflexão em si mesma. Sendo um instrumento de conhecimento e de pensamento, Ulrich Neisser³⁸ defende que “*estamos a ficar mais inteligentes por causa das imagens e considera que a mudança mais significativa ocorrida no ambiente intelectual do século XX foi a exposição aos media visuais (fotografia, televisão, vídeo, imagens virtuais, etc.)*” (MIRANDA, José e SILVEIRA, Joel: 2002:463).

José Carlos Abrantes³⁹ explica que existem quatro movimentos que se encontram associados à imagem. Um primeiro movimento refere-se às relações das imagens com os modos de as fabricar. Um segundo movimento pode agrupar-se à volta dos modos de conhecer associados à imagem. Um terceiro movimento pode encarar-se no sentido da partilha social das imagens, logo da relação social que estas provocam, estimulam ou neutralizam. Por último, o quarto movimento refere-se aos olhares dos recetores, isto é, centra-se nas multifacetadas relações dos olhares com as imagens.

O poder da imagem atravessou séculos até se desenvolver. Atualmente, as imagens multiplicam-se e criaram uma função junto dos consumidores que realça, sem dúvida, a sua importância no mundo contemporâneo. É indiscutível que a imagem transmite uma mensagem, como acontece com um texto, ou seja, ela também possui a sua própria linguagem, portadora de muitos sentidos, consoante a sociedade onde é apresentada.

As imagens produzidas por computador são designadas “as novas imagens contemporâneas” que se podem ver em ecrãs de alta definição. Os programas são cada vez mais sofisticados e poderosos que permitem criar novos universos virtuais, podendo falsificar uma determinada imagem aparentemente real. Através desta evolução da tecnologia “*toda a imagem é a partir de agora manipulável e pode alterar a distinção entre o real e virtual*” (JOLY, Martine. 1994:28).

O uso contemporâneo da palavra imagem remete na sua maioria como *imagem mediática*. A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que criticamos e que faz ao mesmo tempo parte da vida quotidiana de cada um, é a imagem mediática. Anunciada,

³⁸ Investigador da Universidade de Cornet

³⁹ José Carlos Abrantes foi um dos autores que participou na obra “As Ciências da Comunicação na viragem do século”

explicada, lisonjeada ou menosprezada pelos próprios meios de comunicação, a imagem torna-se sinónimo de televisão e de publicidade.

Apercebe-se, de que a imagem, longe de ser uma ameaça contemporânea, é um meio de expressão e de comunicação que nos une às tradições mais antigas e mais ricas da nossa cultura. *“A sua leitura, mesmo a mais ingénuo e quotidiana, mantém em nós uma memória que apenas exige ser um pouco estimulada para se tornar num utensílio mais de autonomia do que de passividade”* (JOLY, Martine.1994:155).

A sua compreensão necessita que seja tomado em conta o contexto da comunicação, da historicidade da sua interpretação, assim como as suas especificidades culturais. Ao interessar-se pela imagem é também importar-se por toda a nossa história, tanto pelas nossas mitologias como pelas nossas diferentes formas de representação. Atualmente reduz-se a imagem à imagem mediática ou às novas tecnologias. Deve-se salientar que estas são apenas as formas mais recentes dos signos visuais que nos acompanham, tal como acompanharam já a história da humanidade. O facto é que devido à importância da comunicação através do tempo e do espaço, quer por imagens, quer por sons (falados ou não), o Homem tem procurado ao longo dos tempos desenvolver sistemas que lhe permitam transmitir informação audiovisual de um local para o outro e de um momento para o outro.

2. A imagem nos *Media* contemporâneos

“O Mundo que nos rodeia está grávido de imagens com suporte icónico (televisão, cinema, publicidade...) direcionados no enaltecimento da figura humana, enquanto ela própria, criando estereótipos sexistas (cremes, cosméticos, cirurgias estéticas...) ou nos seus invólucros, a moda do vestuário ou do calçado também cria estereótipos que funcionam como uma determinada pressão que empurra as pessoas para copiarem ou consumirem.” (FERRONHA, António. 2001:13).

As sociedades contemporâneas estão repletas de mensagens mediáticas - sons e imagens, informações e impressões - que são sequiosamente consumidas não só na expectativa de saber o que se passa no mundo, mas, também, de obter descontração e entretenimento. A maioria das informações que contribuem para a formação de opinião devem-se à ação dos meios de comunicação social. Estes proporcionam, ainda, um vasto conjunto de mensagens, imagens e ideias diferentes, sendo que, na sua maioria, provém da sociedade, voltando a ela através dos *media*. Assiste-se, pois, a uma contradição entre a evidência dos efeitos dos *media* promovido pelo conhecimento pragmático, baseado na experiência, e os resultados da investigação científica que oferece possibilidades limitadas de generalização. McQuail descreve este paradoxo da seguinte maneira: *“Podemos ter a certeza de que certos efeitos estão sempre a ocorrer, sem sermos capazes de ver ou de prever o*

resultado agregado ou de saber depois do acontecimento quanto é atribuível aos media. Podem existir muitos efeitos sem que haja um padrão ou direção gerais. É pouco provável que os media sejam a única causa necessária e suficiente de um efeito e é extremamente difícil avaliar a sua contribuição relativa.”⁴⁰

A relação entre os meios de comunicação e a imagem tem propiciado, ao longo das últimas décadas, um debate não só filosófico, mas, também, epistemológico ficado nas questões da objetividade/subjetividade do mundo representado. A influência dos dispositivos técnicos sobre as maneiras de representação escolhidos (Mcluhan, 1964), o papel da recepção na construção do sentido das imagens (Hall, 1973); a relação das imagens com a escrita (Postman, 1986) são alguns exemplos mais recentes de questionamentos em volta da imagem.

Desde já, pode-se verificar que a imagem tem substituído progressivamente a escrita para fazer circular a informação através do mundo. Isto não significa que a Imprensa escrita esteja moribunda: simplesmente tornou-se acessória. O homem da imagem é impiedoso. O realizador *Jacques Ertaud*⁴¹ diz que *“a reportagem dá a ver e a pensar pela força da imagem. Ela ensina que a imagem se basta a si própria...tanta na sua virtude que quase poderia dizer: o texto está na reportagem porque ainda não conseguimos fazê-la sem palavras.”* Por sua vez, o homem da escrita responde: *“quem diz imagem diz simplificação da mensagem transmitida. Enriquecimento visual, é certo, mas empobrecimento conceitual”* (WOODROW, Alain. 1991:43).

Os meios eletrónicos revolucionaram completamente as nossas noções de tempo e de espaço. A rádio, depois a televisão e atualmente o satélite e a informática, realizaram o milagre de abolir a distância (por exemplo: a videoconferência). A televisão aperfeiçoou a proeza técnica que possibilita ir buscar uma determinada imagem a qualquer lugar do mundo e de a trazer, à velocidade da luz, para qualquer outro ponto do globo. Os *media*, principalmente a televisão, desenvolvem formas aprimoradas de comunicação sensorial, multidimensional, inteirando linguagens, ritmos e vias variadas de acesso ao conhecimento. As formas de contar são as mais variadas, menos racionais, mais sensoriais e emocionais. A estrutura da informação é menos precisa, mais intuitiva. As abordagens das ideias variam entre o maniqueísmo dogmático e uma obscuridade ética, o que permite intervenções por parte de produtores e consumidores, concessionários, com consequências na comunicação de outros espaços como o escolar, o familiar e o educacional.

Haverá algo mais sedutor do que a imagem? Ela oferece-se totalmente, no instante, ao público apressado que não tem tempo nem vontade, nem por vezes a capacidade de se deter, de examinar e ainda menos de analisar a mensagem recebida. A imagem é a facilidade: ela encoraja a preguiça, a passividade.

⁴⁰ Ver: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1494>, 03 Tese Abr 07. Pdf (texto principal), p.18

⁴¹ Pensamento que pode ser encontrado no livro “Informação, Manipulação” de Alain Woodrow, p.43

A instantaneidade da imagem não pode ser tratada como um *fait divers* relatado num jornal. Ela é espetacular e imediata, atraente ou repugnante. Por isso, deve ser “montada”, encenada, promovida a espetáculo, para chegar o mais próximo possível das pessoas.

O telemóvel, os faxes, a televisão, a rádio, o computador “tocam-nos”, construindo o *Homo Mediatikus* e, conseqüentemente uma cultura mediática. Uma fotografia, um filme, um programa de televisão não são nenhum espelho da realidade, mas o facto, é que para a maioria da população são a realidade. Todos os dias de forma rotineira lemos o jornal, ouvimos rádio ou vemos um telejornal, isto é, consumimos notícias e este consumo, de certa forma, vai circunscrever o nosso horizonte cognitivo. Os meios de comunicação são os primeiros que se apresentam como transmissores da realidade social. Sabemos que o acontecimento é construído pelos jornalistas.

A imagem utilizada nas notícias é muitas vezes enganadora. É possível fazê-la dizer o contrário da verdade fixada na película, no momento da captação da imagem. O seu tratamento vai multiplicar as interpretações possíveis dum mesmo texto. “*A manipulação da imagem através da intervenção maciça dos media audiovisuais, secundados pela eletrónica, assume uma dimensão cuja amplitude futura, cujas conseqüências e cujos perigos não é ainda possível calcular*” (FRANCASTEL, Pierre. 1983:9). Não existem dúvidas que estamos numa era de mutação das técnicas e de manipulação da imagem. Quanto mais se aperfeiçoam as técnicas, mais aumenta a incerteza sobre a legitimidade da intervenção dessas técnicas na nossa vida de todos os dias. Destruir a imagem tradicional para substituí-la pela imagem da imagem não é, com efeito, monopólio dos *media* audiovisuais. Também se podem manipular as aparências, como por exemplo: destruir a imagem de uma cidade, ainda ontem gloriosa, e hoje símbolo, moldura e berço de todos os males presentes e futuros que se abatem sobre a humanidade. Na imprensa, a imagem e antes de mais a fotografia não é um acessório da notícia. É muitas vezes informação tanto como ilustração. Dirige-se à sensibilidade, provoca choque psicológico, enquanto escrito se dirige principalmente à razão.

Com as tecnologias contemporâneas, a modificação das imagens deixam de ser um privilégio dos fotógrafos experientes, e tornam-se acessíveis ao público aprendiz. Os resultados obtidos são por vezes tão eficazes que se tornam despercebidos mesmo ao olhar de profissionais da fotografia. A fotografia como forma de registo da imagem tem assumido desde o seu aparecimento um carácter essencialmente documental, servindo como testemunha de uma realidade e, depois, como recordação da mesma. Justifica-se assim, a recorrente utilização por parte dos meios de comunicação, porque a imagem no campo jornalístico torna-se informação visual e contribui para o conhecimento, bem como para a compreensão dos acontecimentos.

Contudo a imagem fotográfica é por vezes duvidosa, por transmitir não apenas a imagem da “realidade literal”, mas também uma “versão da realidade”. O problema que surge é que a imagem fotográfica pode ser transformada de forma a modificar a realidade inicialmente captada. Ela é considerada uma falsificação quando se descobre que engana quem a vê quanto ao acontecimento que afirma representar. Esta deturpação pode ocorrer

em diferentes momentos: antes do registo da imagem (fotografia encenada), no momento da captação (escolher um determinado enquadramento) e depois do registo da imagem (modificando de diversas maneiras possíveis, as componentes visuais existentes na mesma).

Nos últimos anos, tem sido de conhecimento público os diversos casos em que as imagens de alguma forma são manipuladas. Apontar uma câmara de televisão para um acontecimento não o transforma automaticamente em informação. *“Na melhor das hipóteses transforma o telespetador em voyeur e desencadeia nele emoções. E a emoção paralisa perigosamente a reflexão”* (WOODROW, Alain. 1991:48).

No tratamento de um artigo para a Imprensa, em contrapartida, verifica-se uma “química misteriosa” que modifica precisamente o acontecimento em informação. O acontecimento em bruto não é entregue ao público tal como é, ou seja, primeiramente é verificado, calculado, recortado com outros factos, depois apresentado sob vários ângulos, voltado a colocar no seu contexto, contado, analisado e por fim, comentado. Poderia pensar-se que a imagem não necessita deste tratamento já que fala por si própria, que é uma entidade instantaneamente perceptível. *“Ora uma imagem em bruto é exatamente tão ambígua, turva e, em última análise, tão enganadora quanto um facto em bruto”* (WOODROW, Alain. *Ibid*:49). E os meios que os *media* para a afastar, manipular são infinitos. Por exemplo, bastar verificar a utilização de imagens de arquivo para ilustrar um acontecimento atual, sem que disso se tenham claramente prevenido os telespetadores. E, no entanto, para o indivíduo da rua (ver é acreditar): *“É verdade, porque eu vi na televisão!”*.

Assiste-se no quotidiano ao casamento entre a televisão com o computador. Existe o comprimir das imagens fixas e o armazenamento das mesmas, alterá-las e depois transmiti-las antes de as restituir. Esta rapidez permitirá o acesso à distância, a bancos de fotografias, o aperfeiçoamento eletrónico da edição de jornais e revistas, etc. Sem recorrer a esta tecnologia vertiginosa (o computador), existem desde já, dois campos onde a informação escrita mas, sobretudo, televisiva corre perigo de ser deformada e, por conseguinte, manipulada. Antes de mais, o seu tratamento. A forma de apresentar uma informação abre a porta a todas as manipulações. Isto é particularmente verdade o audiovisual, onde a rapidez prima sobre todas as outras considerações. *“É indispensável ser rápido, ser o primeiro, lançar um máximo de notícias num mínimo espaço de tempo”* (WOODROW, Alain. *Ibid*:51).

Hoje em dia, a tecnologia aboliu a distância entre o acontecimento e a informação. A informação anda tão depressa quanto o acontecimento e, por vezes, precede-o a ele. Por conseguinte, escolhem-se as imagens-choque (o choque das imagens, a fraqueza das palavras). O que decide a sorte de um acontecimento perante a opinião do seu público? As imagens. A ausência de imagens nos telejornais transforma-os em “não acontecimentos”, ou seja, a imagem não é um acessório da notícia, mas sim um elemento crucial que comprova a existência do acontecimento. O impacto da imagem é tal que a ocorrência deve passar na televisão para existir. *“Para um acontecimento ser notícia (verdadeira ou falsa é sempre notícia) é preciso que atinja o “umbral de noticiabilidade”, isto é, que vá ao encontro à emoção que por sua vez chame à atenção do telespetador/consumidor”* (FERRONHA,

António. 2001:23). Os *media* são em grande parte os “construtores” da realidade social, é um facto. Eles operam sobre os acontecimentos que *per si*, são evanescentes, as suas representações convertem-se nos meios de comunicação em manifestações duradouras em documentos. O acontecimento só funciona se der espetáculo e consequentemente, atrair a atenção do público.

Mas qual é o elemento que torna a notícia forte e, por conseguinte, capta atenção do público? A imagem. O poder que a imagem possui, em muitos casos passa “ao nosso lado”. Na *sociedade do espetáculo*, o excesso de utilização de imagens por parte dos *media*, bombardeia-nos diariamente, proporcionando uma anestesia crítica dessa produção. Perde-se a capacidade de leitura e de percepções da imagem devido ao aumento da sua utilização, fixa apenas os estereótipos simbólicos, remetendo-nos somente a superfície. Alberto Manguel defende que “na nossa época, quando as imagens ganham novamente preeminência sobre a palavra escrita, falta-nos esse vocabulário visual compartilhado. Temos permitido que a propaganda e a mídia eletrônica privilegiem a imagem para transmitir informações instantaneamente ao maior número de pessoas, esquecendo que a própria velocidade a converte em ferramenta ideal de comunicação para toda a sorte de propaganda, porque manipuladas pela mídia, essas imagens não nos dão tempo para a crítica ou reflexão pausada.”⁴²

No campo da publicidade a missão do homem é chocar e dirigir a atenção. Em lugar das mensagens se apresentarem ao pensamento como uma proposta de reflexão, visam violentar o público. A manipulação da imagem, a parcialidade na sua escolha e os diversos fatores que influenciam na percepção que dela se tem jogam por terra o velho ditado de que “a imagem vale mais que mil palavras”. Este ditado antigo é uma velha forma de comparar a força cognitiva e comunicativa das imagens e dos textos. Contudo, atualmente surgem muitas discussões à volta desta afirmação devido à manipulação de imagens.

Em resumo, as imagens mais eficazes e que captam mais atenção do público são, por primazia, aquelas que nos seduzem e que se aproveitam dos nossos desejos inconscientes (como por exemplo: as campanhas publicitárias que incluem modelos com corpos esbeltos, cremes que “ajudam” a obter um corpo ou uma pele magnífica, etc.). Portanto, elas não são mais, como já acontecia nas décadas anteriores, imposições de necessidades falsas e explorações patentes de carências reais e legítimas, de sonhos e desejos concretos. Também é um facto que na sociedade contemporânea, cada vez mais, pensa-se e receia-se que as imagens sejam falsas, logo, que nos enganem. “Quando se acusa uma imagem de “mentir”, pode tratar-se também de uma rutura do “contrato” de comunicação, como no caso do jornalista que não verifica as suas fontes ou que “brinca” com a sua informação” (MARTINE, Joly. 2002:126). É este poder manipulador que o público, cada vez mais, receia porque, assim, a imagem terá como natureza a mentira e não a verdade do mundo

⁴² MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens. Uma história de Amor e Ódio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

V Capítulo - O impacto dos *Media* na Sociedade

Neste último capítulo teórico serão abordados os efeitos que os meios de comunicação social têm sobre as pessoas. Além da relação da violência e do crime com a sociedade, também serão apresentados os vários efeitos que os *media* causam na sociedade e nas várias fases de desenvolvimento do ser humano, nomeadamente, a infância, a adolescência, o contexto familiar e escolar.

1. A violência e o crime nos *Media*

Como foi referido no III Capítulo, a violência não é um fenómeno isolado e manifesta-se sob diversas formas. De acordo com Yves Michaud *“há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”* (MICHAUD, Yves. 1989:11).

A noção de violência é subjetiva e relativa. Nem toda a gente tem a mesma conceção de violência. Além disso, o nível de tolerância à violência varia de um grupo ou de um indivíduo para outro na mesma sociedade e *“o que é muito importante do ponto de vista dos meios de informação as categorias e os graus de violência que são tolerados pelo mesmo indivíduo ou grupo variam de acordo com as circunstância e o momento”* (BURNET, Mary. 1971:15-16).

Atualmente as notícias de violência ou de criminalidade invadem cada vez mais as nossas casas. Mas esta exploração obsessiva da violência por parte dos meios de comunicação será apenas uma reposta ao público, para satisfazer a sua curiosidade mórbida e saciá-lo no seu apetite pelo trágico? A exposição do público às simultâneas cenas de violência, reais ou fictícias, pelos *media*, pode influenciar a postura comportamental do indivíduo e as suas relações sociais? Estas são algumas das respostas que têm sido procuradas pelos especialistas desta área, onde existe uma crescente inquietação da sociedade em arranjar meios, para melhorar as condições de vida das próximas gerações.

A existência de uma relação entre a violência representada pelos meios de comunicação e a violência na sociedade foi o principal foco do Colóquio da UNESCO (*United*

Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), em 1970. O papel dos *media* é de assegurar uma comunicação, quer difundindo notícias, quer educando, quer divertindo. Este simples facto (divulgar notícias) mostra que as suas relações com a sociedade apresentam um duplo sentido. Restituem à sociedade no seu conjunto algo que adquiriram de uma sua parte. É o mesmo mecanismo que ocorre relativamente à sua função educativa. Em relação às obras de imaginação apresentadas para divertimento do público, baseiam-se em acontecimentos fictícios, mas cada uma delas encontra a sua origem num modelo retirado da realidade. Isto mostra que os meios de comunicação não divulgam nunca de uma maneira intata os elementos que vão buscar à realidade. Até as ocorrências que constituem a matéria das notícias são modificadas pelo simples facto de passarem por um órgão de informação, independentemente dos esforços feitos para os apresentar de uma forma objetiva. “A maioria dos recetores acabam sendo condicionados a aceitar as informações sem que o seu conteúdo seja questionado, ou que se tenha tido a certeza de que as informações fornecidas pelo meio são provenientes de fontes verdadeiras ou não. Até porque no mundo dos mass media as informações perdem sua validade muito rapidamente fazendo com que os indivíduos fiquem sempre dependentes dos meios de comunicação de massa para estar ciente do que está acontecendo no mundo”⁴³

Os meios de comunicação, por um lado, não podem ser vistos como a causa da violência, pois esta existe antes deles, mas, por outro lado, desempenham um papel na sua difusão. As censuras que são feitas aos meios de comunicação social, sobre a forma como transmitem a violência nas notícias revestem-se das modalidades mais diversas. Neste colóquio da UNESCO os participantes reconheceram que seria não só errado mas também perigoso aceitar todas as acusações feitas aos *media*. Em primeiro lugar, defenderam que são fundadas muitas vezes não em factos mas em hipóteses quanto à violência e aos seus efeitos tal qual existe na realidade ou tal como é apresentada pelos meios de comunicação social. Em segundo lugar, não fazem mais do que refletir, muitas vezes, os preconceitos, as obsessões ou os interesses dos diversos grupos sociais. Os mesmos também defendem que o que preocupa realmente as pessoas que fazem estas críticas é na realidade a evolução da sociedade e não os meios de informação.

Porém, os ataques contra os *media* nem sempre emanam de pessoas de boa-fé. O seu real objetivo pode ser o de fazer publicidade a favor de uma determinada causa. Podem também surgir de grupos de pressão organizados cuja finalidade é afastar a atenção de problemas sociais reais.

Relativamente à tolerância das pessoas sobre a violência, verifica-se que na sociedade contemporânea, à medida que os meios de informação aumentam a exposição das pessoas a estes temas, as pessoas já não são tão tolerantes à violência “o homem torna-se por toda a parte mais sensível à violência sob todas as suas formas - incluindo as mais latentes, tais como a miséria, a humilhação e a injustiça” (BURNET, Mary. 1971:31).

⁴³ Ver: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/104.pdf

Todos os participantes distinguiram entre o tratamento dado pelos *media* à violência real e à violência fictícia, isto é, à violência que ocorre em concreto num dado momento, por um lado, e à que é produzida no domínio do espetáculo, por outro. Muitos dos acontecimentos que sucedem na realidade são deformados pelos meios de comunicação. Também não é menos verdade que é a seleção à qual procedem repórteres e diretores de redação que “faz” a atualidade. Um acontecimento de que não se tenha dado conta existe enquanto acontecimento, mas não faz parte da realidade. A crítica dos participantes do Colóquio recaiu ao mesmo tempo sobre a seleção e a representação da atualidade realizada pelos *media*, aos quais acusaram de dar importância exagerada aos acontecimentos de caráter violento e de os apresentar de uma maneira que apela para as reações exageradamente emotivas do público.

Atualmente é a televisão o alvo que recebe mais críticas, enquanto no passado era a imprensa sensacionalista. A maior parte dos representantes dos meios de comunicação que participaram no colóquio mostraram-se céticos quanto à possibilidade de modificar um estado de coisas que calculam corresponder, no fundo, ao que o público deseja. Os jornalistas presentes neste evento salientaram que são obrigados a tomar, frequentemente, decisões rápidas. Isto acontece não só na televisão, mas também nos jornais e na rádio.

Neste Colóquio da UNESCO também ficou concluído que os meios de informação não são responsáveis pela violência no mundo em que vivemos. Porém, podem contribuir para a propagação e prevenção dessa mesma violência.

O facto é que muito para além da nossa vivência direta de cidadania, é através dos *media* que o mundo nos chega - acontecimentos, factos, relatos, testemunhos, histórias e imagens. É a partir deles que também formamos opiniões, reforçamos crenças, construímos imagens e damos sentido a uma realidade social complexa e mutante.

O crime, fenómeno multifacetado, apresenta-se nos meios de comunicação como uma matéria apelativa no resgate da atenção do público, tendo em conta o potencial dramático e emotivo das suas histórias, através das quais provoca no homem o surgimento de sentimentos e emoções. No entanto, é em simultâneo matéria projetiva de tensões e desequilíbrios sociais, onde se revêem e avaliam grupos e instâncias e se parte para uma análise da vida coletiva que ultrapassa, em larga medida, a experiência individual e subjetiva de vitimização. *“De acordo com ZAVASCHI (1998) a mídia, especialmente a televisão, desempenha um enorme papel na vida diária, particularmente nas vidas das crianças e dos adolescentes. Embora a mídia atue na educação e socialização das crianças, há também um grande número de problemas de saúde associados à permanência excessiva em frente à televisão, independentemente de conteúdo. Além disso, um extenso conjunto de pesquisas documenta amplamente uma forte correlação entre a exposição das crianças à violência na mídia e um grande número de problemas comportamentais e psicológicos, intensificados principalmente*

*pelo comportamento agressivo. As evidências mostraram que esses problemas são causados pela própria exposição à mídia*⁴⁴.

O tratamento das questões sociais, e do crime, em particular, ganha projeção nos *media* num duplo sentido. Em primeiro lugar, o crime constituiu um tema noticioso que leva para o espaço público, assuntos essenciais relacionados com as formas de sociabilidade. As narrativas sobre valores, moral, segurança, configuram-se como assuntos particularmente sensíveis à produção de conhecimento social. Em segundo lugar, o crime é, em simultâneo, assunto com grande peso dramático e emotivo, que capta a atenção do público e que, pelo seu potencial de noticiabilidade, se assegura como mirante de funcionamento dos meios de comunicação.

A sociologia regista, de certo modo, o papel das notícias de crime de uma visão atomista - focada nas relações entre os meios de comunicação/consumidor e na incompleta discussão sobre os efeitos negativos e inquietantes do crime enquanto exemplo de conduta - para projetar na sociedade, onde atuam numa complexa teia de relações institucionais. *“As histórias do crime são excertos do pulsar diário do mundo em que vivemos, a que os media estão particularmente atentos por exprimirem a rutura, a descontinuidade, o desvio, emergentes da cadência previsível e rotineira do quotidiano”* (PENEDO, Cristina. 2003:30).

O interesse pelo papel dos meios de informação como representantes sociais do fenómeno da criminalidade surge sob a égide de uma conceção de causas cognitivas, mas é igualmente sustentado por duas outras importantes áreas da sociologia de pesquisa: Sociologia da Desviância e do Conhecimento.

A noção de desvio impôs-se como um conceito central da nova criminologia que marcou os anos sessenta. A definição do crime e, em sentido mais alargado, a desviância (onde se inclui um leque lato de vias que exprimem inconformismo, tensão social -, resultam de regras e realidades socialmente produzidas, consoante os poderes legais ou simbólicos que referem, em última instância, a manutenção da lei. *“O enfoque dado pela sociologia da desviância à esfera da interação social - e ao relevo que aí assume a sinalização e a valoração de comportamentos disruptivos e dos cenários em que os mesmos ocorrem - vem despertar uma onda de interesse pelo papel dos media na cultura do controlo”* (PENEDO, Cristina. 2003:31).

Os meios de comunicação configuram-se como instâncias de controlo informal na medida em que trazem para o espaço público o crime e os seus personagens, dando-lhes visibilidade. *“São-no também porque, ao reescreverem o crime, ao transformarem uma situação num acontecimento, avançam com definições sobre a infração, as suas causas, os seus atores, os problemas sociais que lhe estão ligados e delineiam os limites do normativo, concorrendo desse modo para uma representação social do fenómeno”* (PENEDO, Cristina. *Ibid*: 31).

⁴⁴ Ver: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10413

O crime, enquanto tópico noticioso, é visto com um elevado grau de noticiabilidade por conter violência, ruptura com a ordem social e imprevisibilidade. *“As coisas são notícia porque traduzem mudança, imprevisibilidade e a natureza conflitual do mundo”*⁴⁵.

Resumindo, o retrato do crime reaviva, pela negativa, os limites do comportamento normativo e a noção de ordem social. As narrativas do crime - através da expressão da violência, da desordem e da insegurança - atingem questões vitais ao pulsar da vida em sociedade, suscetíveis de firmar posições oficiais, ao mesmo tempo que apelam a um posicionamento do público. O facto é que o crime, sendo um misto de ação, emoção, drama e suspense, contém os ingredientes necessários, mobilizadores da atenção do público, capazes de conduzir o olhar *voyeurista* do telespetador. *“A temática da criminalidade configura-se como fonte inesgotável de matéria-prima à produção noticiosa, dado...o seu potencial de noticiabilidade”* (PENEDO, Cristina. *Ibid*:43).

2. Media e Sociedade

“A mudança é a essência da comunicação; depois de uma troca comunicativa, a situação já não é a mesma: aconteceu uma coisa que modificou de um ou de outro modo a relação entre os participantes ou entre estes e o ambiente exterior” (McQuail 1975).⁴⁶

Neste processo intervêm muitos fatores: os diferentes graus de intencionalidade e de causalidade na produção de efeitos pela comunicação. De igual maneira, é preciso ter-se em conta a atitude do recetor, as suas características, na interrupção da mensagem; a situação específica em que a comunicação acontece; o tipo particular de conteúdo e de forma da própria mensagem, entre outros. Este é um tempo que tem sido alvo de muita reflexão e críticas por parte de especialistas da área.

Ao longo dos anos, muitas foram as conceções que surgiram sobre os *media*, e particularmente sobre a posição que ocupam atualmente nas sociedades contemporâneas. *“A função que os mass media desempenham na sociedade contemporânea tem sido discutida em função de diferentes paradigmas e problemáticas, apelando aos mais diversos ramos do saber, seja da psicologia, à sociologia, incluindo a filosofia, passando pelas ciências da comunicação ou da educação”*⁴⁷.

⁴⁵ Pensamento do autor Stuart Hall que pode ser encontrado no livro *Crime nos Media*, de Cristina Carmona Penedo, p.41

⁴⁶ Citação retirada do livro “A comunicação como processo social” de Pio Ricci e Bruna Zani , 1993, p.237

⁴⁷ CAMPOS, Ricardo, *Os mass media enquanto escola paralela na sociedade contemporânea*, “in As Ciências da Comunicação na Viragem do Século”, eds. Miranda Bragança e Silveira, Joel Frederico, 2002, p.390

Os meios de comunicação constituem um dos múltiplos campos autónomos das sociedades modernas. Tal como acontece com os restantes campos sociais, os *media* são uma instituição delimitada pela sua própria esfera de legitimidade na definição, na imposição e na defesa de uma determinada hierarquia de valores, na regulação do seu mercado, na sua transcrição em formas simbólicas que se impõem socialmente ao conjunto dos campos sociais como relativamente indiscutíveis. Contudo, ao contrário dos outros campos sociais “*os media distingue-se pela natureza dos seus valores legítimos, pelo modo de regulação do seu mercado, pela forma dos seus símbolos e pelos processos de definição e de defesa da sua ordem legítima*” (Rodrigues, Adriano. 1984:19).

A comunicação é um objeto de debate constante em várias áreas sociais: medicina, teologia, gestão, jornalismo, política, engenharia, entre outras. Entre as muitas questões colocadas sobre este tema, existe uma que ressalta maior interesse: sendo a sociedade um palco de discussão, como é que intervém no desempenho dos *media*? O facto é que vivemos numa sociedade escasseada de ideias, sem memória, onde existe pouca consciência e muita tagarelice.

Por muito falatório que haja na sociedade, ninguém nega a função indispensável da comunicação de massas em democracia, muito pelo contrário. “*A informação continua a ser essencial para uma boa evolução da sociedade e sabemos que não é possível existir democracia sem uma boa rede de comunicação e sem o máximo de informação livre*”. Cada vez mais existem menos dúvidas que é graças à informação que o homem vive como um ser livre. Contudo, embora os meios de comunicação continuem a ter o mesmo poder de informar e de tornar público o que se passa pelo mundo fora, estão a perder cada vez mais o seu grau de independência, por se deixarem manipular por outros poderes. É por isso que atualmente se debate ainda se os *mass media* são definitivamente o *quarto poder* da sociedade.

Tendo a ligação que têm com os vários campos sociais, os meios de comunicação padecem de uma autonomia frágil. Esta fragilidade não nasceu nos dias de hoje, ela sempre existiu. O que acontece é que atualmente é mais evidente, porque se deixou possuir por outros interesses (económicos, políticos, pessoais...).

O facto de serem alvo de tantas interrogações e curiosidade sucede do importante papel que exercem atualmente na organização do nosso campo sociocultural, na construção das referências cognitivas e simbólicas pelas quais o indivíduo rege nos dias de hoje. Todavia, não se deve esquecer que a grande parte destes meios de comunicação é relativamente recente em marcos históricos, estando o seu desenvolvimento e consumo massificado relacionados à expansão de uma sociedade tecnicamente avançada, com o conseqüente aumento do espaço e tempo dedicados ao consumo e lazer de massas.

Os *mass media* são, simultaneamente, um reflexo das constantes e rápidas mutações que se verificam na nossa Era. As transformações sociais, tecnológicas e culturais são continuamente transmitidas por toda uma cadeia de modernos meios de comunicação.

Dizer que os *media* são como uma escola paralela é dizer que eles são um processo de aprendizagem social do sujeito, que acontece através do consumo dos meios de comunicação.

Esta noção foi inicialmente introduzida por Friedland na década de sessenta. Por seu turno, Louis Porcher define-a mais tarde como “*um grupo de circuitos que chegam a partir dos meios de comunicação (imprensa, banda desenhada, cinema, rádio e sobretudo a televisão)*”⁴⁸. Referir os meios de comunicação enquanto escola paralela, parte-se do pressuposto de que eles são instrumentos importantes para o sujeito enquanto referências quotidianas; fonte de mensagens que são apropriadas e descodificadas através de determinados quadros mentais preexistentes, influenciando, desta maneira, a construção da estrutura cognitiva e simbólica e as respostas individuais e coletivas face ao meio.

Neste contexto, emerge a imagem de um quotidiano “vivido” e “crescido” junto dos novos canais difusores de informação e cultura, paralelos às instituições tradicionais de socialização como a escola, a família ou a igreja. No que diz respeito à família, esta tenta controlar a exposição das crianças aos conteúdos dos mass media, condicionando o processo de consumo. No tocante à instituição escolar a situação é diferente, existe um distanciamento. Há um ceticismo por parte da escola relativamente aos *media*, devido a estes exporem a crianças a um universo informativo por vezes muito violento. Mas não é só este aspeto que preocupa estas instituições. A manipulação que existe nos conteúdos dos meios de comunicação também é um assunto que suscita muita inquietação. A realidade mediática substitui-se muitas vezes às instituições representativas, acentuando a personificação e espectacularização do acontecimento. Os meios de comunicação não copiam uma realidade pré-existente, determinam-se mutuamente. Não são o espelho de uma realidade exterior, eles envolvem-se com a sociedade numa relação de co-produção.

A maioria dos estudos contemporâneos sobre a comunicação de massas assenta no pressuposto da existência de efeitos significativos dos meios de comunicação. Também permitem compreender a multiplicidade desses efeitos que estão limitados por diferentes processos de interação entre os *media* e o público e estão fortemente dependentes de fatores de ordem sociocultural e psicológica. “*Importa, então, referir que estamos na presença de um sujeito ativo, o que pressupõe que a aquisição e assimilação das mensagens dos media é um processo que não é uniforme, nem imediato, faz parte de uma construção que é simultaneamente de natureza psicológica e social. Ocorre sempre uma construção cognitiva que irá alimentar os quadros de conhecimento e entendimento do mundo*”⁴⁹. Ou seja, o desenvolvimento das competências sociais e capacidades simbólicas dos jovens passa, na sua maior parte, pela interação quotidiana com os *media*.

De facto, quer se trate de informação factual, de mensagens ditas noticiosas, quer de mensagens de ficção, é a discursividade, são os modelos discursivos, os efeitos de sentido que constituem a natureza específica da legitimidade do campo dos *media*. “*É neste contexto que*

⁴⁸ CAMPOS, Ricardo, *Os mass media enquanto escola paralela na sociedade contemporânea*, “in *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*”, eds. Miranda Bragança e Silveira, Joel Frederico, 2002, p.390

⁴⁹ CAMPOS, Ricardo, *Os mass media enquanto escola paralela na sociedade contemporânea*, “in *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*”, eds. Miranda Bragança e Silveira, Joel Frederico, 2002, p.392

os fatores narrados se convertem em puro pretexto dissimulador, estratégia sedutora de verosimilhança, emprestando à narratividade mediática a dose arcaica de referência suscetível de a fazer circular pelos diferentes campos sociais” (RODRIGUES, Adriano. Ibid:21).

Porém, a natureza e o alargamento, o grau, a durabilidade e a previsibilidade dos meios de comunicação são aleatórios, podendo apenas ser constituídos caso a caso. McQuail mostra alguns exemplos de experiências diárias que demonstram a presença desses efeitos na sociedade: “*Vestimo-nos de acordo com o boletim meteorológico, compramos qualquer coisa por causa de um anúncio, vamos a um cinema mencionado num jornal, reagimos de inúmeras maneiras às notícias, a filmes, à música na rádio, etc.*”⁵⁰ Noutras situações, os efeitos traduzem-se numa inquietação pública com as sequelas negativas de cenas de violência, por exemplo. Pode dizer-se que os efeitos se referem às consequências (ao nível da definição da realidade e da construção de significado) de qualquer ação dos meios de comunicação.

O estudo dos efeitos dos mass media foi diretamente influenciado pelo paradigma funcionalista. Esses estudos tiveram origem na década de 40 do século passado, com a descoberta das complexidades comunicacional, social e cognitiva peculiar a toda ação informacional.

Tradicionalmente, as reflexões sobre os *media* focam-se na capacidade das instituições mediáticas e das tecnologias de comunicação executarem um papel na democratização das sociedades, na constituição da “esfera pública”, consoante a qual os indivíduos possam cooperar em assuntos cívicos, “*no destaque da identidade nacional e cultural, na promoção da expressão e do diálogo criativo*”⁵¹. Por isso, os debates sobre a censura sobre os *media* e a sua propriedade sempre foram um elemento nas agendas de trabalho. As perguntas propostas pelas lógicas do mercado, assim como do Estado, têm como objetivo constituir uma via para a publicidade, criar vantagens financeiras para os acionistas e servir como meios de propaganda e controlo social e político

No *modelo autoritário*, os *media* são considerados uma amplitude da autoridade estatal. Por seu turno, o *modelo de serviço público* enfatiza o surgimento de serviços de rádio e televisão ao serviço público, a aposta nos meios de comunicação não-lucrativos, assentes na comunidade e diversas limitações sobre propriedade de meios de comunicação comercial. Na verdade, em muitas sociedades, os *media* operam segundo um *modelo misto*, ou seja, segundo uma combinação de dois ou mais modelos que foram referidos. Na maioria dos casos, existe uma instância que dita e controla as regras de funcionamento nacional.

Atualmente, todo o mundo reconhece que o mercado comercial é que predomina, impõe valores e circunstâncias sobre as maneiras de produção e distribuição, acarretando maiores consequências sobre conteúdos e natureza da informação. Neste contexto, aparecem novos desafios mais complexos relacionados com a concentração de meios de comunicação, a uniformização e a pobreza dos conteúdos, a falta de diversidade cultural, o papel controlador

⁵⁰ Ver: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1494>, 03_Tese Abr_07.pdf (texto principal), p.17

⁵¹ Ver: <http://bocc.ubi.pt/pag/costa-mendes-meios-de-comunicacao-e-sociedade.pdf>

dos Estados mundiais e a necessária redefinição de serviço público em termos de informação. Além disto, a recente evolução digital veio interrogar a relação entre os meios de comunicação com a sua própria definição e redefine o seu papel de maneiras completamente inéditas, colocando-as numa *sociedade da informação* que se esforça para delimitar.

A relação entre os *media* e a sociedade da informação sugere efetivamente um desafio aparentemente paradoxo. Por um lado, os *media* vivem um processo de concentração da propriedade e integração do som, áudio e imagem, devido à chegada dos suportes digitais. Por outro lado, a Internet e o suporte digital particularizam e popularizam o acesso à comunicação e à interação, possibilitando o desenvolvimento de novos meios alternativos que, ao mesmo tempo, afetam os meios de comunicação de massa tradicionais. *“A relação entre os meios de “comunicação” e a sociedade da “informação” surge assim sob a forma de uma dissociação contraditória de difícil explicação, sem considerar a definição do projeto da sociedade da informação, o contexto no qual se evoluem os que constroem a sociedade da informação e os desafios propostos pelos avanços tecnológicos”*⁵².

Resumindo, embora os meios de comunicação tenham um papel necessário e importante numa sociedade democrática e na organização do espaço público, nas últimas décadas deixaram influenciar e manipular sobretudo pelo poder político e económico. Enquanto na década de 70 eram vistos como um verdadeiro contrapoder, atualmente isso desmoronou-se e eles são vistos como um simples instrumento da sociedade contemporânea.

O facto é que o poder dos media ainda é uma preocupação para muitas pessoas, principalmente aquelas que se sentem lesados pelas notícias que, contra o seu desejo, são reveladas. Porém, são eles que nos “põem” nas outras partes do mundo, informando-nos do que se passa não só ao nosso redor, mas também no resto do mundo.

Com a evolução da tecnologia e com a manipulação que existe nos meios de comunicação, os teóricos vêem-nos cada vez mais como uma “quarta fraqueza” (Jader Jacobelli), em vez do “quarto poder”. A sua função de contra-poder que apresentavam anteriormente, desapareceu e atualmente são apenas *“um funcionário da humanidade e de uma indústria regida por um processo de produção, distribuição e consumo, respetivamente caracterizados por regras e procedimentos industriais, em série e regulados pelo mercado”*⁵³.

É a massificação da comunicação social, onde os jornalistas asfixiam e se tornam preguiçosos, pois já não precisam de se preocupar, e a quem as informações chegam através da própria industrialização. Existe cada vez mais informação e a concorrência, é cada vez mais feroz. O jornalista, em muitos casos, já não se importa como consegue determinada notícia e se ela é completamente verdadeira, ou se é mais uma “realidade oposta à verdadeira realidade”, para desviar a atenção da opinião pública.

⁵² Ver: <http://bocc.ubi.pt/pag/costa-mendes-meios-de-comunicacao-e-sociedade.pdf>

⁵³ Ver: <http://vecam.org/article684.html>

2.1. As crianças

“A nossa sociedade parece-se cada vez menos com um lavado estanque dotado de uma torneira de imagens, e cada vez mais com um navio submerso num mar de imagens que lhe chegam de todo o mundo e se infiltram por todos os lados” (TISSERON, Serge. 2004:9).

As consequências das imagens violentas sobre as crianças são uma preocupação constante dos pais, pedagogos e poderes públicos. Antes de mais, existem imagens, que “agridem” mesmo não contendo cenas de violência explícita. Isto pode dever-se ao facto de existir uma ressonância íntima que se estabelece entre uma imagem e um espectador, mas também com a sua montagem, enquadramento e banda sonora que a acompanha, sem que tenha de se procurar aí qualquer explicação em termos de significação ou de conteúdo. Logo, existem dois tipos de imagens que ferem o espectador: as que agriem “fascinando” o espectador através do seu conteúdo e as que agriem por “sideração”, independentemente do conteúdo. *“A primeira atua por cativação. O espectador fica literalmente cativo de certas imagens, das quais não consegue desviar os pensamentos...A segunda forma de violência atua por sideração. Ao contrário das imagens que cativam, estas causam estupor, acabrunhamento e entorpecimento” (TISSERON, Serge. 2004:99).*

É um facto que o impacto das imagens nas crianças desempenha um papel fundamental: por um lado entra no pensamento, por outro impede o seu funcionamento. É a partir desta dicotomia que está a dificuldade, e é aí que o papel educativo dos pais e dos pedagogos é necessário e mais delicado. Se uma criança estiver rodeada de adultos que parecem não sentir nada perante as imagens violentas que os envolvem, esta pensa que ser grande é poder ver tudo e não sentir nada. Aprende pouco a pouco a proteger-se dos espetáculos horrendos vistos na televisão e acaba por se proteger naturalmente também do espetáculo dos horrores reais com os quais poderia ser confrontada. É por isso que o papel educativo dos adultos consiste antes de mais em aceitar mostrar às crianças a sua vivência das imagens, antes de as convidar a fazer o mesmo sem lhes condenar nenhuma das suas reações. Perante a sedução cada vez mais agressiva do meio audiovisual, esta postura dos adultos é cada vez mais necessária, como forma de preparar o seu filho para a violência que existe no quotidiano.

Mas o que é uma imagem violenta? *“É simplesmente uma imagem que provoca comportamentos, mesmo que esses comportamentos...não sejam forçosamente violentos” (TISSERON, Serge. Ibid:23).* As alterações produzidas pelas imagens podem ser tão intensas que as crianças as traduzem por atitudes, gestos, gritos fora de propósito. Esta é uma situação que pode ocorrer, por exemplo, quando um professor quer dar uma aula sobre os espetáculos televisivos violentos que os alunos viram na própria manhã antes de irem para a aula. Embora exista uma maior dificuldade em conseguir que os alunos cumpram as tarefas que lhes são propostas, também existe um convite para as crianças falarem sobre as imagens que viram. Isto quer dizer que a construção de um discurso sobre as imagens não é suficiente para gerir totalmente as sensações, as emoções e os estados corporais que suscitam. Por um

lado, as imagens são representações que precisam de ser distinguidas da realidade envolvente e compreendidas pela dinâmica da sua narrativa, contudo, por outro lado, são motores de mudanças corporais. “*Sob os efeitos das imagens, o corpo transforma-se, há determinados músculos que se contraem e descontraem, os ritmos cardíaco e respiratório podem ser modificados*” (TISSERON, Serge. *Ibid:24*). Estas mudanças não acontecem só nos adultos, mas também nas crianças.

Para melhor identificar determinados comportamentos corporais intensos desencadeados pelos gestos e pelas atitudes que viu representados nas imagens que passaram na televisão sobre um acontecimento violento, a criança pode ser tentada a reproduzi-los. Este é realmente o problema das imagens. Por um lado, o homem pode analisá-las, falar delas, criticá-las e comentá-las. Por outro, pode ser levado sob a sua influência, a sentir emoções ou a realizar atos cuja razão de ser, parece escapar-lhe. “*As imagens falam-nos ao espírito, mas também ao coração e ao corpo*” (TISSERON, Serge. *Ibid:24*).

Como a relação do homem com as imagens é mais uma questão de paixão do que de razão, é indispensável “*pôr de lado*” os efeitos que as imagens têm sobre os espectadores. Nos efeitos das imagens violentas, nunca há apenas dois pólos: o conteúdo das imagens por um lado e o seu espectador por outro. Existem sim, três pólos: as imagens, o espectador e o(s) seu(s) grupo(s) de ligações. A ideia de que os efeitos das imagens são inseparáveis da dinâmica de grupos não é nova. Esta ideia foi “*formulada e defendida em 1948 por dois sociólogos americanos, Elihu Katz e Paul Lazarsfeld*” (TISSERON, Serge. *Ibid:17*).

Os efeitos das imagens violentas são muito diferentes dos das imagens neutras. Elas provocam emoções desagradáveis como a angústia, o medo e a vergonha, ao passo que as imagens neutras causam prazer. Angustiadadas e molestadas pelas imagens violentas, as crianças manifestam um grande desejo de falar sobre as vivências sentidas para controlar os seus efeitos sobre elas. As crianças confrontadas com imagens violentas produzem igualmente mais representações de luta e menos de pacificação, ao passo que, nas que vêem imagens neutras, é o inverso que se passa.

Diversos estudos e investigações têm sido feitos sobre o problema dos efeitos das imagens violentas vinculadas pelos meios de comunicação, particularmente a televisão, sobre as crianças. Na realidade, as crianças são os espectadores mais assíduos dos programas televisivos onde, muitas vezes, são projetados filmes que tomam a violência como um lugar comum. Se analisarmos estas cenas de violência (física ou moral) presentes nos filmes, em emissões televisivas e notícias jornalísticas, bem como o tempo que as crianças dispõem a esses espetáculos, poder-se-á concluir que estas sofrem a influência da violência visualizada.

Resumindo, a televisão constitui um objeto de culto para as crianças. E tem vindo a substituir o papel dos pais. É uma espécie de “*babysitter eletrónica*” que estimula a atenção da criança, acalmando a sua inquietação e irritação. Mas a questão central que se coloca é se a violência contida nas mensagens difundidas pelos *media* terá de facto um efeito negativo no comportamento das crianças? Alguns estudos indicam que sim, como foi referido anteriormente. Uma criança que está muito exposta a imagens violentas e,

consequentemente gosta de as ver, entra mais facilmente no campo da luta. *“Uma criança que diga ter gostado das imagens violentas tem mais probabilidades de apresentar pensamentos e fantasmas de luta, ao passo que uma criança que não tenha gostado das imagens violentas tem mais pensamentos de fuga ou de pacificação”* (TISSERON, Serge. 2004:54).

A televisão torna-se perigosa pelo simples facto de a criança não ver nela o seu próprio mundo, nem mesmo uma representação real do mundo que a envolve. As crianças imitam muitas vezes cenas de violência que vêm na televisão. Vendo atos de agressão, a criança aprende a ser agressiva de diferentes formas, retirando conclusões sobre o facto de que se for agressiva, isso traz-lhe recompensas. Ao verem as personagens de televisão a conseguirem o que querem através da violência, estas têm a tendência a imitá-las mais facilmente.

A apresentação da violência pode provocar violência. Quanto mais a criança se sentir frustrada ou descontente quando assiste a estas imagens violentas, mais fica tentada a cometer um ato de agressão. As probabilidades aumentam se a violência à qual ela assiste aparece como justificada, ou seja, se o "bom" ataca o "mau da fita". *“As crianças que vêm violência proveniente de ficção consideram a violência justificada como menos injusta, ao passo que as crianças que vêm uma grande quantidade de violência real consideram a violência justificada com mais injusta”*⁵⁴.

Como já foi referido anteriormente, a excessiva exposição das crianças à violência que é transmitida pela televisão pode contribuir para comportamentos agressivos, pois estas visam imitar os atos violentos visionados na TV. Também tornam-se menos sensíveis à violência, adquirindo uma visão do mundo como um lugar medíocre e assustador.

Se a violência for inesperada, mais age sobre o espectador e, consequentemente, mais o incitará à sua imitação. A maneira de apresentar a violência, o facto de se desencadear num contexto conhecido pela criança, aumenta o risco de trauma e também pode ter efeitos duradouros. *“Estudos sugerem que altas taxas de exposição à televisão estão relacionadas com o aumento do uso de tabaco, do consumo de álcool e do início precoce da atividade sexual. Esses estudos indicam que ver televisão promove tais comportamentos ao invés de simplesmente servirem como indicadores para um maior uso da televisão”*⁵⁵.

⁵⁴ Ver: http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe5.htm

⁵⁵ Ver: <http://pt.scribd.com/doc/37812841/A-VIOLENCIA-NA-MIDIA>, p.16

2.3. A escola

“Há muito tempo, o veículo televisão já deixou de ser só informação e entretenimento. Agora, a TV também educa e, acima de tudo, transformou-se em uma instituição socializadora. No entanto, ainda hoje, a escola experimenta resistência e desconforto ao utilizá-la.”⁵⁶

Esta exatidão ocorre porque muitos educadores ainda tratam a televisão como um meio técnico e não têm noção dos perigos a que expõem as crianças. Os sujeitos das escolas são telespectadores de muitas horas diárias e as suas opiniões maioritariamente positivas sobre este veículo de informação transformam-se em indicadores relevantes da importância da televisão como formadora e socializadora das crianças. Se juntarmos a isto as dificuldades enfrentadas pelas escolas e a insegurança com que vivem as populações mais pobres, pode-se constatar que a televisão tende a tomar o espaço da família e, também, da escola no que refere à tarefa de socialização do público infantil.

As mudanças que vêm surgindo na nossa sociedade provocam a necessidade de integrar os meios de comunicação nas escolas. Mas isto, obviamente, implica modificações na estrutura educacional, tornando a relação ensinar-aprender uma tarefa e uma possibilidade tanto do aluno como do professor.

Mas existe uma concorrência ou um desafio entre a televisão e a escola? Se o processo de ensino e aprendizagem é de comunicação e pesquisa, não é possível ignorar nele os dados que compõem a realidade dos agentes envolvidos. E a televisão é, sem dúvida, algo amplamente disseminado na vida de todos nós.

Em relação à competição, devemos admiti-la em condições vantajosas em relação à escola. Sendo a televisão um instrumento de conhecimento, os telespectadores: demonstram interesse, prazer e gosto pelo seu consumo; e revelam aprendizagem de conteúdos e atitudes por ela veiculados. Já em relação à escola, estes não mostram, de modo geral, interesse, prazer e gosto pelas atividades desenvolvidas na turma; o índice de aproveitamento é baixo, o que fica evidenciado pelas altas taxas de reprovação.

Interpretando esta concorrência como colaboração, devemos analisar a sua contribuição ao trabalho escolar. Primeiro é fonte de informações - anteriormente era a escola, atualmente é a televisão, que o faz de maneira mais ampla e muito melhor; segundo, é fonte de sensibilização, de mobilização: por isso é que atrai e envolve rapidamente os seus espectadores através dos recursos da imagem e do espetáculo.

Interpretando esta concorrência como desafio à escola devemos analisar as vantagens que apresenta enquanto competidora da escola, do auxílio que presta, enquanto, colaboradora a fim de que se apure o aproveitamento que se está fazendo dessas contribuições. Enquanto competidora vantajosa, a televisão é acusada de roubar das crianças

⁵⁶ Ver: http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_5_51.pdf

e adolescentes muitas horas de estudo, expor os jovens telespectadores a uma linguagem empobrecida.

O desafio que a televisão estabelece com a escola divide-se em vários parâmetros: explorar as vantagens que a TV tem atualmente (leva a ponderar a importância no prazer e no lazer na aprendizagem); aproveitar a colaboração que a TV traz para a população (aqui necessita saber-se o acervo de informações de que o aluno dispõe e o estado de sensibilização ou de mobilização em que se encontra); lidar com aquilo que a TV deixa fazer e aquilo que não diz (existe a necessidade de definir o que é preciso e problematizar na TV e seu motivo). *“Entender a TV como um desafio à escola é tentar lidar com este fenómeno, enquanto educadores, de maneira abrangente, de forma que se aproveitem as vantagens que leva, a colaboração que presta e aquilo que não diz num trabalho que visa favorecer o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos”* (PENTEADO, Heloísa. 1991: 116).

Resumindo, em local privilegiado do educando encontra-se a televisão: sedutora, atraente e de fácil acesso. Ela mesma, a TV, constituindo parte significativa da realidade vivida pelo educando na sua sociedade; ela mesma sendo utilizada como recurso natural, na tentativa de se vencer a limitação representada pela falta de acesso a outros recursos, além de superar deficiências educacionais em diversas partes do mundo. Por isso, existe uma cuidadosa análise do fenómeno *televisão* nas suas possíveis relações com a escola.

“Escola e TV são duas agências sociais que têm no conhecimento a sua matéria-prima” (PENTEADO, Heloísa. *Ibid*:8). A primeira é nitidamente organizada, sendo um modelo industrial de produção, a partir do qual difunde e produz conhecimento; a segunda é organizada de acordo com o modelo burocrático de prestação de serviços, é concebida como um canal de transmissão e divulgação de conhecimentos. Atualmente ambas vivem no centro de intensas discussões. Da perspectiva de um professor, estas giram em torno da democratização do conhecimento. É de salientar que a escola e a TV não são assuntos paralelos. Eles se cruzam e se sobrepõem nos indivíduos sócio-históricos que compõem aquele grupo social.

2.4. Adolescentes

“Podemos amedrontar-nos com o lugar que a televisão passou a ocupar na vida dos jovens; mas será inútil e imprudente contentarmo-nos com lamentos. O “facto televisão”, com todas as suas múltiplas consequências, é irreversível. Por isso, todos os pais e educadores têm a obrigação de ensinar as crianças a fazerem o “bom uso” da televisão” (GERIN, Elisabeth. 1965:10).

Todos os pais e educadores estão de acordo em que o fenómeno *televisão* exerce sobre a criança uma estranha e poderosa fascinação. Sentada diante do ecrã, ela ignora tudo o que a rodeia e mostra-se indiferente ao barulho e à agitação, pois a sucessão das imagens

capta de tal modo a sua atenção que se esquece das tarefas ou até das ocupações habituais, como o passeio já combinado, o estudo, entre outras. Este poder que a televisão tem sobre os jovens deve-se a vários fatores. Em primeiro lugar, à facilidade da utilização: a emissão encontra-se ao alcance imediato do telespectador. Em segundo, à compreensão rápida da mensagem, característica dos meios audiovisuais.

Os adolescentes reagem à televisão de maneira diferente das crianças. Para muitos a televisão ocupa um lugar secundário, porque estes anseiam conhecer por si a vida, aquela que eles querem ser testemunhas reais. Logo, a TV só lhes oferece uma representação da realidade, e não a realidade em si. Os acontecimentos que os meios de comunicação veiculam através das imagens são escolhidos em função dos telespectadores. Por sua vez, os adolescentes sabem que estes só lhes mostram aspetos muito suavizados da realidade e por isso não acreditam neles.

Tendo a necessidade de terem contactos sociais, os adolescentes julgam que a televisão os afasta dos outros (amigos, companheiros), aqueles com quem podem trocar ideias, serem compreendidos, darem a sua opinião, etc. Então, para o adolescente, ver televisão é renunciar à conversa ou a sair com os amigos. Por isso, escolhe com rapidez: prefere os amigos. Contudo, nem todos os adolescentes se afastam da televisão. Muitos conservam o gosto pelas distrações que satisfazem a curiosidade sem exigirem grandes esforços. Para outros, a televisão é o único meio de estar ao corrente do que se passa no mundo. Um inquérito realizado nos Estados Unidos mostra que os adolescentes que mais desprezam a televisão são os que anseiam prolongar a sua infância e têm dificuldade em integrar-se no mundo dos adultos.

À medida que crescem, a televisão torna-se o seu amigo, quase um aliado, porque sentem a necessidade de conhecer o mundo por todos os meios à sua disposição. *“Esta atitude não depende da idade; reflete um estado de desenvolvimento intelectual do jovem telespectador que continua a desdenhar as variedades, mas que simultaneamente se interessa pela informação televisionada, e sobretudo pelos «dramas»”* (GERIN, Elisabeth. 1965:28).

E o que esperam os adolescentes da televisão? Os gostos dos adolescentes evoluem rapidamente e é difícil conhecê-los. Estes exigem programas que lhes permitam tomar consciência das possibilidades que neles existem; programas otimistas que lhes dêem confiança no futuro, que lhes ensinem a melhor compreenderem a experiência dos adultos, partindo da sua própria experiência. Também têm necessidade de programas que os deixem olhar o mundo com objetividade e simpatia, porque sabem que mentem a si próprios quando fingem saber de tudo. *“Ao adolescente atraído e fascinado por este mundo que será mais tarde o seu, a televisão proporciona-lhe a possibilidade de ultrapassar o quadro das limitadas experiências que a vida do lar permite”* (GERIN, Elisabeth. *Ibid*:119).

Os jovens sabem que são confrontados com determinadas experiências sociais que ainda não sabem resolver na vida real, e possivelmente ainda nem sequer foram confrontados com elas diretamente, mas sabem que o vão ser proximamente e estão a aprender através desses conteúdos televisivos como comportar-se nessas situações. Este é um aspeto positivo da televisão nos jovens.

Relativamente aos efeitos que os programas de televisão têm sobre um adolescente, estes fazem-se sentir a longo prazo, na medida em que o programa orienta os seus gostos e o ajuda a formar o seu ideal moral. *“Oferecendo aos jovens exemplos são e generosos que espontaneamente terão desejos de imitar...a televisão ajuda o adolescente a orientar o seu ideal, a preparar o papel que amanhã virá a desempenhar no mundo”* (GERIN, Elisabeth. 1965:113). Por isso, deve-se orientar os jovens não só para os programas que são de contribuição real no pleno cultural, mas também para aqueles que desenvolvem o seu sentido de fraternidade humana e que despertam neles o desejo de integrarem nas atividades futuras que contribuem para um mundo que necessita da colaboração de todos.

Concluindo, é um facto que desde a sua expansão a televisão tem exercido uma grande influência nos homens, mais particularmente nos jovens, sendo estes influenciados nas suas atitudes, comportamentos e valores. Como se sabe a adolescência é um período da vida do indivíduo marcada por profundas mudanças fisiológicas, psicológicas, afetivas e intelectuais. Também ocorre a formação da futura identidade. Sendo assim nesta etapa da vida dos adolescentes, estes adquirem grande importância das emoções que vive, das situações e contextos nas quais vai construindo o seu “eu” e a sua própria personalidade. Nesta fase os jovens procuram modelos no meio que os rodeia. Vão procurar cânones para a sua formação na sua família, amigos, entre outros. Porém, a realidade já mudou há muito tempo, deixando que estes recorressem aos seus antigos cânones e procurassem novos, particularmente, a televisão.

O impacto da televisão é mais notado na fase da infância e adolescência; nestas faixas etárias a televisão é um meio básico de informação mesmo mais do que pais e professores. Apesar da sua função ser informar, educar e entreter, hoje em dia, sabe-se que a televisão é um meio que valoriza o divertimento e quase sem programas educativos. Porém, o problema não é só deste *media*, porque este só passa o que as pessoas querem ver. Por isso, pode dizer-se que o problema não é o que a televisão faz às pessoas, mas antes o que as pessoas fazem com ela. O objetivo da televisão atual é conseguir o máximo de vantagens, tornando-se assim cada vez mais um negócio onde se pretende aumentar as audiências. Mas estes efeitos podem ser diminuídos com o papel ativo no controlo do acesso aos conteúdos pelos pais, tendo estes um papel fundamental na educação dos seus filhos, afastando-os dos perigos da televisão.

2.5. Família

A televisão faz parte do dia-a-dia das famílias. “*É quase outro membro da família*” (PEREIRA, Sara.1999:53). Para as crianças, ver televisão não é uma atividade isolada, acontece normalmente em casa, juntamente com os seus pais, irmãos e é, muitas vezes, acompanhada de outras atividades, como por exemplo: quando estão a brincar, estudar, nas refeições, entre outras. A família é considerada o principal contexto em que se realiza a experiência televisiva e em que se constrói o seu sentido. É esta situação que mais influência produz na experiência televisiva dos mais novos. Além disso, a família é um tema comum em muitos programas exibidos na TV e é apresentada periféricamente noutros.

Os estudos desenvolvidos em torno da relação família-televisão e que abordou, durante os anos 80, aspetos como as regras dos pais em relação à TV, os usos e funções desta na família, a maneira como as famílias escolhem os programas, têm-se debruçado recentemente sobre o próprio contexto das práticas televisivas, prestando especial atenção à influência da TV no contexto familiar e à relação entre os meios de comunicação nesse mesmo contexto. Deve-se então, considerar a relação entre a televisão e os outros meios de informação e, também entre os *media* e as rotinas e as atividades do dia-a-dia, os hábitos de vida, as maneiras de ocupação dos tempos livres. No que diz respeito à utilização da TV, devem-se analisar as condições em que decorre a prática televisiva, os diversos usos e funções da mesma na família, as interações que acontecem no quadro familiar e como é que telespectadores atribuem significado ao que visualizam. Como defende Silverstone “*a televisão é algo próprio da vida quotidiana. Estudar uma é estudar a outra*” (PEREIRA, Sara.*Ibid*:54).

Mas o que é ver televisão? Esta é uma atividade que parece simples, mas não o é. Embora seja uma atividade normal e frequente no quotidiano do cidadão, é uma ocupação construída pela família e sendo assim, não pode ser assumida como uma atividade unidimensional. “*Ver televisão é uma atividade construída pela família; não acontece apenas. Os telespectadores não só fazem as suas próprias interpretações dos programas, como também constroem as situações em que a atividade televisiva ocorre*”⁵⁷.

Esta ação, juntamente com os hábitos sociais que antecedem, acompanham e ocorrem o seu desenvolvimento, constituindo assim, o que se conhece por “experiência televisiva”. As motivações e circunstâncias concretas dos indivíduos e dos grupos sociais, assim como as ligações sociais causadas pela utilização da TV e os significados construídos através dos programas visualizados, são as principais dimensões da experiência televisiva.

A televisão enquanto fonte de conflitos familiares tem também constituído um tópico de atenção para alguns investigadores como foi o caso de Chalvon et Corset, Souchon, Lazar, Alexander, entre outros. Chalvon, Corset e Souchon defendem que a televisão assume um papel duplo: “*Gera conflitos mas é muitas vezes utilizada para os disfarçar; alimenta*

⁵⁷ Citação retirada do livro, *A televisão na família*, de Sara de Jesus Gomes Pereira

conversas mas também impõe o silêncio; favorece as relações entre as gerações mais novas, mas também cria ocasiões de reivindicação” (PEREIRA, Sara.1999:59).

Quando uma família se junta para assistir um programa televisivo, a TV proporciona-lhes momentos de prazer (emoções, alegrias, reações de entusiasmo e de decepção, sonhos) que criam, entre os membros da família, uma certa forma de comunicação. *“Está-se, por um tempo, embarcado na mesma aventura e sente-se o mesmo prazer de uma emoção partilhada. Não é isto, de uma certa maneira, comunicar?” (PEREIRA, Sara. Ibid:59),* referem estes três autores.

Se muitas vezes o consumo da televisão é considerada uma evasão; se por vezes impinge o silêncio e gera conflitos, outras vezes, é uma companhia para a solidão, ajuda a dissolver os conflitos, e possibilita ainda o acesso a um vasto leque de informações.

O facto é que a televisão dá um conjunto abrangente de usos e funções, onde o teor da atividade televisiva pode criar diferentes padrões de interação familiar e esta, por seu turno, pode encaminhar a diversos usos da televisão. Os hábitos de vidas são condicionantes dos usos da TV, mas são também influenciados por estes usos.

As relações interpessoais no seio familiar desempenham um papel importante ao nível das práticas televisivas: na escolha dos programas, nas conversas que sobre os mesmos, na atenção que o telespectador dispõe perante o ecrã. *“As práticas televisivas têm como referência um contexto imediato (normalmente a família), mas são também influenciadas (e influenciam) o contexto mais vasto em que os sujeitos telespectadores estão envolvidos”⁵⁸.*

Resumindo, ao longo de sua história, a televisão alcançou uma grande importância no quotidiano das sociedades. *“Ela passou a fazer parte do conjunto de símbolos das pessoas, possuindo uma particular abrangência e alcance na definição e renovação dos hábitos e valores sociais”⁵⁹.* A TV representa, para a família, um importante meio de mudança social e de constituição da vida social, pois, embora esteja incutida no interior das casas, ela traz em seu conteúdo os mais variados acontecimentos sociais, fazendo com que a família interaja com a sociedade a partir da sua própria casa.

⁵⁸ Ver: <http://www.insite.pro.br/2007/34.pdf>

⁵⁹ Ver: <http://www.insite.pro.br/2007/34.pdf>

VI Capítulo - Estudo de caso

Neste VI Capítulo irão ser apresentados e analisados os dados recolhidos nos 110 inquéritos realizados no âmbito Dissertação de Mestrado em Jornalismo. De alguns dos dados obtidos pode dizer-se que “já se esperavam”, devido à evolução das novas tecnologias e às vantagens que trouxeram. Por outro lado, descobriram-se dados interessantes, nomeadamente sobre o jornal e os motivos que captam, atraem e chocam as pessoas quando lêem ou vêem uma notícia de crime.

Em primeiro lugar será apresentada e explicada a metodologia utilizada nesta investigação, seguindo-se a apresentação e análise dos dados obtidos a partir dos inquéritos e, por fim, as conclusões deste estudo e da investigação.

1. Metodologia

Com este estudo pretende-se analisar dois pontos importantes: verificar qual dos dois meios de comunicação escolhidos neste trabalho (televisão e jornal), provoca mais impacto nas pessoas, quando transmitem notícias sobre crimes violentos, e verificar quais são os fatores na notícia de crime que chamam mais atenção das pessoas.

Para este estudo foram escolhidos dois meios de comunicação social nacionais: a estação televisiva SIC Notícias e o jornal de referência Diário de Notícias (DN). A escolha destes dois *mass media* tem o propósito de averiguar a existência ou não de diferenças entre a televisão e o jornal no tratamento noticioso e na divulgação que fazem acerca das notícias de crime. Salienta-se que a escolha do DN para representar a imprensa se deve ao facto de ter realizado um estágio curricular, com a duração de três meses, naquela empresa.

Para avaliar estes dois pontos irá ser utilizado o método experimental. Este método caracteriza-se por ser uma manipulação das variáveis feitas por investigadores num ambiente controlado. Tem como objetivo estudar a relação entre as variáveis e os efeitos das variáveis independentes sobre uma variável dependente.

As variáveis independentes são aquelas que são independentes dos processos de investigação, no entanto são fatores determinantes que a vão influenciar, tendo o investigador que recorrer á sua manipulação para observar os efeitos produzidos nas variáveis dependentes. As variáveis dependentes, por sua vez, são aquelas que dependem dos processos de investigação, conotando-se diretamente com as respostas que se procuram. Na

experimentação existe a necessidade de controlar, e por vezes, eliminar as variáveis “parasitas”.

Estudantes da Universidade da Beira Interior (UBI) e de várias Universidades da cidade de Lisboa são a população escolhida para este estudo. Os 110 inquiridos pertencem a nove cursos universitários - Biologia (7 alunos), Design de Moda (10 alunos), Direito (10 alunos), Engenharia Civil (11 alunos), Engenharia Informática (15 alunos), Jornalismo (10 alunos), Comunicação Social (20 alunos), Medicina (15 alunos) e Marketing (12 alunos) - dos quais, 81 alunos frequentam licenciatura e 39 mestrado. Em termos da idade dos participantes, esta está compreendida entre os 20 e os 35 anos.

O facto de parte da população em estudo pertencer ao curso de Ciências de Comunicação, pode levantar a suspeita de que os resultados finais obtidos possam ser deformados. Ou seja, como estes alunos são (mais) conhecedores deste assunto, as suas respostas podem cair num ciclo vicioso de termos técnicos, obtendo-se respostas muito semelhantes, devido à distorção introduzida pelo facto de estudarem comunicação e jornalismo. Contudo, esse aspeto que não negligenciamos, parece-me incluir também uma vertente positiva que pretendo explorar neste estudo: o facto de estarem a especializar-se na área de comunicação, contribui para que estes alunos saibam analisar pormenorizadamente os conteúdos jornalísticos apresentados neste trabalho e aumenta a sua sensibilidade às variáveis em análise.

A realização deste estudo baseou-se na apresentação de duas notícias, previamente escolhidas, referentes a dois tipos de crimes violentos: violação e homicídio. Estes crimes foram escolhidos devido a serem frequentes na nossa sociedade, e continuarem a ter um elevado impacto junto do público (causam “alarme social”) e preocuparem todas as classes sociais, devido à sua gravidade e aos criminosos e vítimas envolvidos.

Esta afirmação pode ser confirmada através dos dados dos Relatórios Anuais de Segurança Interna, do Ministério da Administração Interna. Ao verificar estes dados, pode confirmar-se que o tanto o número de violações como o de homicídios em 2011 diminuíram face a 2010. Relativamente aos fatores que provocam mais impacto junto das pessoas, podem ser confirmados nos gráficos, da parte prática desta dissertação de mestrado.

A exposição às notícias foi feita simultaneamente à população do estudo. Primeiro a notícia foi apresentada em formato multimédia (televisão), através de um retroprojetor, e seguidamente, foram entregues fotocópias aos alunos com as versões impressas das notícias.

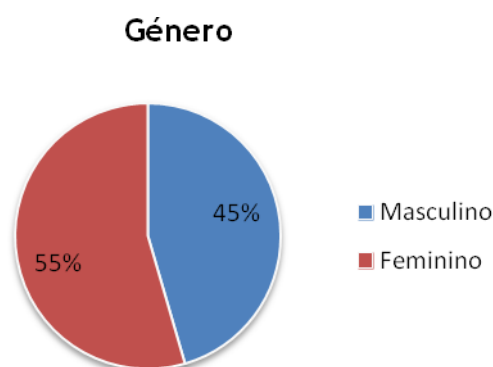
Após a visualização e a leitura das notícias, foi entregue um inquérito aos alunos, composto por 18 perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de obter respostas acerca do que foi visionado e lido. O inquérito desta investigação é um questionário transversal, realizado num determinado momento.

Além dos dois pontos referidos no início deste texto, a realização do inquérito neste estudo tem mais um ponto que pretende analisar: perceber qual é o meio de comunicação que utilizam mais frequentemente para verem notícias.

2. Análise quantitativa dos resultados obtidos através dos inquéritos

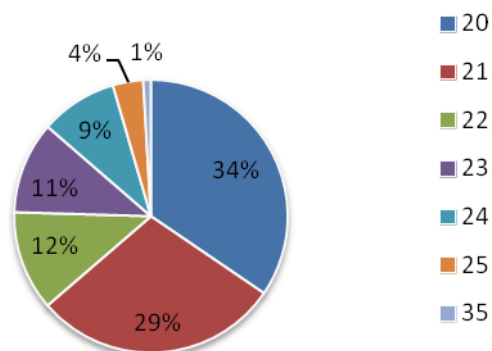
Como foi referido no ponto anterior, o objetivo central da investigação desta Dissertação de Mestrado em Jornalismo, é saber qual dos dois meios de comunicação (Jornal ou Televisão) provoca mais impacto nas pessoas, quando transmitem notícias de crimes violentos, e verificar quais são os fatores na notícia de crime que chamam mais a atenção do público.

Neste estudo foram preenchidos 110 inquéritos, dos quais 55% (60 pessoas) por mulheres e 45% (50 pessoas) por homens. Todos os inquiridos são alunos universitários de várias universidades nacionais, nomeadamente da cidade de Lisboa e da Covilhã, dos quais 81 frequentam licenciatura e 29 mestrado. A recolha de dados foi feita entre o mês de Abril e Dezembro de 2011. Cada grupo foi formado aleatoriamente e cada um era composto por 10 a 15 elementos. A aplicação dos inquéritos feita aos alunos da UBI foi realizada em duas salas da universidade, através de um retroprojektor. Enquanto aos alunos das várias universidades de Lisboa foi realizada na casa da investigadora, através do portátil.



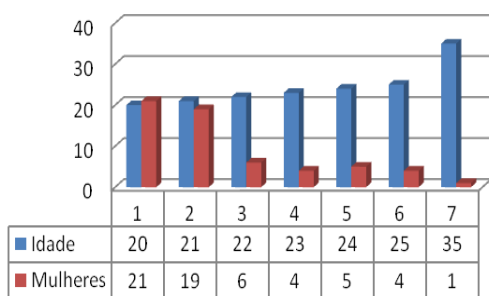
Os 110 inquiridos deste estudo apresentam idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos. Como pode ser comprovado pelo gráfico seguinte, a maioria dos alunos tem 20 anos (34%) e 21 anos (29%). Estes valores devem-se ao facto de nesta investigação a maioria dos alunos serem licenciados, como se irá comprovar mais à frente no gráfico “Grau Académico”.

Idade dos inquiridos

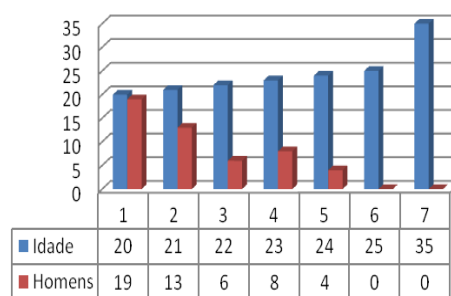


Ainda dentro deste parâmetro da idade, pode-se constatar que a maioria das mulheres tem 20 e 21 anos, 19,9% (21 pessoas) e 17,3% (19 pessoas), respetivamente. O mesmo acontece com os homens, a maioria também apresenta idades entre os 20 e os 21 anos, 17,3% (19 pessoas) e 11,8% (13 pessoas), respetivamente. Nas restantes idades os valores não apresentam grandes variações, em ambos os sexos.

Idade/Mulheres



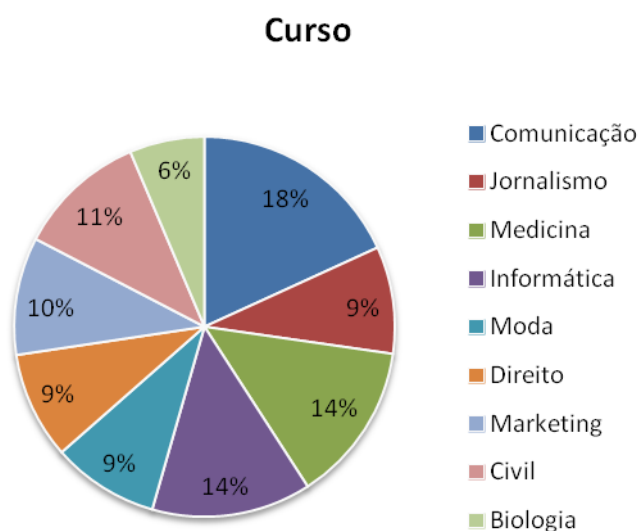
Idade/Homens



Eram originários de nove cursos os alunos escolhidos para participar nesta investigação: Medicina, Engenharia Civil, Engenharia Informática, Design de Moda, Biologia, Direito, Marketing, Ciências da Comunicação e Jornalismo. A intenção desde o início que este estudo foi elaborado, foi escolher cursos da área da comunicação, mas também cursos distantes da mesma.

Ter cursos dentro e fora da área que esta dissertação tratou - jornalismo criminal - dá-nos a possibilidade de recolher informações distintas sobre o tema. O facto de alguns dos alunos serem dos cursos de comunicação (18%) e jornalismo (9%), pode induzir que os resultados finais obtidos possam ser deformados. Porém, como vertente positiva, estes mesmos alunos são conhecedores da área, logo, analisaram meticulosamente os conteúdos jornalísticos apresentados neste estudo.

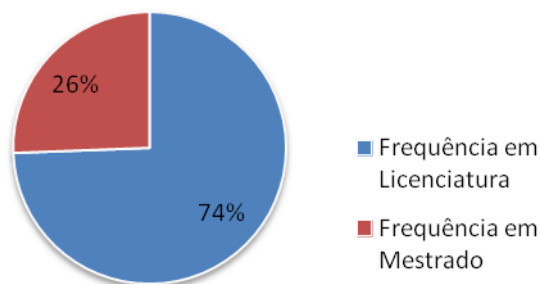
O gráfico “Curso” mostra-nos que a maioria dos inquiridos pertence aos cursos de Ciências da Comunicação, com 20 alunos (18%), de Engenharia Informática e Medicina, ambos com 14% (15 alunos cada), seguindo-se a Engenharia Civil com 11% (12 alunos), o Marketing com 10% (11 alunos) e o Jornalismo, Direito e Design de Moda com 9% cada, (10 alunos). O curso menos representativo é o de Biologia com apenas 6% (7 alunos).



Os dois primeiros cursos incutidos no gráfico anterior - Ciências da Comunicação e Jornalismo - pertencem à Universidade da Beira Interior (UBI), da cidade da Covilhã. Os restantes sete pertencem a várias faculdades da cidade de Lisboa: Faculdade de Medicina (Medicina), Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Engenharia Informática e Biologia), Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (Direito), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Marketing), Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Engenharia Civil) e Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (Design de Moda).

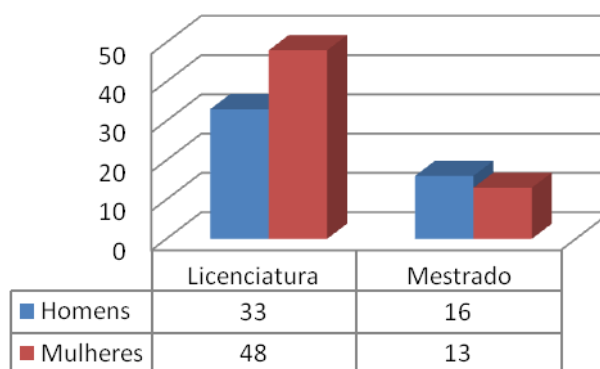
Relativamente ao grau académico dos 110 inquiridos, 81 frequentam licenciatura (74%) e 29 frequentam mestrado (26%). Estes dados foram obtidos a partir dos grupos formados pela investigadora. Alguns dos elementos são pessoas conhecidas, outras foram convidadas pelas mesmas a participarem este estudo.

Grau académico

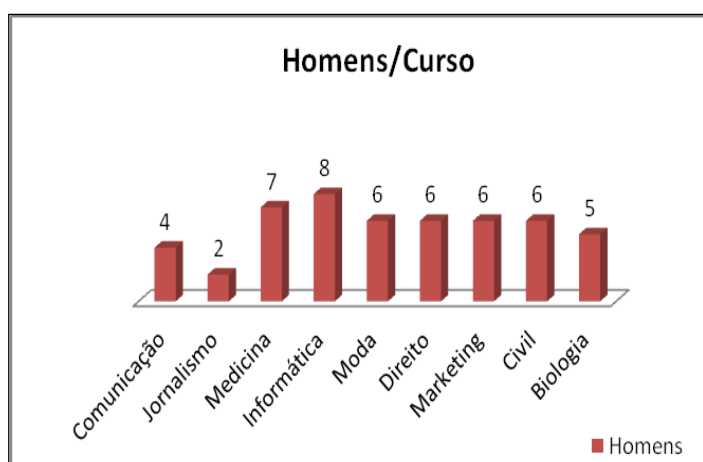
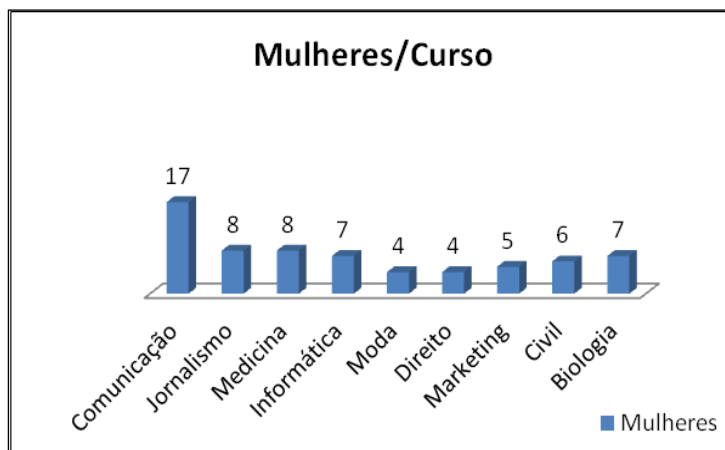


Neste campo do grau académico, fez-se a divisão de quantas mulheres e homens frequentam licenciatura e mestrado. Como se pode verificar pelo gráfico seguinte, existem nesta investigação, mais mulheres que serão licenciadas (48), o que corresponde a uma percentagem de 46,3%. Apenas 33 homens (30%) frequentam licenciatura. Contudo, no mestrado são mais homens que mulheres que o frequentam. Mas a diferença é mínima, apenas existem mais três homens do que mulheres que estão em mestrado. Enquanto existem mais três homens neste grau académico (14,5%), só existem 13 mulheres (11,8%).

Género/Grau Académico



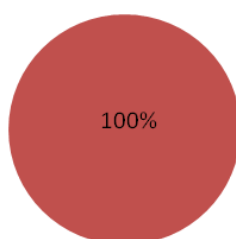
Relativamente ao curso existem dezassete mulheres (15,5%) que estudam Ciências da Comunicação; oito estudam Jornalismo e Medicina (7,3% cada); sete estudam Engenharia Informática e Biologia (6,4% cada); seis estudam Engenharia Civil (5,4%); cinco estudam Marketing (4,5%) e quatro estudam Design Moda e Direito (3,6% cada).



Já no sexo masculino, existem quatro homens (3,6%) que estudam Ciências da Comunicação; dois estudam Jornalismo (1,8%); sete que estudam Medicina (6,4%); oito estudam Engenharia Informática (7,3%); cinco que estudam Biologia (4,5%) e seis estudam Engenharia Civil, Marketing, Design Moda e Direito (5,4% cada).

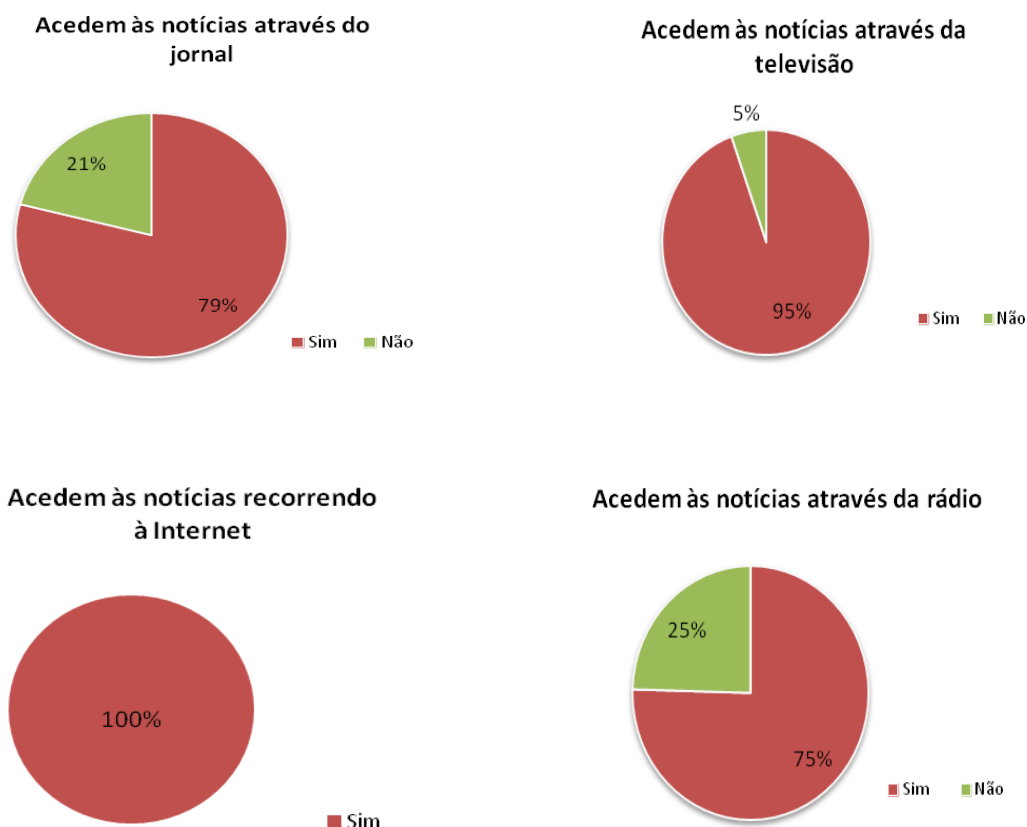
A questão 5 do inquérito deste estudo: “*Considera-se uma pessoa informada sobre o que se passa na mundo?*”, todos os 110 inquiridos responderam “sim”. Logo, pode-se concluir que atualmente as pessoas informam-se não só do que se passa em seu redor, mas também em todo o mundo, ou pelo menos têm a pretensão de fazê-lo. Existe esta necessidade e curiosidade por parte das pessoas.

Pessoa informada do mundo



■ sim

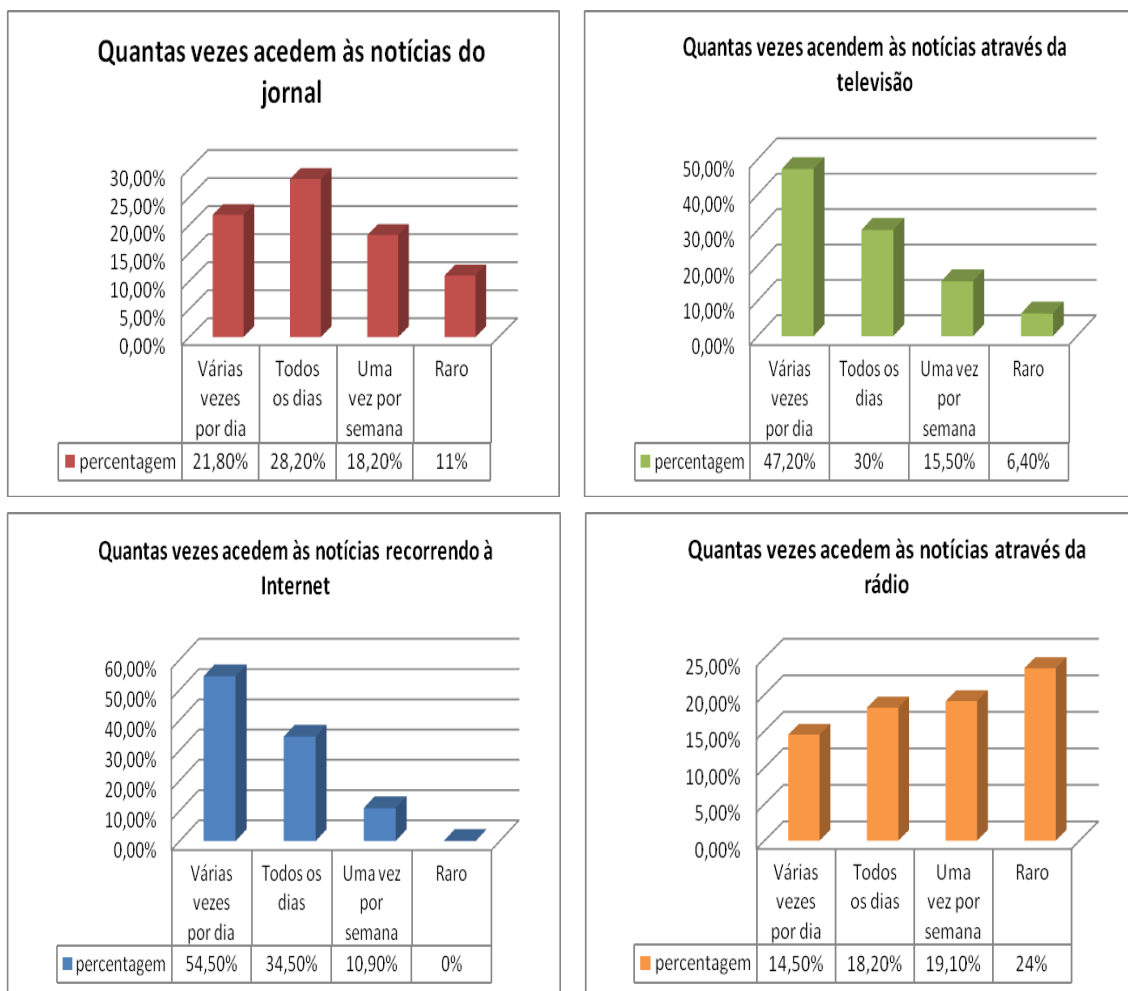
Foi perguntado aos inquiridos que meio de comunicação costumam utilizar para acederem às notícias. Os *media* escolhidos para comporem esta questão foram: o jornal, a televisão, o *online* e a rádio. Para além de escolherem o(s) meio(s) de comunicação, os alunos também tiveram que optar por uma das seguintes opções: “várias vezes ao dia”; “todos os dias”; “uma vez por semana”; e, “raramente”.



Perante os dados presentes nos quatro gráficos anteriores, não há dúvida que a Internet é o meio mais utilizado pelos elementos que compõem a amostra, no acesso às notícias, obtendo 100% de respostas. Arrisco-me a dizer que este facto se deve à maior facilidade de acesso que este meio de comunicação apresenta em relação aos restantes. Um computador ou um telemóvel com acesso à Internet são dois objetos muito comuns no dia-a-dia dos cidadãos. Por isso, as pessoas preferem utilizá-los para se informarem sobre o mundo, pois estão à distância de um *click*. O segundo meio de comunicação mais utilizado é a televisão (95%), outro aparelho comunicativo muito utilizado pelas pessoas, seguindo-se o jornal com (79%) e a rádio (75%).

Em relação aos valores destes últimos dois *media*, no meu ponto de vista, são dados surpreendentes, pelo facto, de ainda terem muitos “adeptos” que os utilizam. Pode-se

concluir, que embora tenha existido uma evolução significativa nos meios de comunicação, ao longo dos anos, com o aparecimento do audiovisual, dois dos *media* mais antigos (rádio e jornal) são ainda uma preferência das pessoas, para se informarem do que se passa no mundo.

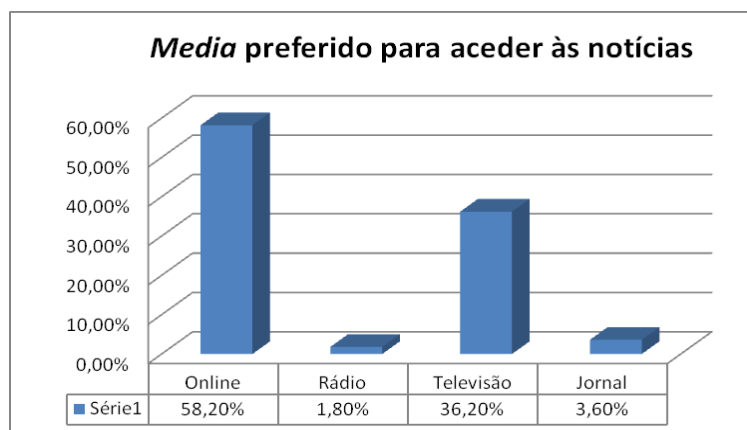


Em relação às vezes que os inquiridos utilizam os quatro *media* escolhidos para esta investigação, pode-se verificar que a Internet reina novamente nas respostas “várias vezes por dias” e “todos os dias”, com 54,5% (60 pessoas) e 34,5% (38 pessoas) respetivamente. Em segundo lugar aparece a televisão com 47,2% (47 sujeitos) na alínea “várias vezes por dia” e 30% (33 sujeitos) na alínea “todos os dias”. No terceiro lugar encontra-se o jornal com 21,8% (24 pessoas) e 28,20% (31 pessoas), respetivamente. Por último, encontra-se a rádio, em que 16 dos inquiridos (14,5%) responderam utilizam-na várias vezes ao dia e 20 inquiridos (18,20%) recorrem à rádio todos os dias.

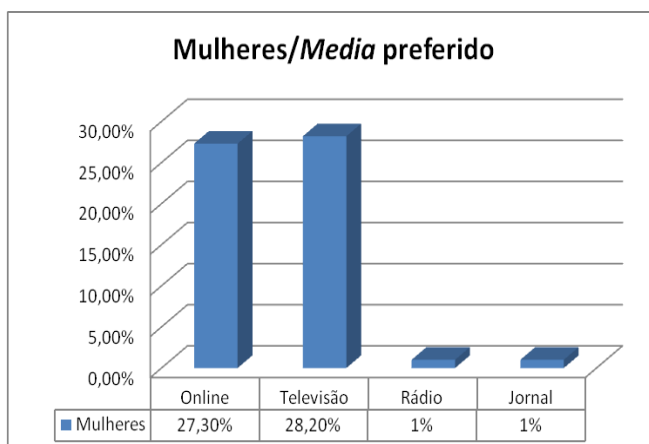
Referente às últimas duas opções de resposta: “uma vez por semana” e “raramente” é a rádio quem lidera estes dois grupos, com 19,10% (21 pessoas) e 24% (26 pessoas)

respetivamente. O segundo lugar é ocupado pelo jornal, em que 18,20% (20 pessoas) responderam “uma vez por semana” e 11% (12 pessoas) responderam “raramente”. A televisão ocupa o último lugar do pódio com 15,5% (33 indivíduos) e 6,4% (7 indivíduos), respetivamente. Em quarto lugar, está a Internet. Sendo o meio de comunicação mais utilizado todos os dias pelos inquiridos, este apresenta percentagens baixas, até nulas nestas duas últimas alíneas: 12 pessoas responderam “uma vez por semana” - que corresponde a 10,9% dos inquiridos. Nenhum inquirido respondeu que recorria à Internet “raramente”.

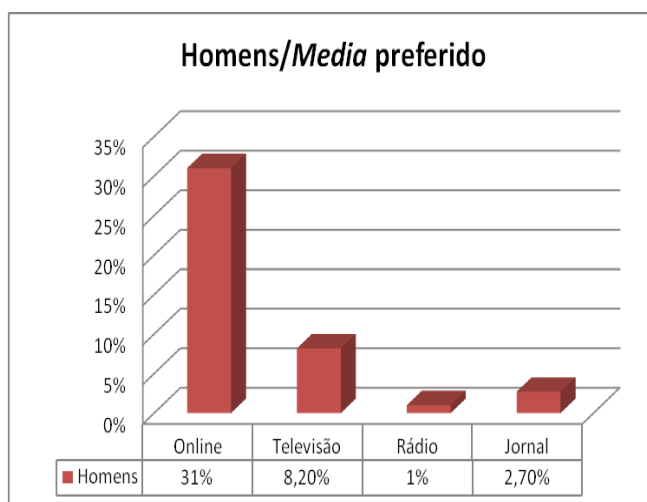
Quando questionados qual o seu meio de comunicação preferido para aceder às notícias, 58,2% dos inquiridos (64 pessoas) escolheu o online, por ser um meio com fácil acesso e onde basta um click para aceder às notícias do mundo, seja consultando um jornal online, uma emissão de rádio ou até mesmo visionar um telejornal online. Em segundo lugar, aparece a televisão com 36,2% (40 pessoas) como preferência dos inquiridos, seguindo-se o jornal com 3,6% (4 pessoas) e por fim, a rádio com apenas 1,8% (2 pessoas).



Em termos do media preferido existe uma ligeira diferença entre o sexo feminino e o masculino. O meio de comunicação eleito pelas mulheres é a Internet com 27,3% das respostas, o que corresponde a 30 pessoas. Em segundo lugar, preferem a televisão (28,2%) - 31 pessoas. A rádio e o Jornal aparecem em último lugar com 1% das respostas (1 pessoa cada).



Por seu turno, o sexo masculino utiliza mais o *online* e vê menos televisão do que as mulheres, 31% (34 homens) e 8,20% (9 homens), respetivamente. O jornal aparece em terceiro lugar com 2,7% (3 homens) e a rádio com a mesma percentagem verificada nas mulheres aparece em último lugar com 1% das respostas (1 homem).

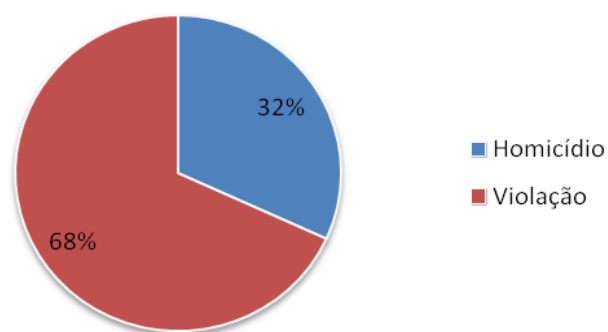


Após a análise destes dados, pode-se concluir que as mulheres vêem mais televisão que os homens e estes, por sua vez, utilizam mais a Internet que as mulheres, no que toca à consulta das notícias de crime. A rádio e o jornal são os dois meios de comunicação menos utilizados. Este facto pode dever-se, como já foi dito anteriormente, à maior facilidade de acesso que a Internet e a televisão possuem e com o pouco tempo que as pessoas têm, devido ao excesso de trabalho, e a desenvolverem várias atividades por dia, é mais fácil para elas recorrerem a estes dois meios de comunicação (Internet e TV).

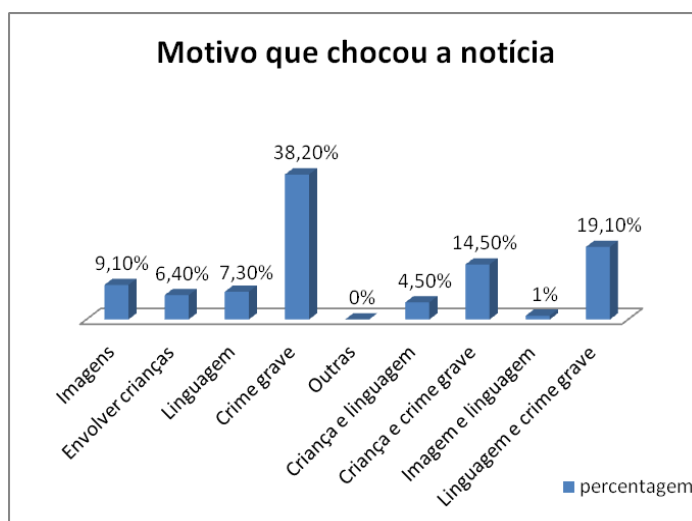
Nesta investigação foram apresentadas aos inquiridos, duas notícias referentes a dois crimes violentos: homicídio e violação (anexos). Além da leitura das notícias, foi proposto aos alunos o visionamento das mesmas. Após esta parte, foi aplicado o inquérito da investigação.

À pergunta “Relativamente às duas notícias que acaba de visionar e ler, qual foi a que captou mais a sua atenção e aquela que mais chocou?”, 75 universitários (68%) responderam que a notícia de violação foi a que captou mais a sua atenção, enquanto 35 inquiridos (32%) responderam que foi a notícia de homicídio.

Notícia que captou mais atenção

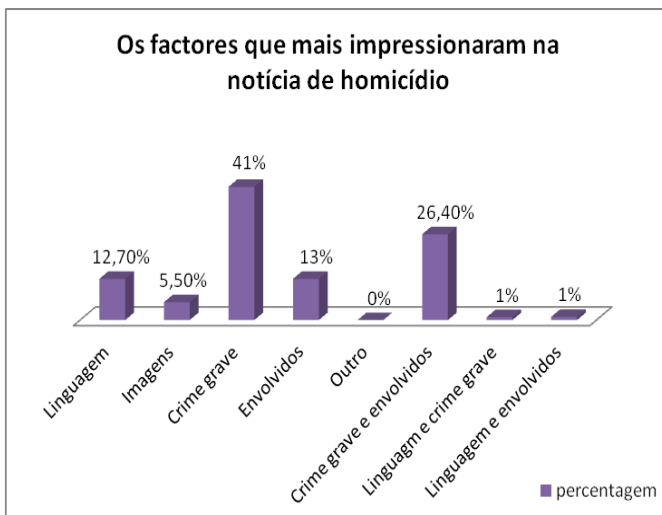


Para compreender melhor a escolha feita pelos universitários, foi-lhes perguntado o motivo da sua escolha. Mais de 38% dos inquiridos responderam que o que mais chocou foi o facto de se tratar de um crime grave. Para mais de 19% dos inquiridos o que mais chocou foram dois factores: linguagem e crime grave. Cerca de 14,5% dos estudantes responderam que o facto de o crime envolver crianças e de se tratar de um crime grave, foi o que mais os impressionou.



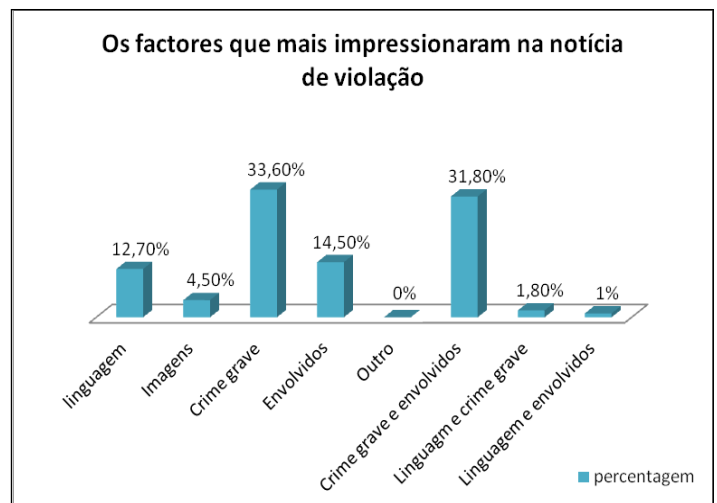
As imagens aparecem em quarto lugar como o factor mais chocante com 9,10%, em quinto lugar aparece a linguagem utilizada na notícia com 7,3% e em sexto lugar o facto do crime envolver crianças com 6,4%. Os últimos dois factores apresentam valores que oscilam entre o 1% e os 4,5%. Somando os dois factores mais escolhidos pelos universitários “criança” e “crime grave”, pode-se constatar-se que cerca de 60% escolheu uma destas opções.

Conclui-se a partir dos dados do gráfico, que o factor “criança” nestes dois tipos de crime é o que choca mais as pessoas. Nas notícias que foram apresentadas aos inquiridos, as crianças envolvidas tinham idades compreendidas entre os 2 e os 13 anos. Estas crianças ainda estão na sua fase de desenvolvimento, são pessoas indefesas que necessitam de ter bons encaminhadores na sua vida. E pelo facto de estes pais terem cometido estes crimes bárbaros, é natural que as pessoas fiquem chocadas e perguntem como é possível um pai e uma mãe fazer o que fizeram ao seu próprio filho.



Relativamente aos factores que mais impressionaram os alunos na notícia de homicídio, destaca-se o factor “crime grave” com 41% (45 pessoas), seguindo-se o factor “crime grave e pessoas envolvidas” com 26,4% (29 pessoas), “as pessoas envolvidas” com 13% (14 pessoas), a linguagem com 12,7% (14 pessoas) e as imagens com 5,5% (6 pessoas). Os restantes dois factores: “linguagem e crime grave” e “linguagem e envolvidos” apresentam apenas 2% das respostas.

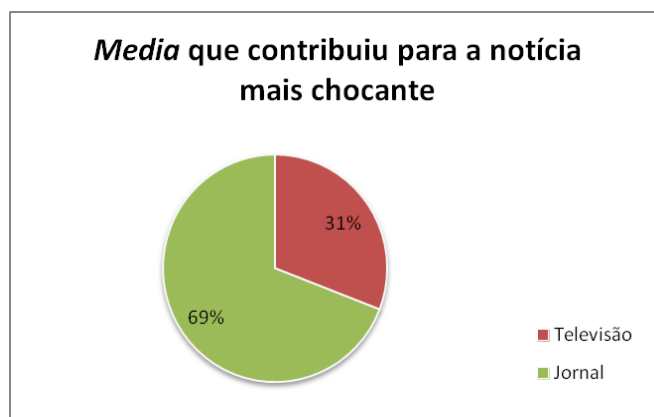
O mesmo acontece com a notícia de violação, os dois factores mais escolhidos foram o “crime grave” e o “crime grave e as pessoas envolvidas”, 33,6% e 31,8% respetivamente. As pessoas envolvidas apresentam uma percentagem de 14,5%, a linguagem 12,7%, as imagens 4,5%, a linguagem e crime grave 1,8% e por fim, a linguagem e envolvidos apenas 1%.



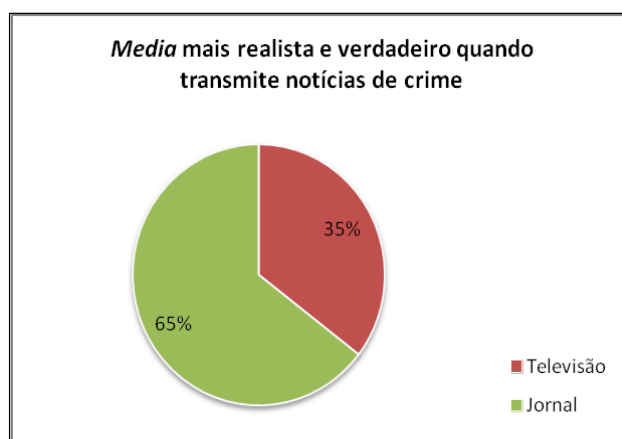
A partir destes dois gráficos pode-se analisar que o que afectou mais as pessoas foram a gravidade do e as pessoas envolvidas no mesmo. Juntando as percentagens dos dois factores eleitos pelos inquiridos, verifica-se que na notícia de homicídio que 80,4% dos alunos respondeu “crime grave” e “pessoas envolvidas”. Por seu turno, na notícia de violação, a percentagem é superior à do homicídio, cerca de 90% escolheram estes dois factores.

A questão “*Relativamente à notícia que considera ter produzido mais impacto em si enquanto leitor/espectador, qual dos media mais contribuiu para esse impacto?*”, 76 inquiridos (69%) responderam ter sido o jornal e 34 (31%) a televisão.

Também foi perguntado aos participantes o motivo da sua escolha: os que responderam “jornal” disseram que escolheram este meio de comunicação devido aos pormenores que a a notícia apresentava. O jornalista foi muito metuculoso e pormenorizado no relato dos factos; a notícia estava muito bem elaborada e com isso conseguiu chamar a atenção do leitor e até mesmo “pô-lo no local”. Quem optou pela televisão, mencionou que a escolheu devido ao seu conteúdo linguístico e às imagens transmitidas.

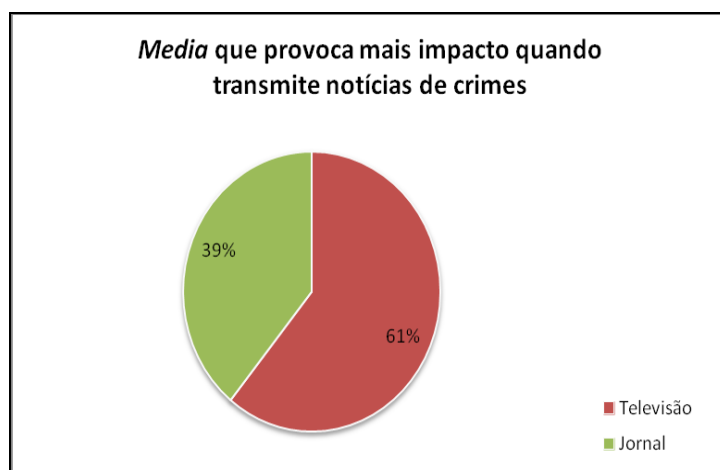


Relativamente ao meio de comunicação que consideravam mais realista e mais verdadeiro quanto à transmissão de notícias de crime, o jornal lidera novamente com 65%. Foi proposto aos inquiridos explicarem o porquê da escolha e quem escolheu o jornal respondeu que a sua escolha recaiu sobre este *media* porque existe uma maior e detalhada exposição dos factos.



Por outro lado, quem escolheu a televisão (35%) respondeu que este *media* apresenta imagens dos acontecimentos, a partir das quais, o espetador pode ver o local da ocorrência, a vítima, o criminoso, as testemunhas, entre outros factores.

Embora a televisão seja um meio muito utilizado pelas pessoas e o jornal esteja a passar por uma fase de crise, conclui-se que este último continua a manter a sua veracidade e a pormenorização dos factos, um factor elogiado pelas pessoas e que as cativa.

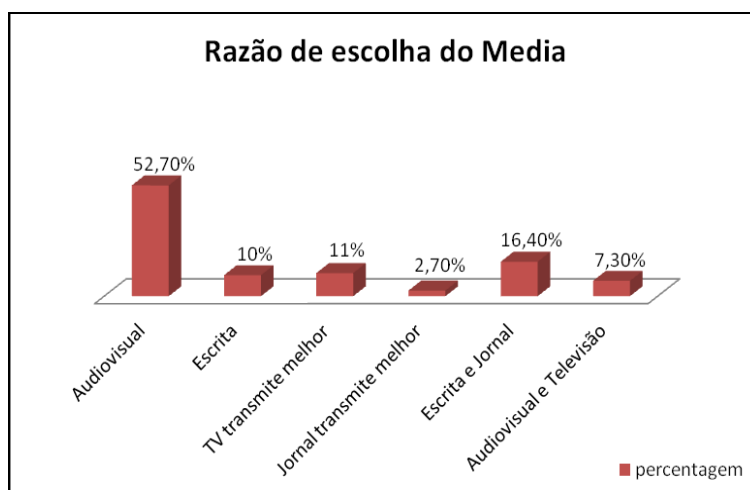


Em relação a questão sobre *"qual o meio de comunicação que provoca mais impacto nas pessoas quando transmite notícias de crime"*, 67 dos inquiridos (61%) respondeu a Televisão, enquanto os restantes 43 inquiridos (39%), responderam o Jornal. Deste modo, o gráfico anterior apresenta valores opostos ao gráfico *"Media que contribuiu para a notícia mais chocante"*. Sendo assim, conclui-se que em relação às duas notícias apresentadas neste estudo, o meio de comunicação que causou mais impacto foi o jornal. Mas no que toca à generalidade da transmissão de notícias de crimes violentos, os inquiridos mudam de opinião: para eles, na maioria das vezes, a televisão é o meio que tem mais impacto nas pessoas, quando veicula notícias de crime.

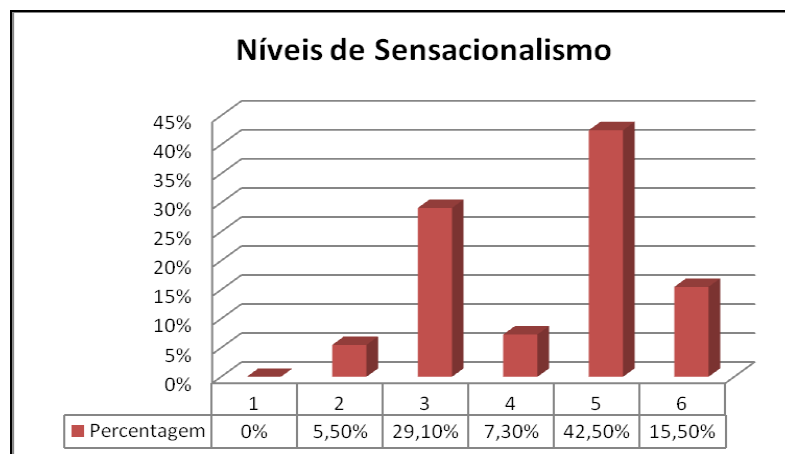
Embora o jornal seja o meio de comunicação mais realista e mais verdadeiro, como se pôde comprovar no gráfico *"media mais realista e verdadeiro quando transmite notícias de crime"*, a televisão é a eleita no que toca ao impacto que este tipo de notícias transmite.

Como se pode verificar pelo gráfico seguinte, 52,7% dos inquiridos (58 pessoas) responderam que o audiovisual é o factor que contribuiu para que a televisão seja o meio de comunicação que provoca mais impacto nas pessoas quando transmite uma notícia de crime. Apenas 11% (12 pessoas) respondeu que a TV transmite melhor as notícias de crime do que a imprensa. Por fim, 7,3% (8 pessoas) respondeu estes dois factores.

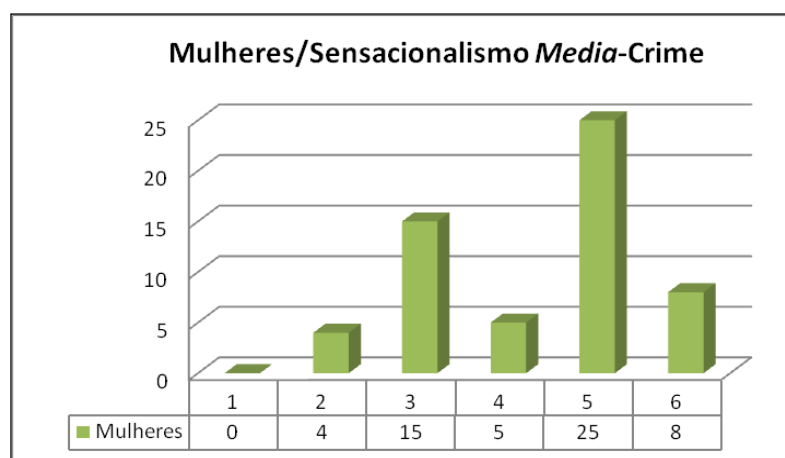
Por outro lado, quem escolheu o jornal como o *media* que provoca mais impacto nas pessoas, 11% (12 pessoas) respondeu que é a escrita utilizada que faz com que o jornal tenha impacto nas pessoas; 2,7% (3 pessoas) defendem que este meio de comunicação transmite melhor as notícias de crime do que a televisão; e, por fim, 16,4% (18 pessoas) respondeu que a junção destes dois factores são os responsáveis pelo impacto que o jornal tem quando transmite notícias de crime.



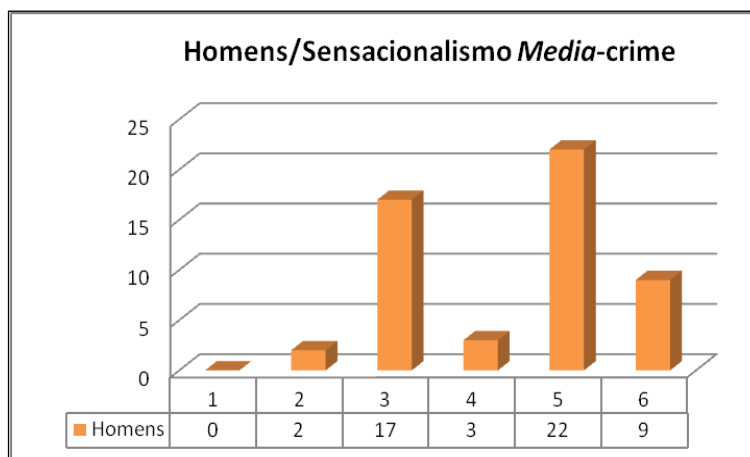
Finalizando o inquérito desta investigação colocou-se uma última questão aos 110 inquiridos: “*Numa escala de 0 a 6, em que 0 é nenhum, e 6 é grande excesso, relativamente à relação media-crime, acha que existe sensacionalismo nos órgãos de comunicação social?*”, 42,5% dos inquiridos (47 pessoas) respondeu o nível 5, que se pode considerar “excesso” de sensacionalismo, seguindo-se do nível 3 (pouco) com 29,1% (32 pessoas), depois o nível 6 (grande excesso) com 15,5% (17 pessoas), o nível 4 (muito) com 7,3% (8 pessoas) e por fim, o nível 2 (muito pouco) com 5,5% (6 pessoas).



Dividindo o sexo masculino e o feminino nesta questão do sensacionalismo podemos verificar que 25 mulheres responderam que existe excesso de sensacionalismo (nível 5) na relação entre os *media* e o crime. Em segundo lugar, aparece o nível 3 (pouco sensacionalismo), em terceiro o nível 6 (grande excesso), em quarto o nível 4 (muito) e, por fim, o nível 2 (pouco) com apenas 4 respostas.



Por sua vez, 22 homens responderam que existe excesso de sensacionalismo (nível 5) na relação entre os *media* e o crime. Em segundo lugar, aparece o nível 3 (pouco sensacionalismo) com 17 respostas, em terceiro o nível 6 (grande excesso) com 9, em quarto o nível 4 (muito) com 3 respostas e, por fim, o nível 2 (pouco) com apenas 2 respostas.



A partir destes dados conclui-se que a maioria das pessoas considera que os meios de comunicação contemporâneos são muito sensacionalistas na transmissão das notícias de crime. A verdade é que as audiências e a economia são os elementos cada vez mais importantes no jornalismo, nos dias de hoje e, estes usam as técnicas necessárias para captar a atenção dos leitores/espectadores, não respeitando, na maioria das vezes, a sensibilidade e a dor das pessoas.

3. Conclusões dos dados obtidos na investigação

Após a análise dos dados recolhidos dos 110 inquéritos preenchidos por universitários de nove cursos, de várias Faculdades da cidade da Covilhã e de Lisboa, pode-se concluir que todos necessitam e procuram estar informados sobre o que se passa não só em seu redor, mas também no resto do mundo. Esta afirmação pode ser comprovada no gráfico “pessoa informada do mundo” em que todos responderam “sim considero-me uma pessoa informada”.

Em relação ao meio de comunicação que utilizam para acederem às notícias, o *online* destaca-se dos restantes *media*, aparecendo em primeiro lugar com 100% de respostas. Em segundo, aparece a televisão com 95% e em último a rádio com 75%. Quando se perguntou aos participantes o seu meio de comunicação preferido, os alunos do sexo masculino responderam novamente o *online*, por ser um meio de comunicação com fácil acesso e rápido. Já as alunas do sexo feminino responderam a televisão. Logo, pode-se concluir que as mulheres recorrem mais à televisão para se informarem, enquanto os homens recorrem à Internet.

Relativamente à notícia que captou mais atenção nos inquiridos, a notícia sobre violação foi a mais votada com 68%, contra os 32% da notícia de homicídio. O fato de se tratar de um crime grave e de o mesmo envolver crianças foram os dois fatores que mais impressionaram e chocaram os alunos, com 60% das escolhas (soma individual e conjunta dos

fatores em questão). A imagem e a linguagem foram os elementos incutidos nas duas notícias que menos chocaram os inquiridos.

Dividindo as duas notícias, os fatores “crime grave” e “pessoas envolvidas” foram os que mais impressionaram aos participantes nesta investigação (80,4%). O mesmo aconteceu na notícia de violação (90%). Para os universitários o meio de comunicação que contribuiu para a escolha da notícia que mais os chocou, 69% respondeu o jornal por ter sido o mais explícito e pormenorizado no relato dos factos.

O jornal também se destacou na pergunta *“Na sua opinião, atualmente, qual dos dois meios de comunicação é mais realista e verdadeiro quanto à transmissão de notícias de crime?”* com 65% contra os 35% da televisão. Porém, quanto se trata do meio de comunicação que provoca mais impacto nas pessoas quando transmite uma notícia de crime, a televisão reina com 61% das respostas contra 39% do jornal. As razões que os inquiridos apontam para a sua escolha recair para a televisão são o audiovisual (52,7%) pelo facto de esta transmitir melhor as notícias de crime. Os que escolheram o jornal defendem que este meio de comunicação apresenta uma escrita mais pormenorizada do crime e o mesmo transmite melhor as notícias de crime do que a TV.

Relativamente ao sensacionalismo que existe na relação entre media-crime, 42,5% dos inquiridos responderam que existe efetivamente um excesso nesta relação. Tanto os participantes do sexo masculino, como do sexo feminino partilham a mesma opinião.

Considerações gerais

A comunicação é de facto, um marco na evolução da vida humana. É através dela que o homem consegue comunicar com os outros.

Desde a nossa Pré-História, o homem utilizou várias formas de comunicar. Desde as pinturas rupestres aos manuscritos, desde o livro ao jornal, desde a televisão à Internet, a comunicação sempre acompanhou a evolução do ser humano. *“Ao passo que a progressão da imprensa escrita foi bastante lenta para acompanhar a evolução de nível de vida e das necessidades culturais dos seus leitores sem provocar verdadeiras roturas, o surgir e depois a expansão dos meios audiovisuais provocara, pela rapidez e carácter maciço da sua introdução na vida dos indivíduos e das famílias, uma verdadeira revolução”* (PIERRE, Amar. 2007:5).

Progressivamente, os meios de comunicação impuseram-se nos nossos hábitos quotidianos a ponto de serem identificados, por algumas pessoas, pelo menos na linguagem corrente, com a quase totalidade dos fenómenos de comunicação. É verdade que o jornalismo está a atravessar um período de transição tecnológica acelerado e marcante. O processo de recolha de informação destinada à produção noticiosa, bem como os meios de contato com as fontes, duas vertentes nucleares nesta disciplina, estão a ser reconfigurados pela via do acesso às novas tecnologias *online*.

Relativamente à criminalidade em Portugal nos últimos onze anos, verificou-se através dos dados retirados dos Relatórios Anuais de Segurança Interna, que existiu uma diminuição na atividade criminosa em 2011 face a 2010. Esta diminuição também foi verificada nos números da criminalidade violenta, nomeadamente nos homicídios e nas violações.

Tanto a violência como o crime são dois problemas centrais e preocupantes na sociedade contemporânea. A violência existe em todo o mundo e estende-se no âmbito das relações entre as pessoas de qualquer idade, raça, local de residência, etc. Em qualquer lugar do planeta a violência dos indivíduos deixa suas marcas. Por seu turno, o crime é cada vez mais encarado como um efeito incontornável da mudança social.

Outro tema tratado nesta dissertação de mestrado foi a imagem nos *media*. A imagem contemporânea vem de longe, não surgiu nos dias de hoje, com a televisão e a publicidade. Associamos ao termo “imagem” noções complexas e contraditórias que vão da sabedoria ao divertimento, da inércia ao movimento, da religião à distração, da ilustração à semelhança, da linguagem à sombra.

O assunto da violência nos meios de comunicação não se limita aos “*media ficção*” e de divertimento. Os efeitos potencialmente prejudiciais para a sociedade também não se esgotam nos filmes mais ou menos violentos. A informação jornalística também abarca forte carga de conteúdo de violência. Só que, neste caso, a componente “ficção” não se verifica, e além da aparência de objetividade e rigor da informação, esta deve sempre reportar-se a factos reais e efetivamente ocorridos.

O facto é que as sociedades contemporâneas estão repletas de mensagens mediáticas (sons e imagens, informações e impressões) que são sequiosamente consumidas não só na expectativa de saber o que se passa no mundo, mas, também, de obter descontração e entretenimento. As imagens mais eficazes e que captam mais atenção do público são, por primazia, aquelas que nos seduzem e que se aproveitam dos nossos desejos inconscientes. Também é um facto que na sociedade contemporânea, cada vez mais, pensa-se e recebe-se que as imagens sejam falsas, logo, que nos enganem. A manipulação de que a imagem pode ser vítima por parte dos meios de comunicação faz com que as pessoas, hoje em dia, pensem duas vezes antes de acreditarem que a imagem transmitida é verdadeira. Aqui está em causa a credibilidade e a veracidade dos meios de comunicação contemporâneos, aos quais cada vez mais, parece só lhes importarem as audiências e as receitas financeiras. Existe cada vez mais informação e concorrência, na prática atual do jornalismo, parecendo por vezes que o jornalista já não se importa como consegue determinada notícia e se ela é completamente verdadeira, ou se é antes mais uma “realidade oposta à verdadeira realidade”, para desviar a atenção da opinião pública.

Embora os *media* tenham um papel necessário e importante nas sociedades e na organização do espaço público, nas últimas décadas permitiram influenciar e manipular sobretudo pelo ou a favor do poder político e económico. Os seus efeitos podem ser verificados em vários campos como: a desintegração das classes sociais, enfraquecimento de laços tradicionais (família, comunidade, religião...), isolamento e alienação dos sujeitos, enfraquecimento do tecido conectivo da sociedade. Como defende João Pissarra Esteves “*Os media são hoje, indiscutivelmente, um dos fatores mais poderosos de transformação das estruturas do Espaço Público*”⁶⁰

A partir dos dados recolhidos na parte prática desta dissertação de mestrado, pôde-se responder às questões centrais deste trabalho: Qual dos meios de comunicação escolhidos neste trabalho (televisão e jornal), provoca mais impacto nas pessoas, quando transmitem notícias sobre crimes contra pessoas, e Quais são os fatores nestas notícias de crime que mais chamam mais a atenção das pessoas. Como resposta à primeira pergunta, concluiu-se que a televisão é o *media* que provoca mais impacto nas pessoas quando transmite uma notícia de crime, devido aos seus conteúdos audiovisuais apelativos, que captam a atenção dos espetadores.

Os fatores que, nas notícias de crime contra pessoas, chamam mais atenção do público são: o facto de se tratar de um crime grave e as pessoas que estão envolvidas neste. Se forem crianças, mais impacto cria no público, por se tratarem de pessoas indefesas e inocentes.

Em relação ao meio de comunicação que a população da amostra do estudo utiliza para aceder às notícias, o *online* destaca-se dos restantes *media*, aparecendo em primeiro lugar com 100% de respostas. Relativamente à notícia que captou mais atenção nos inquiridos, a notícia sobre violação foi a mais votada, com 68%, contra os 32% da notícia de homicídio.

⁶⁰ Ver: <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>, p.16

Quanto à credibilidade dos meios, o jornal foi considerado o meio de comunicação mais realista e mais verdadeiro quando transmite notícias de crime. Por fim, os inquiridos admitiram existir, atualmente, excesso de sensacionalismo na relação entre *media-crime violento*.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINI, Angelo, *Le Journalisme au Défi d'Intnet*, Le Monde Diplomatique, 1997
- ALBERT, Pierre, *História da rádio e televisão*, Lisboa, Editorial Notícias, 1982
- ALBERT, P.; TERROU, F., *História da Imprensa*, 1ª Edição, São Paulo, Martins Fontes LTDA., 1990
- AMAR, Pierre-Jean, *História da fotografia*, Lisboa, Edições 70, LDA., 2007
- AUMONT, Jacques, *A imagem*, 13ª Edição, São Paulo, Papirus Editora, 2008
- BAGOLKIAN, Ben; CROWTHER, Bosley; FREBERG, Stan; KOOP, Theodore F.; MOYERS, Bill D. e ROWAN, Carl T., *Mass Media numa sociedade livre*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1974
- BASTOS, Hélder, *Jornalismo Eletrónico: Internet e Reconfiguração de práticas nas redações*, Coimbra, Livraria Minerva Editora, Coimbra, 2000
- BITTI, Pio Ricci e ZANI Bruna, *A comunicação como processo social*, Lisboa, Estampa, 1993
- BRETON, Philippe e PROULX, Serge, *A explosão da comunicação*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2000
- BURNET, Mary, *Meios de informação e violência*, Lisboa, Edições 70, 1974
- CARDOSO, Paulo e CAIRRÃO, Álvaro, *Comunicação Online*, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2007
- COHEN, Marcel, *A escrita*, Publicações Europa-América, Coleção Saber, Lisboa, 1961
- COLÓQUIO “Violência na sociedade”, Lisboa, CONTEXTO, 1991
- CRATO, Nuno, *A imprensa: iniciação ao jornalismo e à comunicação social*, 2ª Edição, Editorial Presença, 1987
- CRISTO, Dina, *A rádio em Portugal e o declínio do regime de Salazar e Caetano (1958-1974)*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2005
- DA SILVA, Lopes e TEVES, Vasco Hogan, *Vamos falar de televisão*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971
- ESTEVES, João, *Comunicação e Sociedade: Os efeitos dos meios de comunicação de massa*, Coleção Media e Jornalismo, Lisboa, Livros Horizonte, 2002
- FABRE, Maurice, *História da comunicação*, Lisboa, Moraes, 1966
- FERRONHA, António Luís, *Linguagem Audiovisual*, Mafra, Elo - Publicidade, Artes Gráficas, Lda, 2001

- FIDALGO, Joaquim, *Sociologia dos Media*, Coleção: Comunicação Media e Sociedade, Porto, Porto Ed., 1954
- FISCHER, Gustave-Nicolas, *A dinâmica social: Violência, Poder, Mudança*, Lisboa, Planeta Editora, LDA., 1992
- FRANCASTEL, Pierre, *A imagem, a visão e a imaginação*, Coleção: Arte & Comunicação, Lisboa, Edições 70, LDA., 1983
- GERIN, Elisabeth, *Os jovens e a televisão*, Lisboa, Editora Aster, 1965
- GIACOMANTONIO, Marcello, *Os Meios Audiovisuais*, Coleção: Arte & Comunicação, Lisboa, Edições 70, LDA., 1976
- GUÉRIN, Serge, *La Cyberpresse*, Paris, 1996
- HUYGHE, René, *O poder da imagem*, Coleção: Arte & Comunicação, Lisboa, Edições 70, LDA., 1986
- JOLY, Martine, *Introdução à análise da imagem*, Lisboa, Edições 70, LDA., 1994
- JOLY, Martine, *A imagem e a sua interpretação*, Lisboa, Edições 70, LDA., 2003
- KOCH, Tom, *The Message is the Medium, Online All the Time for Everyone*, Westport, CT: Praeger, 1996
- LOPES, Victor Silva, *Iniciação ao jornalismo audiovisual*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, Ld.^a, 1982
- MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens. Uma história de Amor e Ódio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001
- MATIAS, Albertino dos Santos, *A violência no Mundo Moderno*, Amadora, Livraria Bertrand S.A.R.L., 1978
- MICHAUD, Y. *A violência*, São Paulo: Ed. Ática, 1989
- MIRANDA, José e SILVEIRA, Joel, *As Ciências da Comunicação na viragem do século*, Coleção: Comunicação & Linguagem, 1ª edição, Lisboa, Veja Editora, 2002
- MOGIN, Oliver, *A violência das imagens ou como eliminá-la?*, Coleção Torre de Babel, Lisboa, Editorial Bizâncio 1998
- MORGAN, T.J., *Televisão e Rádio*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1962
- PENEDO, Cristina Carmona, *O Crime nos Media: O que nos dizem as notícias quando nos falam de crime*, Coleção: Media e Jornalismo, Lisboa, Livros Horizonte LDA., 2003
- PENTEADO, Heloísa Dupas, *Televisão e Escola: Conflito ou cooperação?* São Paulo, Cortez, 1991

- PEREIRA, Fernando, *Comunicações Audiovisuais: Tecnologias, Normas e Aplicações*, 1ª Edição, Coleção Ensino da Ciência e da Tecnologia, IST Press, 2009
- PEREIRA, Sara de Jesus Gomes, *A televisão na família*, Coleção infans, Bezerra, 1999
- RODRIGUES, Adriano Duarte; DIONÍSIO, Eduarda e Neves, Helena, *Comunicação Social e Jornalismo*, 2º Volume, Os Media Escritos, Lisboa, Regra do Jogo, Edições, Lda., 1983
- RODRIGUES, Adriano Duarte, *O campo dos media*, Coleção Comunicação e Linguagens, Lisboa, A Regra do Jogo, 1984
- SAPERAS, Enric, *Os efeitos cognitivos da comunicação de massas*, Porto, ASA, 2000
- SANTOS, Rogério, *Os novos media e o espaço público*, Lisboa, Gradiva, 1998
- TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Portuguesa*, 2ª Edição, Lisboa, Editorial Caminho, SA., 1989
- TISSERON, Serge, *As crianças e a violência nos ecrãs*, Porto, Ambar, 2004
- VAZ, Maria João, *Crime e sociedade: Portugal na Segunda Metade do Século XIX*, Oeiras, Celta Editora, 1998
- WOODROW, Alain, *Informação, Manipulação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, Lda., 1991

Sites consultados:

- ALMEIDA, M. 2010. (A violência na sociedade contemporânea), *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*, consultado em 17-02-2012 <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>
- Aulas de Direito Penal I, consultado em 05-02-2012, <http://pt.scribd.com/doc/23325318/Todas-as-Aulas-de-Penal-1>
- BACELAR, J. (A linguagem e a escrita), *Universidade da Beira Interior*, consultado em 28-03-2012, http://simaocc.home.sapo.pt/e-biblioteca/pdf/agraficas_texto1.pdf
- BESERRA, L. 2007, (Televisão e família), *Revista eletrónica Temática*, consultado em 23-03-2012, <http://www.insite.pro.br/2007/34.pdf>
- COSTA, M. e MENDES, M. (Meios de Comunicação e Sociedade: Considerações sobre o Paradigma Funcionalista-Pragmático), *bocc.ubi*, consultado em 27-02-2012, <http://bocc.ubi.pt/pag/costa-mendes-meios-de-comunicacao-e-sociedade.pdf>
- DAHLBERG, L. e KRUG, E., (Violência: um problema global de saúde pública), consultado em 04-02-2012, <http://pt.scribd.com/doc/50386959/Conceito-de-violencia-pela-OMS>
- ELEUTÉRIO, F. (Análise do conceito de crime), *Revista Jurídica da Universidade Estadual de Ponta Grossa*, consultado em 04-02-2012, <http://www.uepg.br/rj/a1v1at09.htm>
- FAGUNDES, I. 1999. (A violência na Mídia), consultado em 27-03-2012, <http://pt.scribd.com/doc/37812841/A-VIOLENCIA-NA-MIDIA>
- HAYECK. C. 2009. (Refletindo sobre a violência), *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, consultado em 03-02-2012, http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf
- HENRIQUES, S. 2007. (Imagem mediática dos consumos: Mediação do jornalismo de mercado na construção social dos estilos de vida), *Instituto Universitário de Lisboa*, consultado em 26-02-2012, <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1494>
- INTERNA, A. 2010. (Relatório Anual de Segurança Interna), *Parlamento.pt*, consultado em 14-01-2012, http://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/RASI_%202010.pdf
- INTERNA. M. 2011. (Relatório Anual de Segurança Interna), *Diário de Notícias*, consultado em 14-01-2012, <http://www.dn.pt/DNMultimedia/DOCS+PDFS/relatorio.pdf>
- LOPES, R. (O poder do media na sociedade), *Labcom da Universidade da Beira Interior*, consultado em 24-03-2012, <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>
- MARZIALE, M. 2004. (A violência no sector saúde), *Rev Latino-am Enfermagem 2004 março-abril*, consultado em 03-02-2012, <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a01.pdf>
- MORAIS, A. (As crianças e a violência na televisão), consultado em 28-03-2012, http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe5.htm

- NETO, Aloisio. (Violência na mídia: prevenção e redução), *Âmbito Jurídico.com.br*, consultado em 29-03-2012, http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10413
- OLIVEIRA, R. (Problematizando práticas educacionais: o educador enquanto mediador da relação TV X Escola), consultado em 23-03-2012, http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_5_51.pdf
- PALÁCIO, M. (Jornalismo Online). *Labcom. Coleção Estudos em Comunicação, Universidade da Beira Interior*, consultado em 20-01-2012 <http://pt.scribd.com/doc/16943541/5/Marcos-Pal%C2%B4acios>
- RABOY, M. e SOLERVINCENS, M., 2005. (Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação), consultado em 04-03-2012, <http://vecam.org/article684.html>
- Revista *Âmbito Jurídico*, (Crime e Sociedade), consultado em 18-02-2012, <http://www.ambito-juridico.com.br/pdfsGerados/artigos/5973.pdf>
- SAÚDE. O. 2003. (Repercussão da violência na saúde das populações americanas), *Organização Pan-Americana da Saúde*, consultado em 02-02-2012, <http://www.paho.org/portuguese/gov/cd/cd44-15-p.pdf>
- Saúde, M. 2005 (O impacto da violência na saúde dos brasileiros), *Ministério da Saúde*, consultado em 02-02-2012, http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/impacto_violencia.pdf
- SHINKAI, M. (Manipulação dos meios de comunicação de massa), consultado em 29-03-2012, http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/104.pdf
- SILVEIRA, R. 2005. (A imagem: interpretação e comunicação), *Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão*, v. 5, consultado em 25-02-2012, <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/7%20art%205.pdf>
- URIBE, E. (O rádio digital e o rádio em internet: além das transformações tecnológicas), *UNIrevista da Universidade Autónoma de Bucaramanga, Colombia*, consultado em 27-03-2012, <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/periodicos/f0d9405ab2a47cc0c4e42cecf4bc13be.pdf>
- GAUTER, G. 2001. (Personalidade e conduta violenta), *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, consultado em 30-03-2012, <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/75/74>

Anexos

Notícia de Homicídio:

“Divórcio origina três mortes em casa”

Nota: A notícia encontra-se em documento word neste dvd

Notícia de violação:

“Casal violava os três filhos e forçava-os a sexo entre eles”

Nota: A notícia encontra-se em documento word neste dvd

Inquérito utilizado na investigação

Este inquérito é parte de um estudo que me encontro a desenvolver para a realização de um mestrado. O inquérito é composto por 18 questões abertas e fechadas. Todas as respostas são confidenciais. Muito obrigada pela sua colaboração.

1 – Sexo: M F

2 – Idade _____

3 – Curso: _____

4 – Grau: Licenciatura Mestrado

5- Considera-se uma pessoa informada sobre o que se passa no mundo?

5.1. Sim 5.2. Não

6 – Costuma aceder às notícias através de que meio de comunicação:

6.1. Jornal

6.1.1. Várias vezes por dia

6.1.2. Todos os dias

6.1.3. Uma vez por semana

6.1.4. Raramente

6.2. Televisão

6.2.1 Várias vezes por dia

6.2.2. Todos os dias

6.2.3. Uma vez por semana

6.2.4. Raramente

6.3. Online

6.3.1. Várias vezes por dia

6.3.2. Todos os dias

6.3.3. Uma vez por semana

6.3.4. Raramente

6.4. Rádio

6.4.1 Várias vezes por dia

6.4.2. Todos os dias

6.4.3. Uma vez por semana

6.4.4. Raramente

7 – Qual o meio de comunicação que prefere para aceder a notícias? Porquê?

8- Relativamente á notícia de homicídio, qual foi o factor que o mais impressionou:

8.1. Linguagem

8.2. Imagens

8.3. A gravidade do crime

8.4. A vítima e o criminoso envolvidos

8.5. Outro _____

9 - Relativamente á notícia de violação, qual foi o factor que o mais impressionou?

- 9.1. Linguagem 9.2. Imagens
9.3. A gravidade do crime 9.4. A vítima e o criminoso envolvidos
9.5. Outro _____

10 – Relativamente às duas notícias que acaba de visionar, qual foi a que captou mais a sua atenção e aquela que mais o chocou?

- 10.1. Notícia de homicídio 10.3. Notícia de pedofilia

11 – Por que motivo o chocou mais essa notícia?

- 11.1. As imagens 11.2. A notícia envolver crianças
11.3. A linguagem utilizada 11.4. A gravidade do crime
11.5. Outras _____

12 – Relativamente à notícia que considera ter produzido mais impacto em si enquanto leitor/espectador (pergunta 11), qual dos *media* mais contribuiu para esse impacto?

- 12.1. Televisão 12.2. Jornal

13 – Apresente uma razão para a escolha do *media* que mais chamou a sua atenção na apresentação da notícia:

14 – Na sua opinião, actualmente, qual dos dois meios de comunicação é mais realista e verdadeiro quanto à transmissão de notícias de crime?

- 14.1. Televisão 14.2. Jornal

15 – Apresente um argumento breve que justifique a sua escolha na pergunta 14:

16 – Na sua opinião, qual dos dois meios de comunicação provoca mais impacto nas pessoas quando transmite uma notícia de crime?

- 16.1. Televisão 16.2. Jornal

17 – Razões de escolha:

- 17.1. Audiovisual
17.2. Escrita pormenorizada do crime

17.3. Televisão transmite melhor os crimes sociais

17.4. Jornal transmite melhor os crimes sociais

18 – Numa escala de 0 a 6, em que 0 é nenhum, e 6 é grande excesso, relativamente á relação *media-crime*, acha que existe sensacionalismo nos órgãos de comunicação portugueses?

1 2 3 4 5 6

Data:/...../2011